

Paulo Henrique Caetano Galvão

“Nunca antes neste País”: uma análise do discurso econômico do presidente Lula

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Jornalismo Econômico, exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Jornalismo Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Bruno B. A. Dallari

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da
PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, abril de 2009.

Paulo Henrique Caetano Galvão

“Nunca antes neste País”: uma análise do discurso econômico do presidente Lula

Monografia de conclusão do Curso de Especialização em Jornalismo Econômico, exigência parcial para obtenção do grau de Especialista em Jornalismo Econômico.

Orientador: Prof. Dr. Bruno B. A. Dallari

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão da
PUC-SP

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, abril de 2009.

Galvão, Paulo Henrique Caetano
Nunca antes neste País: uma análise do discurso do
presidente Lula / Paulo Henrique Caetano Galvão. -- São Paulo, 2009
172 f. ; 29cm

Monografia - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão,
2009

Orientador: Bruno Bohomoletz de Abreu Dallari
Bibliografia

1. Lula. 2. Análise de Discurso. 3. Economia. 4. Imprensa. I.
Título. II. São Paulo.

Resumo

O presente trabalho identifica aspectos recorrentes do discurso do presidente da República e verifica de que forma as falas de Lula são recebidas por camadas distintas da sociedade. Para tanto, foram analisados todos os pronunciamentos do presidente, que tinham relação direta ou indireta com questões econômicas, durante os três meses que se seguiram à elevação do Brasil ao grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor's, em 30 de abril de 2008.

Utilizando a metodologia da Análise de Discurso (AD) e entrevistas com populares e especialistas (dois jornalistas, um cientista político e um economista), foi identificado, entre outros aspectos, até que ponto a fala de Lula é recebida como verdadeira. Uma das hipóteses investigadas foi a de que o presidente, como intérprete de uma realidade, propõe, por meio de uma linguagem popular e recheada de metáforas, uma visão própria do real.

O título, “Nunca antes neste País”, remete a uma das práticas recorrentes de Lula em seus discursos, que é a de passar a idéia de que algo de novo está sendo feito. Também se repetem nas falas do presidente e foram tratados nesse estudo, entre outros, os seguintes aspectos: Lula muda a forma de falar de acordo com a platéia e se comunica muitas vezes por meio de brincadeiras. O presidente ressalta o fato de governar para os pobres, lembra das dificuldades pelas quais passou e critica constantemente os governos anteriores. Lula se expressa de forma demagógica ou irônica e comete erros de língua portuguesa.

Palavras chave: Lula, análise de discurso, economia, imprensa

Abstract

This research is about reiterated aspects of President Lula speeches, aiming at examining how it is received by people from each of the several layers of the Brazilian society. The selected speeches are the ones related to economic issues, covering the period of three months after the upgrading of the Brazilian economy to “investment grade”, as labeled by Standard & Poor’s, a risk rating agency, in April, 2008.

Resorting to discourse analysis as methodological approach, over interviews with both laymen and specialists, we examined the extent to which Lula’s speeches are considered as being trustworthy by the public. One of the explaining hypothesis is that the President proposes its own interpretation of the reality, by means of a language which is close to the people and which resorts to popular metaphors.

“Nunca antes neste País” (never before in this country) refers to a reiterated assumption of Lula’s speeches which is that something unprecedented is being done. Other aspects also analysed in this research: Lula changes his way of speaking according to the audience and plays many jokes with it. He underlies the fact that he governs mainly to the unprivileged and uses to remind about his own childhood in poverty, as a way of criticizing precedent governments. He expresses himself in a demagogic or ironic way, making several mistakes on Portuguese standard language.

Key-words: Lula, discourse analysis, economy, press

Sumário

1. Introdução _____	01
1.1 – Objetivo _____	01
1.2 – Justificativa _____	05
2. Fundamentação Teórica e Metodologia _____	07
3. Análise dos discursos _____	14
3.1 – <i>Lula fala a língua do povo</i> _____	14
3.2 – <i>Lula é demagogo, fala o que o povo quer ouvir</i> _____	26
3.3 – <i>Lula, o brincalhão</i> _____	36
3.4 – <i>Lula faz o que ninguém fez</i> _____	47
3.5 – <i>Lula conserta o que os outros fizeram de errado</i> _____	53
3.6 – <i>Lula, um ufanista</i> _____	63
3.7 – <i>Lula resgata a auto-estima do brasileiro</i> _____	69
3.8 – <i>Lula reclama da imprensa e dos que torcem contra</i> _____	78
3.9 – <i>Lula é o presidente dos pobres</i> _____	96
3.10 – <i>Lula faz questão de lembrar que também foi pobre</i> _____	106
3.11 – <i>Lula é um homem do povo</i> _____	115
3.12 – <i>Lula adora metáforas</i> _____	130
3.13 – <i>Lula fala errado</i> _____	150
4. Conclusão _____	154
5. Bibliografia _____	171

1 – Introdução

1.1 – Objetivo

O aumento da popularidade do presidente da República e a melhora da avaliação do governo por parte da população, no início do segundo semestre de 2008, coincidiram com um momento em que a economia brasileira registrava bons resultados, ainda não afetados de forma significativa pela crise econômica internacional. Em discursos, entrevistas e no programa de rádio semanal “Café com o Presidente”, Lula aproveitou os números positivos para se “capitalizar”, enaltecendo a atuação da administração federal e ressaltando a melhoria do posicionamento do Brasil no cenário econômico mundial. O “nunca antes neste País”, tido como um bordão do presidente Lula, pôde ser identificado em várias das falas do presidente, não de forma explícita, mas por meio de expressões que denotavam a idéia de que algo inédito estaria ocorrendo no País.

Em 30 de abril de 2008, quando a agência de classificação de risco Standard & Poor’s decidiu conceder o grau de investimento soberano ao Brasil, Lula afirmou que “com essa nova classificação, não resta mais dúvida de que agora o Brasil é um país sério”¹. Cinco dias depois, ao discursar para cinco mil pessoas em Teresina, no Piauí, Lula recorreu a uma frase bastante utilizada no regime militar. “Ninguém segura este País”.

No dia 12 de maio, durante anúncio da nova política industrial, no Rio de Janeiro, Lula afirmou que chegou o “momento da virada”, pois “atravessamos o deserto da estagnação”. Segundo o presidente, é hora de “consolidar a vitória do Brasil sobre 25 anos de incertezas, de crescimento volátil e baixo, de marasmo e apatia”. O tom ufanista retornou com ainda mais força no mesmo dia. Em visita a Itaguaí, durante lançamento das obras do Arco Metropolitano do Rio, Lula voltou a comparar-se com o

¹ Uma referência velada a uma frase que teria sido dita pelo ex-presidente francês Charles de Gaulle na década de 60, durante uma contenda entre Brasil e França envolvendo pescadores franceses que capturavam lagostas na costa brasileira. O governante francês teria dito, na ocasião, que o Brasil não era um país sério. De Gaulle sempre negou a autoria, mas a expressão é comumente usada pelos brasileiros quando querem criticar o País.

ex-presidente Juscelino Kubitschek e afirmou que o “País do futuro”², sempre prometido aos brasileiros, “vai chegar” nos próximos anos.

Em 10 de junho, discursando para empresários na abertura da feira Hospitalar 2008, em São Paulo, o presidente comemorou a alta de 5,8% do Produto Interno Bruto, em 2007, afirmando que “o País se encontrou consigo mesmo”. De acordo com Lula, “logo faremos definitivamente parte das decisões que nortearão a política econômica do mundo inteiro”. Três semanas depois, o presidente ressaltou o uso de etanol nos carros brasileiros, durante o lançamento do novo Gol, na fábrica da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. Segundo ele, “haverá um momento em que o mundo irá se curvar aos combustíveis renováveis e o Brasil vai poder vender mais”.

O presente trabalho tem como meta analisar as falas do presidente da República relacionadas, direta ou indiretamente, a assuntos econômicos, entre os dias 30 de abril e 31 de julho. Quando discorre sobre economia, Lula normalmente utiliza metáforas. Exemplos ligados à dona de casa ou ao futebol são recorrentes. Essa prática aproxima o discurso da massa ou não tem efeito sobre o nível de entendimento da população?

Nove dias depois de o Brasil ter seu *rating* elevado pela agência de classificação de risco Standard & Poor's, o presidente demonstrou uma suposta ignorância em relação ao assunto. Disse, em discurso improvisado durante o lançamento simbólico das obras de um gasoduto na Bahia, que, quando ouviu a notícia na TV, nem sabia do que se tratava. Depois afirmou que era “chique” ser *investment grade*.

Uma análise das falas do presidente durante o período em questão revela discursos que podem ser interpretados como incoerentes relacionados à ameaça de pressões inflacionárias e à forma como o governo encara o problema. No programa de rádio “Café com o Presidente” de 19 de maio, Lula diz que “cuidar da inflação é uma obrigação de todo brasileiro”. Segundo ele, “todos precisam se preocupar com a inflação, porque ela é um mal muito grande para o País”. No dia seguinte, durante o anúncio de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), na favela de Heliópolis, a maior de São Paulo³, o presidente foi ainda mais enfático. Afirmou que a

² O suíço Stefan Zweig pode ser considerado o pai dessa idéia, por ter escrito, nos anos 40, um livro intitulado “Brasil, um país de futuro” em que descrevia nossas potencialidades. O autor suicidou-se em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1942.

³ Localizada na zona sul de São Paulo, tem cerca de 120 mil moradores.

volta da inflação representa “a pior desgraça para o povo que vive de salário, porque come o salário do trabalhador”. Em 30 de maio, seis dias antes de o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) elevar a taxa básica de juros (Selic) em 0,5 ponto porcentual, para 12,25% ao ano, o presidente disse que o governo faria “o sacrifício” que fosse necessário “para manter uma política fiscal responsável”. Falando de improviso, lembrou o tempo em que tinha de dar “remédio amargo” para o filho caçula. “Ele chorava, mas eu dava porque sabia que era necessário”, afirmou Lula. Em 16 de junho, durante visita à BM&F Bovespa, em São Paulo, Lula disse que “o controle de inflação continuará a ser prioridade” no governo.

No entanto, duas semanas depois, em 2 de julho, o presidente Lula afirmou, em Brasília, durante lançamento do Plano Safra Mais de Alimentos, que “não há motivo para se perder nem meia hora de sono” com a inflação. De acordo com o presidente, “o que nós precisamos é estar atentos para que a inflação não fuja de controle”.

Uma semana depois dessa fala do presidente, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgava o IPCA do mês de junho, que batera em 0,74%, contra 0,24% no mesmo período do ano passado. Tido como o índice oficial de inflação, usado para balizar as metas estipuladas pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), o Índice de Preços ao Consumidor Amplo acumulava nos últimos 12 meses, até junho de 2008, uma alta de 6,06%, ou seja, bem acima do centro da meta, que era de 4,5%, e quase alcançando o teto, de 6,5%. O IGP-DI, medido pela Fundação Getúlio Vargas, registrou em junho a maior alta em cinco anos, 1,89%, e o IGP-M, também da FGV, utilizado na maioria dos contratos de aluguéis residenciais, subiu 1,55% em junho, acumulando alta de 14,8% em 12 meses.

Outra afirmação do presidente Lula referente à inflação que merece ser alvo de estudo nesse trabalho foi feita no programa de rádio “Café com o Presidente” do dia 5 de maio. O programa foi ao ar alguns dias depois que o governo federal tinha anunciado um reajuste dos preços dos combustíveis cobrados pela Petrobras nas refinarias. A elevação foi de 10% para a gasolina e de 15% para o diesel. No entanto, para evitar que o reajuste fosse repassado ao bolso do consumidor, o governo decidiu reduzir a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) que incide sobre a gasolina. Dessa forma, para os revendedores, a gasolina deveria chegar com o mesmo

preço. Diante, portanto, da inexistência de justificativa para elevação dos preços da gasolina nos postos, o presidente afirmou que “é importante as pessoas ficarem atentas. Se algum posto estiver aumentando, as pessoas podem denunciar”. Lula esqueceu-se, no entanto, que o valor do combustível não é tabelado. Dessa forma, não há nada que impeça que um comerciante venda seu produto por um preço acima da concorrência. Na edição de 6 de maio de 2008 do jornal “O Estado de S.Paulo”, o gerente jurídico do Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor (Idec), qualificou a fala do presidente como um “exercício de retórica”. Segundo Marcos Diegues, não há “mecanismo legal que impeça os fornecedores de atribuir o preço que quiserem ao produto”.

Diante do quadro acima exposto, o objetivo do trabalho é identificar como o discurso de Lula é recebido por camadas distintas da sociedade e avaliar até que ponto o presidente, como intérprete de uma realidade, propõe uma visão própria do real. Há algumas questões a serem respondidas: o presidente simplesmente traduz os acontecimentos para uma linguagem mais acessível à população ou cria uma realidade distinta dos fatos? O discurso econômico do presidente Lula é recebido pela população brasileira como verdadeiro? Em caso afirmativo, em que medida o governo pode criar realidades econômicas por meio de discursos, utilizando-se das chamadas profecias auto-realizáveis?

1.2 – Justificativa

Julgo que o estudo tem relevância e oportunidade na medida em que aborda um aspecto importante do governo federal, que é a questão econômica, e porque elege como um dos objetos o discurso do atual presidente da República. Entre as hipóteses a serem investigadas está a de que Lula cria, muitas vezes com o auxílio de metáforas, um mundo próprio, nem sempre fiel à realidade.

A importância desse trabalho é referendada também pela quantidade de notícias econômicas relacionadas ao presidente da República publicadas nos mais diversos meios de comunicação durante o período selecionado para observação. Nos meses de

maio, junho e julho de 2008, a palavra de Lula surgiu quase que diariamente nos jornais, revistas, sites da internet, telejornais e programas de rádio.

Entre os motivos que podem justificar essa superexposição estão o lançamento de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), as constantes viagens nacionais⁴ e internacionais⁵, o aumento da preocupação em relação a questões importantes, como a inflação, além de notícias positivas como a elevação do Brasil ao grau de investimento por duas importantes agências de classificação de risco, e a descoberta de novos campos de petróleo pela Petrobras. É evidente também que a proximidade das eleições municipais de outubro de 2008 motivou o presidente a estar cada vez mais presente na mídia.

A relevância do trabalho no contexto do jornalismo econômico reside no fato de que a palavra do presidente pode ter efeito direto no comportamento das pessoas. Um exemplo que merece ser citado, apesar de não estar dentro do recorte temporal desse estudo, é o pronunciamento feito por Lula em cadeia de rádio e TV na noite de 22 de dezembro de 2008, quando a crise financeira internacional já afetava o Brasil de maneira direta. Receoso com a redução da atividade econômica no País, o presidente afirmou o seguinte: “E você, meu amigo e minha amiga, não tenha medo de consumir com responsabilidade. Se você está com dívidas, procure antes equilibrar seu orçamento. Mas, se tem um dinheirinho no bolso ou recebeu o décimo terceiro, e está querendo comprar uma geladeira, um fogão ou trocar de carro, não frustrar seu sonho, com medo do futuro⁶”. O apelo feito por Lula à população é, portanto, um exemplo claro de como o discurso do presidente, se recebido como verdadeiro, pode afetar diretamente a economia do País.

Minha motivação pessoal para esse trabalho tem duas vertentes. A primeira é o fato de trabalhar desde 1994 em emissoras de rádio voltadas para o jornalismo, o que

⁴ De 30 de abril a 31 de julho de 2008, o presidente visitou 23 cidades, sendo nove capitais. Esteve em São Paulo cinco vezes; no Rio de Janeiro, três; em Salvador, duas; e passou por Maceió, Teresina, Manaus, Belém, Curitiba e Belo Horizonte. Foram ainda quatro viagens a São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, onde Lula tem residência particular.

⁵ No período analisado, Lula fez visitas oficiais a 13 países (Peru, Haiti, El Salvador, Itália, Venezuela, Argentina, Japão, Vietnã, Timor Leste, Indonésia, Bolívia, Colômbia e Portugal) e ainda passou por Espanha e Rússia no caminho para o Japão e por Angola no retorno da Indonésia (cada uma das escalas durou cerca de uma hora e meia).

⁶ Na explicação que dá para sua fala, logo em seguida, Lula ainda incluiu uma pitada de “terrorismo”: “Porque se você não comprar, o comércio não vende. E se a loja não vender, não fará novas encomendas à fábrica. E aí a fábrica produzirá menos e, a médio prazo, o seu emprego poderá estar em risco”.

faz com que eu esteja em contato diário com os discursos, entrevistas e pronunciamentos do presidente da República. Quando comecei a pensar sobre o assunto que abordaria em minha monografia, a premissa básica era de que a escolha estivesse voltada a algo relacionado ao meu cotidiano, que me trouxesse conhecimentos ligados ao meu dia-a-dia profissional.

O outro aspecto está vinculado a minha segunda formação universitária, já que, além de jornalista formado pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero (1993), sou graduado em história pela Universidade de São Paulo (2005). Creio que a relevância social do meu trabalho pode ser atestada se analisarmos o objetivo proposto do ponto de vista histórico. Se a resposta à pergunta-problema for sim, ou seja, se o discurso econômico de Lula for recebido como verdadeiro, é possível avaliar os reflexos que isso terá na imagem que o atual presidente deixará para as gerações futuras. Explico: se as idéias ufanistas de que “atravessamos o deserto da estagnação”, de que “nunca antes neste País” ou de que o atual presidente pode ser comparado com Juscelino Kubitschek são aceitas pela sociedade atual, provavelmente terão influência na maneira como Lula será avaliado daqui a algumas décadas.

O início do recorte de tempo em 30 de abril de 2008 justifica-se pelo fato de que a data teve importância significativa no contexto da economia brasileira. A elevação do Brasil à condição de grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor's alçou o Brasil a um novo patamar na escala do reconhecimento internacional da solidez da economia local. A nova chancela, concedida também pela agência Fitch no dia 29 de maio, indicava que a comunidade internacional tinha elevado sua confiança na capacidade de o Brasil honrar seus compromissos financeiros. Na prática, abriu caminho para um incremento dos investimentos externos no País, já que, por exemplo, os fundos de pensão americanos, que possuem um patrimônio estimado em até US\$ 14 trilhões, só podem investir quantias significativas em países que já estejam no grau de investimento. Vale ressaltar que essa consequência positiva para a economia brasileira não se efetivou até o momento, entre outros motivos, pela crise econômica iniciada nos Estados Unidos e que se alastrou por todo o mundo nos últimos meses de 2008.

2 - Fundamentação Teórica e Metodologia

O trabalho de coleta dos dados que interessam a esse estudo teve início em 30 de abril de 2008. Assinante do jornal O Estado de S.Paulo, separei e grifei todas as notícias que continham falas do presidente da República relacionadas, direta ou indiretamente, a assuntos econômicos. Incluo o “indiretamente” porque há exemplos de notícias que, à primeira vista, não parecem ter ligação com a economia, mas que também acabam configurando-se como objetos de estudo. Um exemplo pode ser o episódio da saída de Marina Silva do Ministério do Meio Ambiente, ocorrida em 13 de maio. Os desdobramentos do fato mostraram que a substituição dela por Carlos Minc envolveu um forte componente econômico, já que o novo ministro, enquanto secretário de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, adotara uma conduta mais flexível em relação às licenças ambientais.

Essa tarefa de identificação de assuntos por meio do jornal serviu apenas para auxiliar meu trabalho de coleta das falas do presidente da República, já que o Estadão, como as demais publicações escritas, traz, normalmente, apenas trechos curtos, entre aspas, do que foi, efetivamente, dito por Lula. Minha fonte, portanto, foi a página da presidência da República na internet⁷, onde encontrei, além dos programas de rádio “Café com o Presidente”, todas as entrevistas, discursos e pronunciamentos do presidente. Ao todo, foram analisados 86 discursos, 37 entrevistas e 13 programas “Café com o Presidente”. No site, tive acesso tanto ao áudio quanto à transcrição das falas. Ainda que o trabalho de transcrição já tivesse sido feito pela equipe do Palácio do Planalto, ouvi todos os arquivos para verificar se algo foi acrescentado ou suprimido. Uma repetição de palavra, uma interjeição, uma respiração mais profunda ou mesmo um ato falho, em alguns casos, não estão reproduzidos na página oficial, mas têm importância no contexto desse trabalho acadêmico.

Após a coleta de todo esse material, procurei identificar nos discursos, entrevistas e programas “Café com o Presidente” aspectos recorrentes na fala de Lula que tivessem alguma relação com o objetivo do trabalho. São eles:

⁷ Site da presidência da República do Brasil: <http://www.presidencia.gov.br/noticias/discursos/>

Lula muda a forma de falar de acordo com a platéia e utiliza a chamada linguagem do povo. O presidente faz brincadeiras ou conta passagens divertidas, engraçadas, interagindo de forma amistosa com a platéia. Ele freqüentemente ressalta o fato de o governo priorizar o atendimento aos pobres e critica o preconceito contra as classes mais baixas. Lula também demonstra grande confiança na melhoria do País e ressalta a necessidade de o povo ter pensamento positivo e orgulho de ser brasileiro, mas faz críticas aos governos anteriores.

O presidente qualifica os feitos ou resultados obtidos pelo atual governo como inéditos (nunca antes neste País) e critica um suposto pessimismo por parte da oposição ou dos jornalistas. Lula reclama ainda que a imprensa em geral tem uma postura muito crítica em relação ao governo.

Lula costuma lembrar a infância pobre, o passado de metalúrgico e fala muito das dificuldades pelas quais passou. Nos discursos, apresenta-se como homem do povo, que gosta de pescaria, futebol e de bebidas alcoólicas. Usa muitas metáforas ligadas à vida familiar e ao cotidiano e cita Deus em diversos momentos.

Foram identificados também episódios em que o presidente se expressa de forma demagógica ou irônica ou faz questão de demonstrar ignorância sobre determinado assunto. Os erros de língua portuguesa e a forma como estes desvios da língua culta são suprimidos das transcrições dos discursos na página da Presidência da República na internet também serão alvo de análise no presente trabalho.

O estudo realizado com esse material será sempre ancorado na noção de dialogia de Bakhtin, mais precisamente no conceito de intersubjetividade, em que o discurso não existe por si mesmo; ele só existe em um espaço entre sujeitos. Sendo assim, minha análise não será feita somente a respeito do que é dito pelo presidente da República, mas também em relação à forma como o discurso de Lula é recebido por diferentes camadas da sociedade. Na tentativa de abranger espectros diferenciados, recorri aos conceitos de “vozes autorizadas”, “discursos ingênuos” e “falas populares”, criados por Gramsci. Dessa forma, meu universo de investigação foi além dos discursos, entrevistas e programas “Café com o Presidente”.

À luz da instância epistemológica que, segundo Maria Immacolata Vassalo de Lopes, “exerce uma função de vigilância crítica na pesquisa”⁸, cabe ressaltar que estarei atento ao que afirma Márcia Benetti em relação à Análise de Discurso. Segundo a doutora em Comunicação pela PUC-SP e diretora científica da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), “a AD é um método de interpretação que exige disposição intelectual do pesquisador. No entanto, não são aceitáveis as interpretações – talvez fosse melhor dizer “comentários”? – com base em impressões do analista. É preciso construir um quadro de formações discursivas justificadas explicitamente pelos textos em análise”⁹.

Como “vozes autorizadas”, colhi, por meio de entrevistas gravadas, os depoimentos dos jornalistas Joelson Beting e Ricardo Kotscho, do cientista político Roberto Romano e do economista Antonio Corrêa de Lacerda.

Joelson foi escolhido por ser um jornalista econômico que atua em rádio e televisão há quatro décadas. O fato de ele, a exemplo do presidente da República, usar freqüentemente metáforas para transmitir suas mensagens também foi levado em consideração. A facilidade de acesso à fonte também justificou a escolha, já que trabalhamos no mesmo veículo de comunicação, a Rádio Bandeirantes, em São Paulo.

Ricardo Kotscho também configurou-se como uma fonte representativa dentro do meu universo de investigação. Amigo pessoal de Lula desde os tempos em que o presidente da República atuava como sindicalista, na década de 80, assessorou o presidente em três campanhas eleitorais e atuou também como Secretário de Imprensa nos dois primeiros anos do governo Lula, deixando o cargo em novembro de 2004.

Professor titular do Departamento de Filosofia da Unicamp, o cientista político Roberto Romano é autor de diversos livros, entre eles “Silêncio e Ruído” em que, sob as Luzes de Diderot, ajuda o leitor a compreender situações cruciais da vida humana, como os equívocos da linguagem e a retórica. Sua contribuição foi essencial, na medida em que identificou no discurso do presidente Lula elementos fundamentais da arte da retórica como, por exemplo, captar a benevolência do público.

⁸ Maria Immacolata Vassalo de Lopes, “Pesquisa em comunicação”, São Paulo, Loyola, 2005, pg. 121.

⁹ Marcia Benetti, “Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos”, in Cláudia Lago e Márcia Benetti, “Metodologia de Pesquisa em Jornalismo”, Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2007, pg. 112.

Completando o universo das chamadas “vozes autorizadas”, entrevistei o economista Antonio Corrêa de Lacerda, professor doutor do Departamento de Economia da PUC/SP e ex-presidente do Conselho Federal de Economia. A forma clara e didática como se expressa faz com que ele seja presença constante nos noticiários de rádio e televisão, tendo colaborado também sobremaneira com esse trabalho acadêmico.

Como “discursos ingênuos” ou espontâneos, utilizarei comentários inseridos em blogs na internet. Apesar de qualificados como “ingênuos”, esses discursos serão analisados sob o pressuposto de que, normalmente, a pessoa que acessa um blog e expõe sua opinião sobre economia na internet possui um nível de consciência política acima da média da população. Como exemplo, reproduzo abaixo um texto publicado pela jornalista Rosane de Oliveira, editora de política do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em seu blog na internet¹⁰:

Lula, Feijão e o investment grade

Esta história foi contada pelo ministro da Justiça, Tarso Genro, para ilustrar a capacidade do presidente Lula de se comunicar com as massas. Em um ato de assinatura de convênios do PAC na periferia de Teresina, Lula perguntou ao microfone:

- Vocês já ouviram falar de investment grade?

Diante do silêncio da platéia, prosseguiu:

- Eu também não sabia o que era isso. Quando me disseram que o Brasil ganhou o investment grade, liguei para o ministro Mantega e perguntei o que era isso. O Mantega me explicou. Vou contar para vocês o que é investment grade. Quando eu era metalúrgico, tinha um amigo, o Feijão, que gastava tudo o que ganhava no carteadado. Chegava em casa sem dinheiro pra comprar comida, a mulher reclamava. Ninguém queria emprestar dinheiro pra ele. Eu não. Recebia meu salário e entregava tudo pra Marisa. A gente comprava comida, pagava as coisas direitinho, tinha crédito na praça. Lula era investment grade. O Feijão não. Para ele ninguém queria emprestar dinheiro.

A idéia não é analisar as informações publicadas pelos autores dos blogs, mas sim os comentários inseridos pelos internautas que visitam o site. Um dos 16 postados

¹⁰ Blog da Rosane de Oliveira:

(<http://www.clicrbs.com.br/blog/jsp/default.jsp?source=DYNAMIC,blog.BlogDataServer,getBlog&pg=1&template=3948.dwt&tipo=1§ion=Blogs&p=1&coldir=2&blog=218&topo=3994.dwt&uf=1&local=1>)

até o dia 15 de julho de 2008 em relação ao texto acima vai ao encontro do objeto de estudo do presente trabalho. Foi escrito por Luiz, de Caxias do Sul, na segunda-feira, 19 de maio, às 10h24:

Quando se quer fazer algo para o povo se fala a linguagem do povo e não como os atucanados que criaram o alfabeto tucanês aqui na aldeia. Por que será?

Com o intuito de aumentar a representatividade de meu universo investigativo, procurei identificar de que forma o discurso do presidente Lula é recebido pelas chamadas “falas populares”. Minha estratégia foi realizar uma série de entrevistas com pessoas do povo em três diferentes pontos da capital paulista: o bairro de Moema, na zona sul da cidade; as imediações do Hospital São Paulo, na Vila Clementino, também zona sul; e o pátio do Colégio, no centro.

Como já havia colhido os depoimentos das “vozes autorizadas” (Joelmir, Kotscho, Romano e Lacerda) e os chamados “discursos ingênuos” encontrados nos blogs, como dito anteriormente, pressupõem um certo grau de politização de quem se dispõe a escrever nesses espaços, procurei priorizar pessoas das classes menos favorecidas entre as que entrevistei nas ruas, o que não impediu que fossem ouvidos também cidadãos com nível superior completo.

Em Moema, por exemplo, conversei com diversas pessoas que prestavam algum tipo de serviço no bairro, como um taxista, um marceneiro, um meio oficial de cozinha, um ajudante de embalador, um pintor, um manobrista, um orientador de estacionamento, um fiscal de táxi, uma empregada doméstica, um pedreiro e um desempregado, além de uma empresária.

Na Vila Clementino, próximo do Hospital São Paulo, pude encontrar pessoas de outras cidades que vieram à capital para atendimento médico próprio ou de algum familiar. Falei com uma dona de casa de Boituva, no interior paulista, um trabalhador autônomo do setor têxtil de Capivari, também no interior de São Paulo e um vendedor de Poços de Caldas, Minas Gerais. Os outros entrevistados na região foram um taxista, um carroceiro, um médico, um cabeleireiro, um professor, um manobrista, uma vendedora ambulante que se identificou como dona de casa, um morador de rua, um vigilante, um porteiro, uma manicure e um aposentado.

A visita ao pátio do Colégio no dia 6 de dezembro de 2008, um sábado, foi realizada com o objetivo de encontrar moradores de outras cidades, já que trata-se de um dos principais pontos turísticos da capital. Conversei com um professor de música, do Rio de Janeiro; um auxiliar de encarregado, de Guarulhos; um estudante, de Osasco; uma médica, de Salvador; um motorista, de São Bernardo do Campo; uma assistente administrativa, também de São Bernardo do Campo; um outro professor, de Ribeirão Preto; e um metalúrgico de Itu. Da capital, foram ouvidos nesse dia um fotógrafo, um empresário, um limpador de vidros, um assistente administrativo, uma gerente comercial e uma dona de casa.

O objetivo principal das entrevistas nas ruas foi verificar até que ponto o discurso do presidente Lula é encarado como verdadeiro pela população em geral. Os outros aspectos identificados na fala do presidente durante o período estudado nesse trabalho também foram abordados, como as referências ao passado humilde, o ufanismo, as críticas aos governos anteriores e o uso de metáforas. As mesmas questões, em um total de oito, foram propostas a todos os entrevistados. A primeira delas procurou identificar que diferenças a pessoa notava na forma de falar do presidente Lula em relação ao antecessor, Fernando Henrique Cardoso.

Minha meta daqui para frente será, portanto, confrontar os aspectos recorrentes identificados por mim na fala do presidente Lula com as análises dos especialistas entrevistados, as opiniões expostas na internet por meio de blogs e as respostas dadas pelos cidadãos abordados nas ruas de São Paulo. A característica dialógica desse formato pode ser referendada por uma citação de Bakhtin destacada por Renata Coelho Marchezan: "... Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação do sentido, desde que haja alguma convergência do sentido ..."¹¹.

Como metodologia científica, utilizarei, de um modo geral, a Análise de Discurso. Para dar conta de aspectos específicos da produção lingüística irei recorrer a abordagens como a semântica argumentativa, desenvolvida por Oswald Ducrot, e

¹¹ Renata Coelho Marchezan, "Diálogo", in Beth Brait (org.), "Bakhtin – outros conceitos-chave", São Paulo, Contexto, p. 118.

também a alguns elementos da pragmática da conversação anglo-saxônica. Esses conceitos nos remetem à característica da língua de produzir efeitos nos ouvintes.

Os conceitos de ato ilocucionário e ato perlocucionário, desenvolvidos pelo filósofo britânico J. L. Austin, poderão ser úteis. O primeiro pode ser definido como a menor unidade completa possível da comunicação linguística humana. Portanto, os atos ilocucionários ocorrem sempre que falamos ou escrevemos para outra pessoa. Os atos perlocucionários são, no entanto, aqueles que “produzimos porque dizemos algo”¹², explica Austin. Na obra “Mente, Linguagem e Sociedade”, John R. Searle cita exemplos que facilitam o entendimento da diferença entre os dois atos de fala. As sentenças abaixo possuem sempre dois verbos, sendo o primeiro mencionando um ato ilocucionário e o segundo, relacionado às conseqüências advindas do primeiro, caracterizando o ato perlocucionário: “Ao *discutir* com você, posso *persuadi-lo*. Ao *fazer* uma afirmação posso *convencê-lo*. Ao *contar* uma história posso *diverti-lo*”.

Sendo assim, entre meus objetivos estará o de tentar identificar nas falas de Lula os atos perlocucionários produzidos pelo presidente. Exemplos: ao contar uma história engraçada no início de um discurso, o presidente ganha a benevolência da platéia? Ao criticar os governos anteriores, Lula conquista a simpatia do povo? Ao citar sua infância pobre, o presidente comove?

Por meio da análise das vozes autorizadas, dos discursos ingênuos e das falas populares tentarei identificar também se, aos olhos da população em geral, Lula pode ser considerado um político diferente dos outros. E em caso afirmativo, investigar como o presidente consegue manter essa relação singular e de confiança com a população.

¹² J.L. Austin, “Quando dizer é fazer”, Porto Alegre, Artes Médicas, 1990, p. 95.

3 – Análise dos discursos

3.1 – *Lula fala a língua do povo*

Ao analisar os discursos e entrevistas de Lula no período de 30 de abril a 31 de julho de 2008 registrei 87 momentos¹³ em que o presidente da República utiliza termos da chamada linguagem popular, incluindo gírias e até palavrões, carrega no sotaque, principalmente quando está nas regiões Norte e Nordeste do País, ou usa termos regionais¹⁴.

Por meio das entrevistas realizadas nas ruas de São Paulo pude constatar que essa prática não passa despercebida do grande público. Perguntados sobre se notavam alguma diferença na forma de se comunicar entre o atual presidente e o anterior, Fernando Henrique Cardoso, 21 dos 41 entrevistados fizeram menção à forma “popular” como Lula se expressa.

“Ele fala a língua da gente, a língua dos pobres, a língua que todo mundo entende, ... muito bonito o jeito dele falar”, disse o pintor Deraldino, que deixou a família na Bahia para trabalhar na capital paulista. “Ele fala de maneira mais popular, de forma que o povo entende”, afirmou Vinícius, estudante em Osasco, na Grande São Paulo. “O presidente Lula consegue falar mais a linguagem popular, do povo brasileiro, e Fernando Henrique, por sua formação acadêmica, tinha uma linguagem mais refinada, que falava mais para a elite. Lula fala direto ao coração das pessoas mais pobres”, completou a médica Ceuci, moradora em Salvador, na Bahia.

¹³ Cada ocorrência refere-se a um trecho do discurso/entrevista em que Lula tenha abordado o tema em questão. Há casos de mais de uma ocorrência em um mesmo discurso.

¹⁴ A contagem do total de ocorrências de cada um dos temas foi feita da seguinte forma: após ouvir todos os discursos, entrevistas e programas “Café com o Presidente” referentes ao período que interessa a esse estudo (30 de abril a 31 de julho de 2008), separei os parágrafos das falas de Lula que pudessem ser objeto de estudo e imprimir em papel do tipo A4, concentrando o texto na parte esquerda da página e deixando 30% da folha em branco, na parte direita, para anotações. Ao reler o material, anotei à caneta no canto direito das transcrições palavras que permitiram a identificação e categorização de cada um dos temas, como, por exemplo, “ufanismo”, “metáfora”, “passado pobre”, “crítica”, “brincadeira”, “nunca antes...”, “língua” etc... Para facilitar a localização de cada categoria de falas no momento em que estivesse, mais à frente no trabalho, analisando o teor do discurso do presidente Lula, numerei cada uma das folhas, em um total de 361. Em seguida, iniciei uma outra listagem que me indicou todas as páginas onde eu encontraria referências a um determinado assunto. Um exemplo: o tema “língua”, que está sendo abordado agora, relacionado aos momentos em que o presidente Lula usou a chamada linguagem do povo, foi encontrado nas páginas 9,11, 20, 22 ... 262, 264 e assim por diante.

Não pretendo transcrever aqui todos os momentos em que o presidente revelou essa característica, mas acredito que uma boa parte deles mereça ser registrada.

Em 2 de maio, durante entrevista exclusiva à TV Cultura, Lula revelou o que disse aos ministros que se mostraram eufóricos demais com o fato de o Brasil ter sido alçado à condição de grau de investimento pela agência de avaliação de riscos Standard & Poor's. "Cautela e caldo de galinha não faz mal a ninguém".

No discurso do dia 5 de maio, durante lançamento de obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) em Teresina, no Piauí, em vários momentos o presidente carregou no sotaque nordestino e utilizou diversos termos regionais. "Eu sei que estava todo mundo arretado de fome, então eu fiquei pensando que vocês não estavam prestando atenção", afirmou no início do pronunciamento. "E aí eu comecei a matutar", disparou mais à frente.

Para o jornalista Ricardo Kotscho, ex-secretário de Imprensa do governo Lula e amigo pessoal do presidente desde o início da década de 80, essa adequação do discurso à plateia é algo que acontece naturalmente com Lula. Kotscho justifica a afirmação lembrando uma frase que, segundo ele, Lula sempre repete: "A tua cabeça pensa e o teu coração sente de acordo com o lugar onde teus pés estão pisando". Segundo Kotscho, "Lula é muito assim; ele tem a influência do meio, sim, ... quer dizer, varia. A essência do que ele pensa é a mesma, mas a maneira de se expressar é diferente".

Kotscho prossegue na argumentação utilizando um exemplo próprio. "Não sei se acontece com você, mas se eu fico uma semana fazendo matéria no interior do Nordeste, eu começo a falar como os caras, a usar expressões ..., então, tem expressões que ele usa lá, que são da infância dele, que o povo de lá entende e que ele não pode usar em Londres, que ninguém vai saber o que ele está falando, entendeu?"

Admito que também já passei por esse tipo de experiência durante viagens ao Nordeste do Brasil, mas como o próprio Kotscho destacou, isso costuma acontecer depois de alguns dias de convivência com pessoas que se expressam de forma diferente da nossa. As viagens do presidente da República dentro do País, normalmente, não duram mais do que um dia. Na data em questão, Lula chegou em

Teresina às 9h30¹⁵, oriundo de Brasília, e iniciou o discurso, cujos trechos foram destacados acima, às 12h20. Não creio que três horas sejam suficientes para que, naturalmente, a fala do presidente se altere.

Vale ressaltar, no entanto, que o reforço no sotaque nordestino e o uso de termos regionais não são comportamentos totalmente distantes da realidade do presidente da República. Lula nasceu em Garanhuns, interior de Pernambuco, em 1945, e mudou-se para o Guarujá, no litoral paulista, com sete anos de idade. Nos anos em que trabalhou como metalúrgico no ABC paulista, na década de 70, o presidente também manteve contato diário com diversos migrantes como ele. O que justifica o registro desse comportamento nesse trabalho acadêmico é o fato de haver uma nítida mudança na forma de falar do presidente Lula de um dia para o outro, de um evento para outro, de acordo com o público receptor.

Em 6 de maio, durante discurso na inauguração de obras de abastecimento de água em Manaus, no Amazonas, Lula voltou a utilizar termos populares em sua fala. “Sacanagem pura, malandragem pura de quem não tem competência para competir com o Brasil”, afirmou, referindo-se às acusações vindas da Comunidade Européia e dos Estados Unidos de que a fabricação de biocombustível no Brasil estaria tomando lugar da produção de alimentos. “Apanhamos que nem cachorro sarnento”, disse, em referência à desconfiança que enfrentou no início do primeiro mandato.

Em 9 de maio, Lula usou dois palavrões em discursos. O primeiro foi na cerimônia de lançamento do Plano de Aceleração do Desenvolvimento e de Diversificação Agrícola na região cacauzeira da Bahia, em Ilhéus, ao falar sobre programas educacionais do governo federal e destacar a importância de concluir uma universidade: “O formado tem facilidade de arrumar emprego e ganhar um salário melhor. O não formado bota a carteira no bolso da bunda, anda dias e meses atrás de um emprego e ninguém pega ...”.

Mais adiante, Lula voltou a abusar da informalidade ao ressaltar a importância de a mulher ter independência financeira. “A mulher que não tem profissão fica tão dependente do marido, que ela é capaz de apanhar de um marido bêbado e não ter coragem de reclamar, porque ela precisa do pão de cada dia. Se ela tiver uma

¹⁵ Dados obtidos na página da presidência da República na internet: www.info.planalto.gov.br.

profissão, e tiver o seu emprego e o seu salário, quando o marido encher o saco, ela fala: ‘pode cair fora, que eu não preciso de você’”. E ainda encerrou com lição de moral: “Uma mulher e um homem têm que viver juntos porque se gostam, porque se amam, porque se tratam bem, não porque um é dependente do outro.”

Mais tarde, durante cerimônia de lançamento de diversos programas ligados a educação, habitação, segurança pública e saneamento, em Salvador, Lula usou mais uma palavra de baixo calão ao se indignar pelo fato de receber críticas por participar da inauguração de obras em período pré-eleitoral. “As pessoas querem até que a gente não vá lançar obra. Tem gente morando na miséria e as pessoas não querem que vá: ‘Espere passar as eleições, presidente’. Puta mé... Como é que pode? Esperar seis meses, com o povo necessitando do dinheiro e do investimento.” Lula foi aplaudido efusivamente pelos presentes no momento em que disse o palavrão, ainda que tenha interrompido a exclamação antes do término da segunda palavra.

No dia 12 de maio, em discurso na cerimônia de comemoração dos 30 anos da greve da Scania, em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, Lula recorreu mais uma vez à linguagem popular ao lembrar do passado. “Então, eu, vira e mexe, estava convidando o Possidônio para ir lá para casa, para prosear um pouco”.

Vejamos como, em 20 de maio, na cerimônia de assinatura de atos relativos a obras do PAC no ABC, o presidente explicou porque admira tanto o litoral: “Em uma cidade que tem praia, as pessoas não sabem quem é rico e quem é pobre. Você levantou, domingo de manhã, colocou um shortinho, uma bermuda, colocou um chinelo, colocou cinco pilas aqui no bolso para tomar uma caipirosca ou uma cerveja, botou um Ray-Ban, mesmo que seja aquele comprado na feira, entrou na areia da praia ninguém sabe se você é francês, é brasileiro, é inglês, é africano. Você está lá junto com qualquer madame, junto com um qualquer, você é igual. Aqui não. Aqui a gente é conhecido pela fotografia do lugar onde a gente mora.”

Entre os entrevistados nas ruas de São Paulo que qualificaram a forma de falar do presidente Lula como “mais popular” do que a de Fernando Henrique Cardoso está o médico Ricardo, ouvido nas proximidades do Hospital São Paulo, na zona sul da capital paulista. “O jeito do Lula falar parece ser mais dirigido ao povo. O Fernando Henrique Cardoso falava de uma maneira um pouco mais elitista, um pouco mais

intelectualizada”. Dona de casa em Boituva, interior paulista, Célia concorda: “Lula fala mais a língua do povo, sem muita frescura, muita palavra difícil, né? A linguagem dele é simples, povão mesmo”. Com a palavra o cabeleireiro Vagner, morador de Santana, zona norte de São Paulo: “Vejo o Lula dizendo conforme o povão fala, né? Não uma coisa difícil que às vezes as pessoas não entendam”. Assistente administrativa em São Bernardo do Campo, no ABC paulista, Edilene tem a mesma opinião: “Ele consegue usar a linguagem popular, que é o que as pessoas precisam. O País é feito de gente pobre, e o povo tem que entender, e eu acho que o legal dele é que ele se faz entender, não importa o assunto, ele tem que atingir o povo. O Fernando Henrique foi um bom presidente, é um grande político, só que ele é extremamente intelectual e a maioria do povo brasileiro não é. Não adianta falar bonito se a pessoa não entende”, completa Edilene.

Segundo o jornalista Joelmir Beting a mudança no modo de falar de Lula em relação a Fernando Henrique Cardoso é da água para o vinho. “Não sei quem é o vinho, não sei quem é a água¹⁶ porque em matéria de comunicação eu acho que Lula tem comunicação e o Fernando Henrique não tem”, afirma Joelmir, que foi aluno de FHC durante quatro anos no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. “Ele tem uma postura acadêmica, dicção prejudicada, atropela as palavras. Não dá para comparar os dois porque o Fernando Henrique não falava com o povo, não falava nem com os empresários. Ele gostava mais de discutir política nas relações internacionais, então não estava com os pés no Brasil.”

Joelmir afirma que a forma como Lula se comunica com a população tem efeito positivo para o presidente da República. O jornalista acrescenta que Lula não teria outra opção. “Como ele não tem escolaridade, aqui e ali não tem discernimento, ele acaba se comunicando da maneira como o povo se comunica entre si, então nesse sentido ele faz do limão uma limonada, faz da sua insuficiência intelectual, da sua

¹⁶ Não julgo que Joelmir tenha ficado “em cima do muro” ao não definir quem seria a água e quem seria o vinho nessa comparação. Creio que ele quis apenas mostrar que Lula e FHC são diferentes, talvez antagônicos, mas não, necessariamente, que um seja melhor do que o outro. Mesmo porque, o sentido normalmente dado à expressão “da água para o vinho”, na minha opinião, é controverso, pois coloca a bebida alcoólica sempre na condição superior. A expressão talvez tenha surgido na esteira dos escritos da Bíblia, quando Jesus teria transformado a água em vinho nas bodas de Canaã. Naquela situação de festa a transformação foi realmente bem-vinda, mas se pensarmos em outras circunstâncias, não será difícil encontrar momentos em que um copo d’água será a melhor pedida. Um maratonista que correu debaixo de um sol de 35 graus escolheria uma taça de vinho tinto ou um copo d’água ao término da prova?

ignorância acadêmica, uma ferramenta de trabalho. Ele se comunica”, resume Joelmir Beting.

O cientista político Roberto Romano tem uma opinião parecida com a de Joelmir Beting no que se refere à comparação entre o modo de falar de Lula e FHC. “Me parece que Fernando Henrique Cardoso tem um idioleto¹⁷, uma língua particular, bastante próxima da tradição da esquerda acadêmica e com uma série de formas de expressão que são captadas muitas vezes apenas por elementos que viveram na Universidade de São Paulo nos anos 60. Então, em determinados momentos se torna difícil traduzir para o ouvinte comum que não tem aquela formação.” Romano vai além: “O Fernando Henrique tem uma forma de expressar que carrega um grande autoritarismo e uma grande arrogância acadêmica”.

O termo “arrogante” também foi usado pelo vigilante Tarcísio para qualificar a forma de falar de Fernando Henrique Cardoso. No entanto, cinco dos 41 entrevistados declararam, ainda que indiretamente, preferir o jeito de se expressar de FHC. “Eu acho que o Fernando Henrique é melhor, né? O Lula, por causa da origem dele é mais complicado”, afirmou o vendedor Paulo, de Poços de Caldas, Minas Gerais. Prossegue o meio oficial de cozinha José, morador em Santo Amaro, zona sul da capital paulista, em relação a Lula: “Ele é meio difícil de se expressar, porque tem palavras que você entende, tem palavras que você não entende, mas ele para mim é um ótimo presidente”. A manicure Zenaide, ouvida na Vila Clementino, deu a entender que considera a postura de Fernando Henrique Cardoso mais condizente com a Presidência da República. “A diferença é o estudo. O outro tem, ... e Lula veio do povão. Tem expressão do Fernando Henrique que é mais à altura”.

Entre os cinco que declararam certa preferência pela forma de falar de Fernando Henrique Cardoso, dois deles demonstraram preconceito em relação a Lula. A jovem empresária Pamela, alheia ao fato de que o presidente faz de improviso boa parte dos discursos, declarou: “Ele não usa a cabeça para nada. Na verdade, tem sempre pessoas por trás dele dando respostas para ele passar ao público”. Um exemplo típico do chamado “não vi e não gostei”, Pamela prosseguiu: “Quando o Lula começa a

¹⁷ De acordo com o Houaiss, “o sistema lingüístico de um único indivíduo num determinado período de sua vida, que reflete suas características pessoais, os estímulos a que foi submetido, sua biografia”.

discursar eu desligo a televisão, eu mudo de canal, vou fazer outra coisa, venho fazer a unha. Eu detesto o Lula”, completou. Perguntado sobre a forma de se expressar de Lula, o fotógrafo Paulo foi categórico: “Ele não tem expressão nenhuma”.

Vale também ressaltar a opinião de outros dois entrevistados quando convidados a comparar a linguagem utilizada por Lula e FHC. Para o orientador de estacionamento Corino, morador de Itapecerica da Serra, na Grande São Paulo, o presidente Fernando Henrique Cardoso era mais cuidadoso. “Ele tomava mais cuidado para falar”, afirmou. Esse aspecto será discutido mais à frente no trabalho, quando abordarmos o tom jocoso que Lula adota em alguns de seus discursos, já que algumas das brincadeiras podem ser interpretadas como de mau gosto.

O professor de história aposentado Roberto, morador da Vila Clementino, disse que não há como comparar Lula e FHC sob o ponto de vista da linguagem utilizada. “Fernando Henrique é uma pessoa formada, inteligente, preparada. Lula, a gente sabe que veio do norte, trabalhou como metalúrgico, não teve a possibilidade que FHC teve”, completou.

Seguem mais exemplos de uso da chamada linguagem popular pelo presidente Lula:

Em 26 de maio, durante cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da Frota e de Embarcações de Apoio da Petrobrás, em Niterói, Rio de Janeiro, Lula foi duro com economistas que, segundo ele, afirmavam que era mais barato comprar navios do exterior do que produzir no Brasil. “A imbecilidade chega a tal ponto que as pessoas não se lembram de que, ao investir aqui, a gente vai contratar um trabalhador, que vai estar com um macacão, como vocês estão, que vai ganhar um salário, que vai virar consumidor...”

Em 30 de maio, durante lançamento de programas em Belém do Pará, ao explicar porque não podia fracassar: “Se um peão de fábrica ganha as eleições neste País e não dá certo, a peãozada passa 300 anos para voltar a pensar em chegar à Presidência da República”.

No dia 10 de junho, em Campinas, interior de São Paulo, durante cerimônia de inauguração do Complexo Hospitalar Ouro Verde, ao destacar a importância de os homens realizarem o exame do toque para diagnóstico precoce de câncer de próstata:

“O homem tem a maldita mania de achar que ninguém pode botar a mão nele ... é todo machão. Mas, quando ele tem 50 anos e pega um câncer de próstata, aí ele que estava com medo do toque, é virado do avesso. Aí fica que nem um farrapo em cima de uma cama à mercê de todo mundo”.

Em 13 de junho, durante entrevista ao “Jornal do Brasil” e à “Gazeta Mercantil”, no Palácio do Planalto, ao comentar os baixos salários concedidos a alguns especialistas de grandes empresas estatais, Lula afirmou: “Tem um grau de funcionários de alta qualidade neste País que ganham mal e porcamente”. Antes, o presidente havia dado o exemplo de um “grande companheiro” que foi à sala dele chorando para pedir para sair da Petrobrás. “Eu achei que ele ganhava demais, R\$ 26 mil por mês. Eu achei que era um baita de um salário. Ele saiu para ganhar R\$ 200 mil por mês, com dois anos de pagamento adiantado”.

Na mesma entrevista, ao ser questionado sobre sucessão presidencial, Lula usou um ditado popular para garantir que não vai “dar palpite no próximo governo”. Com certeza é algo para ser cobrado no futuro: “Quem quer que seja que sente aqui, não ouvirá da minha boca um único palpite sobre quaisquer que sejam as decisões do governo. A minha filosofia é a seguinte: rei morto, rei posto”.

Em alguns momentos, Lula brinca com a forma como ele se expressa. Foi o que ocorreu em discurso no dia 24 de junho, no Palácio do Planalto, em Brasília, durante cerimônia de assinatura de atos do PAC. “E vou dizer uma coisa a vocês. Eu penso que muita gente faz um esforço incomensurável ... Incomensurável já é chique meu, aqui. Eu podia falar ‘um esforço muito grande’, mas já meti um ‘incomensurável’ aqui para mostrar que eu estou ficando sofisticado. Tem muita gente que faz um esforço muito, mas muito grande para não entender o que está acontecendo no Brasil.”

Secretário de Imprensa da Presidência da República nos dois primeiros anos do mandato de Lula, Ricardo Kotscho diz que o presidente gosta desse tipo de brincadeira. “Ele mesmo tira um sarro”, afirma o jornalista. Kotscho dá um exemplo: “De vez em quando ele aprende uma palavra difícil e fica repetindo. Ele solta, por exemplo, um *sine qua non*¹⁸ e dá um silêncio. Ele fala aquilo e espera a reação das pessoas porque, no fundo, ele se diverte com esses troços que ele fala”.

¹⁸ De acordo com o Houaiss, “indispensável, essencial”.

Em 26 de junho, durante solenidade no Palácio do Planalto para entrega da medalha Heróis de 1958 a jogadores da seleção brasileira que venceram a Copa da Suécia, Lula finalizou seu discurso da seguinte forma: “Eu quero, do fundo do coração, agradecer a presença de todos vocês, dizer que foi uma alegria. Se eu, por acaso, tivesse um piripaque e morresse amanhã, certamente morreria muito mais feliz porque desde o ministro Agnelo¹⁹ que eu estou tentando fazer isso e somente agora é que nós conseguimos fazer, por conta dos 50 anos”.

Em 2 de julho, ao falar sobre leis de imigração durante cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário em Curitiba, no Paraná, o presidente voltou a abusar de termos populares. “Este é um país santo. Nós recebemos estrangeiros aqui desde 1500. Nunca tivemos problemas. Nós só não deixamos entrar aqui os franceses e os holandeses, porque eles não quiseram entrar por bem, quiseram entrar na marra. Aí, nós tivemos uma pequena peleja e os colocamos para fora”, afirmou Lula. Mais à frente, no mesmo discurso, disse: “Quem torcer para este País não dar certo vai, simplesmente, quebrar a cara. Se eu não fosse presidente da República, eu ia dizer que ia quebrar outra coisa, mas vai quebrar a cara”.

Esse episódio mostra que, ao contrário do que possa parecer, o presidente não fala tudo o que vem à cabeça. No documentário *Entreatos*²⁰, dirigido por João Moreira Salles, Lula admite que tem de medir cada palavra. “Tenho que ficar me policiando o tempo inteiro”, revela. É fato, no entanto, que não são poucas as vezes em que o presidente escorrega e deixa passar algo que, certamente, não diria se pensasse duas vezes. Um caso recente está fora do recorte temporal deste trabalho, mas merece ser citado por conta da grande repercussão negativa que gerou.

No dia 4 de dezembro, em discurso no Rio de Janeiro, Lula tentou justificar a postura que vinha adotando em relação à crise financeira internacional²¹ fazendo uma comparação com uma conversa entre um médico e um paciente. Segundo Lula, nesses casos é aconselhável fazer uma análise positiva sobre o quadro, mesmo que ele seja negativo. “Ou você diria ao paciente: *sifu?* Se você chega dizendo a gravidade da doença, você acaba matando o paciente”, completou o presidente.

¹⁹ Agnelo Queiroz, ex-ministro do Esporte.

²⁰ O filme, lançado em 2006, mostra os bastidores do último mês da campanha à Presidência da República em 2002.

²¹ O presidente vinha sendo criticado por não estar dando à crise a importância que ela merecia.

Ricardo Kotscho admite que esse tipo de episódio é prejudicial ao presidente. Amigo pessoal de Lula, o jornalista diz, no entanto, que essa espontaneidade é a principal diferença entre o discurso de Lula e o da maioria dos políticos. “Ele realmente fala o que pensa, o que às vezes causa problemas para ele, como esse negócio do ‘sifu’. Ele fala uns troços aí que...” afirma Kotscho, sorrindo, com um meneio de cabeça.

O caso ainda gerou uma saia justa para a equipe de comunicação do Palácio do Planalto, já que, na transcrição desse discurso na página da Presidência na internet, a corruptela não foi incluída em um primeiro momento, sendo substituída pela palavra “inaudível”. Após o fato ter sido divulgado pela imprensa, o termo foi acrescentado ao texto. Ainda assim, a Secretaria de Imprensa negou ter havido censura, alegando que houve apenas um erro na transcrição.

Ao longo do mês de julho, há ainda vários outros momentos em que o presidente utiliza linguagem popular em seus discursos.

Um deles foi no dia 4, durante cerimônia de despedida dos atletas que representariam o Brasil na Olimpíada de Pequim. “A primeira mulher brasileira a participar de uma Olimpíada foi a nadadora Maria Lenk, nos jogos de Los Angeles de 1932. Veja que nós evoluímos para caramba, ... as mulheres conquistaram espaço.”

No dia 10, em visita ao Vietnã, Lula usou um termo engraçado ao falar, em entrevista coletiva, sobre a valorização do real frente ao dólar. “Não é o real que está se valorizando. É o dólar que está se desmilinguindo diante de todas as moedas.” No mesmo dia, ao comentar os episódios de vazamentos de grampos realizados pela Polícia Federal e pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), o presidente afirmou: “Eu tenho dito publicamente que é preciso tomar cuidado com vazamento, porque o vazamento pressupõe que você condene a pessoa antes de a pessoa ser julgada, ou que você absolva a pessoa antes de a pessoa ser julgada. A única coisa que nós queremos é o seguinte: só tem um jeito de ninguém cair no processo de investigação – é andar na linha. Quem achar que pode viver de picaretagem, pode viver, mas um dia cai, e quando cair, arque com as conseqüências. Nós vamos continuar investigando toda e qualquer denúncia feita, contra toda e qualquer pessoa. Agora, o investigar não significa condenar antecipadamente”, disse Lula.

Em 22 de julho, durante cerimônia de assinatura de decretos relativos à segurança ambiental, em Taguatinga, no Distrito Federal, o presidente usou, digamos, um português bem claro para explicar o que iria acontecer com quem desrespeitasse as novas normas. “Com o decreto, todo mundo vai ter o direito e a obrigação de agir corretamente. Quem fizer isso, vai poder fazer seus negócios até com madeira. Agora, quem for picareta e achar que pode enganar todo mundo durante todo o tempo, nós temos que dar uma bordoadada. E não tem bordoadada melhor do que muitas pesadas”, afirmou.

No dia seguinte, durante entrevista coletiva após almoço oferecido ao primeiro-ministro de Trinidad e Tobago, Patrick Manning, no Itamaraty, Lula usou uma expressão popular para mostrar a importância que ele dava ao combate à inflação. “Se alguém imagina que a inflação vai voltar, como já aconteceu no Brasil, pode tirar o cavalo da chuva, porque não vai voltar”.

O reforço no sotaque nordestino pode ser percebido com clareza no discurso do presidente da República, em 29 de julho, em Salvador, na Bahia, durante cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aquicultura. Ao falar sobre os peixes que mandou colocar no lago do Palácio da Alvorada, Lula disse que de vez em quando vai lá e pega um para “cumê”. “Na maioria das vezes, o peixe ronca. A dona Marisa pensa que ele está chorando e manda soltar”, completou o presidente.

Mais tarde, no mesmo dia, ainda em Salvador, Lula recorreu mais uma vez à chamada linguagem do povo ao explicar porque um cidadão tinha deixado de beber por causa do projeto Todos pela Alfabetização (Topa). “Por que ele parou de beber? Porque as aulas eram no mesmo horário em que ele costumava ir para o bar tomar uma *cangibrina*, e entre a cachaça e o Topa, ele preferiu se alfabetizar”, afirmou Lula, arrancando risos da platéia, que participava da cerimônia de formatura dos alunos do projeto.

Para o economista Antonio Corrêa de Lacerda, a capacidade de se comunicar com o povo é um dos maiores méritos do presidente Lula, só perdendo para a extrema habilidade política do presidente da República. “A segunda grande vantagem competitiva do governo Lula é a comunicação. Ele é alguém que comunica muito bem, e comunicar muito bem, do meu ponto de vista, é fazer as pessoas entenderem.”

Segundo Lacerda, isso ocorre porque Lula é, efetivamente, um homem do povo. “Um intelectual talvez tivesse pudor em usar esse tipo de linguagem e, além disso, soaria falso, porque não é o mundo dele”, afirma. O professor da PUC de São Paulo destaca ainda que fazer com que a população entenda a economia, “um assunto extremamente complexo”, é um grande desafio para o governante.

Essa questão será analisada mais à frente no trabalho, quando abordarmos o uso excessivo de metáforas pelo presidente para facilitar o entendimento da população de assuntos mais complicados, como a economia. Vale destacar, no entanto, que as entrevistas realizadas nas ruas de São Paulo mostram claramente que Lula se sai bem na missão de se fazer entender pelo povo. “Ele é claro, fala direto, não tem negócio de ficar enrolando, e o Fernando Henrique tem aquelas conversas meio diferentes, às vezes o povo nem entende”, afirma o auxiliar de encarregado José, morador de Guarulhos, na Grande São Paulo. “Ele fala com o povão mesmo, enquanto o outro não falava, entendeu?”, diz o porteiro Petrônio, que trabalha na Vila Mariana. Vejamos a opinião do pedreiro João, morador do Jardim Miriam, zona sul da capital: “Eu acho Lula mais explicado. Eu acho as conversas do Lula mais explicadas do que as do seu Fernando Henrique”.

A adequação do discurso ao receptor também pode ser observada na intervenção do presidente durante a Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, em San Miguel de Tucumán, na Argentina, em 1º de julho. Ao discursar para uma platéia majoritariamente de língua espanhola, Lula traduziu a palavra “juros” ao falar sobre uma decisão do *Federal Reserve*. “Estranhamente, se esperava que o Banco Central americano fosse fazer um ajuste nas taxas de interesses e não o fez”, afirmou o presidente.

3.2 – *Lula é demagogo*²², fala o que o povo quer ouvir

Ao serem perguntados sobre a forma de se expressar do presidente Lula, quatro dos 41 entrevistados nas ruas de São Paulo disseram acreditar que o presidente utiliza, deliberadamente, a linguagem popular como instrumento de propaganda política. “É legal para usar como marketing. Ele usa as armas que têm. É como ele chega no povão”, afirmou o fotógrafo Paulo, morador do centro da capital paulista. “O cara é um ex-sindicalista, então ele tem o dom da palavra. No palanque ninguém ganha dele porque, sabe como é, o cara é político, mas a mim ele não engana”, disse o aposentado Roberto. “O ex-presidente Fernando Henrique é esclarecido, tem estudo. O Lula é mais demagogia, né?, afirmou o empresário Mário, morador de Moema, bairro nobre da capital paulista. “O Lula é mais populista, menos técnico. Ele quer atingir as pessoas através de sentimentos e não de ações”, completou o desempregado Sérgio, também morador de Moema.

Outros três entrevistados também demonstraram que enxergam na fala do presidente a vontade de Lula de dizer “o que o povo quer ouvir”, mas não destacaram isso como um ponto negativo. “O Fernando Henrique é uma pessoa diplomada, muito instruída, ... não que o presidente Lula seja menos, ele é um pouco mais, ... assim, autêntico, certo? Ele vai direto ao que a pessoa necessita”, afirmou a dona de casa Ruth, moradora da Lapa. “Ele fala o que o povo quer ouvir, com mais simplicidade. Ele é simples, com a cabeça do povo”, disse o marceneiro Luis, morador de Tabapuã, no interior paulista. “Até por ter uma origem mais simples, o Lula fala de uma forma mais simples e eu acho que ele se faz entender pela maioria da população, que tem um nível não só social, mas cultural mais baixo e que entende o que ele fala. Ele fala muitas vezes o que eles querem ou precisam ouvir, né?”, argumentou a gerente comercial Susi, que mora na Vila Mariana, zona sul de São Paulo.

Na análise de todos os discursos e entrevistas do presidente no período de três meses relativo a esse trabalho, identifiquei 17 momentos em que Lula, ou apresenta

²² Segundo o Houaiss, no sentido pejorativo: “Que age de forma interesseira e ambiciosa, ao mesmo tempo que simula, especialmente através do discurso, virtude ou comprometimento com os interesses populares”.

uma fala que pode ser considerada demagógica ou faz questão de demonstrar ignorância sobre determinado assunto. Vejamos alguns exemplos:

O primeiro deles já foi citado no início do presente trabalho, mas vale ser retomado. Em 5 de maio, durante o programa de rádio “Café com o Presidente”, quando falava sobre um possível aumento dos combustíveis, Lula disse que o povo deveria ficar atento, pois “se algum posto estiver aumentando, as pessoas podem denunciar”. Não há dúvidas de que há demagogia nessa fala, já que nem a gasolina nem o álcool têm preços tabelados, ou seja, a livre concorrência é que regula os valores cobrados pelos combustíveis nos postos de todo o País.

O economista Antonio Corrêa de Lacerda enxerga esse tipo de atitude do presidente Lula sob dois aspectos. Para ele, há, primeiramente, um equívoco de informação, decorrente de falta de conhecimento ou de assessoria, mas também um objetivo não explícito de criar uma situação em que um determinado agente se sinta desconfortável para tomar algum tipo de atitude. “Foi uma maneira de criar um fato político, ou seja, deixar os donos de postos numa situação de desconforto em eventualmente aproveitar o momento para manipular os preços.”

Em 10 de junho, durante discurso na cerimônia de inauguração de um complexo hospitalar em Campinas, no interior paulista, Lula deu a seguinte explicação para o fato de a prorrogação da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) não ter sido aprovada no Senado. “É importante a gente não perder de vista que, em dezembro do ano passado, por ódio e com vontade de que as coisas não dessem certo, tiraram do governo federal R\$ 40 bilhões”. No mesmo dia, já em São Paulo, mas continuando no mesmo assunto, Lula acrescentou, referindo-se ao ex-ministro da Saúde Adib Jatene. “Estou vendo o doutor Jatene aqui, e dentre outras coisas da minha admiração por ele, tem o discurso que ele fez em Brasília, defendendo a manutenção da CPMF que, lamentavelmente, não mexeu nos neurônios da sensibilidade de alguns senadores. Nós, agora, vamos ter de encontrar outro dinheiro para fazer o PAC da Saúde”, afirmou Lula, em cerimônia de entrega de Medalhas do Mérito Oswaldo Cruz.

Dois dias depois, durante entrevista coletiva no Palácio do Planalto, após solenidade de assinatura do decreto que regulamenta a Convenção 182, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Lula respondeu da seguinte forma à

pergunta sobre se vetaria ou não o repasse aos aposentados do mesmo índice de reajuste do salário mínimo. O benefício tinha sido aprovado em uma comissão especial da Câmara, mas ainda teria de ser votado em plenário. “No Congresso Nacional, na hora em que eles aprovam uma despesa para a Previdência Social, é preciso dizer o seguinte: de onde virá esse dinheiro? Não tem ninguém que goste de dar mais aumento para trabalhador do que eu. Eu só posso dar aquilo que eu tenho, aquilo que eu não tenho eu não posso dar”, disse o presidente.

Em 26 de junho, em entrevista exclusiva à agência Bloomberg, no Palácio do Planalto, ao destacar os benefícios que o País poderá ter com as últimas descobertas de petróleo na camada do pré-sal, Lula resgatou uma campanha lançada, em 1947, pelo ex-presidente Getúlio Vargas. “Nós queremos aproveitar essa riqueza para fazer com que o Brasil dê um salto de qualidade, ou seja, que grande parte da população que ficou fora do Brasil durante tanto tempo dê um salto de qualidade. Essa, sim, tem que gritar agora ‘o petróleo é nosso’. Não é da Petrobrás, não é da Shell, o petróleo é nosso, e temos que tirar proveito disso.”

No dia 1º de julho, durante a Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, em San Miguel de Tucumán, na Argentina, Lula ainda minimizava o impacto da crise financeira mundial que, quatro meses mais tarde, atingiria em cheio a economia brasileira. Qualificando o problema nos Estados Unidos como “uma crisezinha acolá”, o presidente completou: “Eu tenho dito aos meus ministros: não me peçam para diminuir a qualidade de vida que o meu povo está conquistando. Ainda falta muito para que o povo possa conquistar a cidadania plena, mas já deu um avanço importante. Nós não podemos, agora, por conta de crise dos outros, retroceder”.

Na cerimônia de despedida dos atletas que representariam o Brasil nas Olimpíadas de Pequim, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, o presidente disse que queria que eles ganhassem todas as medalhas que fossem disputar, mas ressaltou: “Quero que compreendam que, na minha cabeça, alguém que não ganha medalha não é menos importante do que aquele que ganhou”.

Em 10 de julho, em Hanói, no Vietnã, o presidente mostrou que, de vez em quando, a demagogia pode atravessar fronteiras. Em declaração à imprensa local

endereçada ao presidente Nguyen Minh Triet, Lula afirmou: “Desde muito cedo acompanhei a Guerra do Vietnã e posso lhe dizer que fiquei tão orgulhoso da vitória do Vietnã quanto um vietnamita. A vitória de vocês foi a vitória do oprimido e nós nos sentimos co-participantes e muito orgulhosos do significado da vitória de vocês para a humanidade”.

Na entrevista coletiva concedida no mesmo dia, em Hanói, Lula deu mais detalhes de como surgiu o apreço pelos vietnamitas. “A vinda ao Vietnã é um pouco comercial, mas tem um pouco de simbolismo. A minha geração é a geração da Guerra do Vietnã. Muito embora, eu diria que na década de 60, no começo, eu era um ser humano despolitizado e como eu sou corinthiano e o Corinthians estava em uma época difícil, em que perdia todas e era chamado de ‘faz-me rir’, eu aprendi a gostar dos fracos. E como o Vietnã se apresentava diante dos Estados Unidos com soldados pequenos, pessoas magrinhas, para enfrentar aqueles homens de 1,90m dos Estados Unidos, bem alimentados, com hambúrguer e não sei das quantas, automaticamente a gente passava a torcer para os considerados mais fracos. Então, era uma torcida de quem queria que o Davi derrotasse o Goliás e aconteceu exatamente isso”, afirmou Lula.

Uma história relatada por Ricardo Kotscho comprova a preocupação do presidente Lula, nos tempos de liderança sindical, de falar o que o povo quer ouvir. Entre os marcos da trajetória de Lula como sindicalista estão os comícios liderados pelo petista na década de 80 no estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo. Os eventos chegaram a reunir 80 mil pessoas. Segundo Kotscho, Lula nunca entrava no estádio por um acesso próximo ao lugar onde estava o palanque. “Ele preferia entrar por outro portão, o que fazia com que ele tivesse de passar no meio do povo que estava no gramado”. O jornalista disse que certa vez questionou a atitude e recebeu a seguinte resposta: “Eu quero saber o que as pessoas estão falando, porque não adianta eu propor uma coisa, se o espírito do pessoal é contrário”. De acordo com Kotscho, “no caminho ele ia encontrando um ou outro e sabia se era para continuar a greve ou se era para parar”.

Kotscho nega, por outro lado, que a forma como Lula se expressa seja uma estratégia de marketing do presidente. “Ele é absolutamente genuíno. O mesmo

discurso que ele faz no palanque, como candidato ou como presidente, que é sempre a mesma coisa, ele faz para os amigos no fim de semana, comendo churrasco na Granja do Torto”, afirma o jornalista. O ex-secretário de Imprensa da Presidência da República também nega que o presidente simplesmente siga as orientações dos assessores. Segundo Kotscho, Lula, praticamente, só fala de improviso. “Em 99% dos casos, ele lê um pouquinho do que prepararam para ele, larga aquilo de lado e improvisa o que ele sente, realmente”. Kotscho sobe o tom ao lembrar-se de algo que, segundo ele, já leu mil vezes: “Perguntam quem é que faz a cabeça do Lula. Os homens do Lula. Não existe isso. É o contrário. Ele é teimoso para caralho e tenta convencer você de que ele está certo sempre. Raramente aceita alguma coisa, e nunca na hora”.

Ricardo Kotscho conta uma passagem curiosa para ilustrar o que afirmou. O jornalista já havia deixado o governo e encontrou Lula, sozinho, em um café da manhã. “Eu estava cheio de idéias para melhorar as coisas e queria aproveitar aquele momento, porque, normalmente, ele está com um monte de gente em volta”. Ao terminar o que tinha de dizer, seguiu-se o seguinte diálogo:

- Terminou? Já terminou de falar? – perguntou Lula.

- Terminei.

- Eu te agradeço muito, mas eu quero dizer que eu não concordo com nada que você falou – disse o presidente, rindo.

- Isso eu já sabia – respondeu Kotscho, resignado.

A história não significa, porém, que Lula simplesmente ignore seus assessores. Muito pelo contrário. Uma resposta dada pelo presidente durante entrevista à revista Exame, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, esclarece bem a questão: “Eu não posso contar para vocês todos os processos decisórios, mas vocês podem saber de uma coisa: eu converso com muito mais gente do que vocês imaginam, e converso com muito mais gente do que a imprensa publica, porque eu tenho como prática ouvir as pessoas, e nunca gosto de ouvir apenas uma opinião. Às vezes, eu converso com alguém mais à direita, às vezes eu converso com alguém mais à esquerda, às vezes eu converso com alguém de centro, às vezes eu converso com alguém que não gosta do governo, às vezes eu converso com alguém que gosta demais do governo. A mim só

resta a possibilidade de ter um denominador comum. Eu sempre me intitulei 'o caminho do meio', ou seja, eu nunca gostei de ouvir uma única posição", disse Lula.

Em 5 de junho, no Palácio do Planalto, Lula também já havia feito declarações semelhantes: "As pessoas se assustavam quando eu dizia: 'Olha, eu sou a metamorfose ambulante'. Na minha vida, eu penso que tenho tudo definido. No dia seguinte eu aprendo que tem uma coisa que ainda não estou definido, e que eu preciso me definir; que tem uma coisa que eu era contra, agora sou a favor; que tem uma coisa que eu não concordava, agora eu concordo. É esse o jeito de governar uma família que tem 190 milhões de filhos", explicou o presidente.

O cientista político Roberto Romano analisa toda essa questão sob o ponto de vista da filosofia. Para ele, "não existe ser humano, infelizmente, que não diga o que o outro quer ouvir". Segundo o professor, "quem trabalha com ética, quem analisa comportamentos e quem reflete em termos filosóficos sabe que se houvesse a veracidade em termos absolutos no discurso, não haveria sociedade, não haveria política, não haveria religião, não haveria nada".

O professor afirma que um dos textos mais agudos que ele conhece nessa linha é o tratado de comportamento "*Della dissimulazione onesta*", de Torquato Accetto. "A linguagem é dissimulada. No momento em que todos souberem o que todos pensam, todos estão mortos, porque a linguagem é uma forma de manipulação e adequação da realidade", diz Roberto Romano.

Para o jornalista Joelmir Beting, a competência de comunicação de Lula reside justamente no fato de ele "falar o que o povo quer ouvir e conforme o povo". Segundo o comentarista econômico, "é por isso que ele é bom de taco político. Se é um auditório fechado com empresários da petroquímica, ele fala o que os empresários desejariam ouvir. Se é com o pessoal da construção civil, a mesma coisa. Se é com a população de baixa renda, em comício em cima de caminhão, ele encaixa direitinho".

O tema que marca o início do recorte temporal deste trabalho, o recebimento pelo Brasil do grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor's, ilustra bem um comportamento recorrente do presidente Lula que é o de reforçar, muitas vezes em tom de brincadeira, a ignorância sobre determinado assunto.

Somente entre o último dia de abril (data da mudança do *rating*) e o final de maio, Lula brincou oito vezes com o termo “*investment grade*”.

Em 30 de abril, durante discurso na cerimônia de instalação e posse do Conselho Deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), Lula afirmou: “Nós acabamos de receber a notícia de que o Brasil passou a ser *investment grade*. Eu não sei nem falar direito a palavra. Mas se a gente for traduzir isso para uma linguagem que os brasileiros entendam, o Brasil foi declarado um país sério, que tem políticas sérias, que cuida das suas finanças com seriedade.”

No dia 5 de maio, discursando em Teresina, no Piauí, Lula voltou ao assunto: “Vocês viram na televisão, na semana passada, eu não sei nem dizer direito, mas eu estava em casa vendo televisão, e dizia assim: ‘O Brasil agora virou *investment grade*’. Eu nem sabia o que era isso. Aí, já fui ligar para o Celso Amorim: ‘Que diabo de palavra é essa?’. Aí ele falou para mim: é grau de investimento. Eu fiquei mais confuso ainda.”

Este trecho mostra claramente como o presidente gosta de fantasiar situações para aproximar o discurso do povo. É óbvio que Lula não ficou sabendo da novidade pela televisão. Ele mesmo afirmou, no dia 30, em Teresina, que “tinha acabado de receber a notícia”.

Em 6 de maio, durante discurso em Manaus, Lula disse: “Ontem, o Luciano Coutinho²³, que é um dos brilhantes economistas deste País, deve ter ficado feliz porque, na sexta-feira, saiu uma palavra na televisão: Brasil conquista *investment grade*. Esse ‘*grade*’ tem uma mistura de ‘r’ com ‘l’ que é até difícil de falar. Aí, eu fiquei pensando: que diabo que é *investment grade*?”

No dia 9, em discurso durante visita ao projeto Gasoduto Sudeste-Nordeste, em Catu, na Bahia, o presidente afirmou que “esses dias, reconheceram o Brasil como um país altamente desenvolvido. Eles inventaram um nome bonito, chamado *investment grade*. Minha língua nem dobra direito para falar o *grade*, mas é o nome que eles dão. A gente vai aprendendo, vai sofisticando”.

Nesse trecho, além de reforçar a suposta ignorância em relação ao assunto, Lula fez uma referência ao grau de investimento que não condiz com a realidade. O fato de

²³ Doutor em economia pela Universidade de Cornell, nos Estados Unidos, é o atual presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

ter recebido o grau de investimento da Standard & Poor's não significa que o Brasil tenha sido reconhecido como "altamente desenvolvido", como afirmou o presidente. A distinção revela apenas que o país foi considerado mais seguro para os investidores, ou seja, melhorou a capacidade de honrar seus compromissos financeiros. Contribuíram para isso a redução das dívidas externa e interna, a melhora das contas públicas e o avanço do comércio internacional.

Ainda no dia 9, também na Bahia, mas em Lauro de Freitas, durante cerimônia de assinatura de atos do PAC, Lula voltou a brincar com o *investment grade*. "Vocês sabem o que é isso? Nem sabem. Eu pensei que era sorvete. Não. É que o Brasil, na verdade, ganhou em qualidade; o Brasil, na verdade, passou a ser mais respeitado; o Brasil não deve. A nossa reserva é maior do que a nossa dívida. Então, o Brasil agora está mais chique."

Mais tarde, já na capital baiana, o presidente retomou o assunto ao discursar durante cerimônia de assinatura do Pacto Federativo do programa Territórios da Cidadania. "Nós, agora, estamos tão ousados, Imbassay²⁴, depois que nós viramos *investment grade* – chique, não é? – depois que nós viramos isso. Mas eu já era metido antes de virar isso. Eu já era, porque não precisava disso para as pessoas saberem que o Brasil é sério, não. Nós pagamos a nossa conta do FMI, pagamos o Clube de Paris, temos mais reservas do que a nossa dívida."

No dia 20 de maio, durante cerimônia de assinatura de atos do PAC em Santo André, na Grande São Paulo, Lula mais uma vez referiu-se ao grau de investimento de forma jocosa. "Vocês viram que o Brasil atingiu o *investment grade*. Viu o 'grade' que eu falei? A língua até entortou. Na verdade, aí, traduzindo para o português, a gente fala: o Brasil atingiu o grau de investimento. Também não quer dizer nada para ninguém. A verdade é o seguinte: o Brasil conquistou a sua respeitabilidade internacional."

Em 30 de maio, durante cerimônia de lançamento de programas em Belém do Pará, o presidente voltou a destacar a suposta ignorância em relação ao grau de investimento. "Uma empresa de avaliação de risco país do Canadá²⁵ nos deu, outra

²⁴ Antonio Imbassay, ex-prefeito de Salvador.

²⁵ Em 28 de maio de 2008, a agência canadense de classificação de risco DBRS elevou a nota de crédito do Brasil de BB+ para BBB- e mudou a perspectiva para a economia brasileira de estável para positiva.

vez, *investment grade*. Ninguém sabe o que é *investment grade*. É uma palavra chique que só meia dúzia aqui conhece bem.”

O que comprova a tese de que Lula fingiu ignorância em relação ao grau de investimento para aproximar o discurso do povo é o fato de que, ainda no mês de maio, mesmo período dos trechos destacados anteriormente, o presidente falou, sem brincadeiras e com conhecimento de causa, sobre o assunto em outros eventos. Os trechos que serão destacados na sequência são bons exemplos, também, de outra prática recorrente do presidente Lula, já abordada neste trabalho, que é a de adequar o discurso à platéia.

Em 13 de maio, durante visita do chanceler federal da Áustria, Alfred Gusenbauer, ao Itamaraty, em Brasília, Lula afirmou: “A recente conquista pelo Brasil do grau de investimento atesta nosso compromisso com políticas macroeconômicas responsáveis e com a criação de ambiente favorável ao capital estrangeiro no Brasil e no exterior”.

Quatro dias depois, em discurso na abertura do Seminário Empresarial Brasil-Peru, em Lima, Lula disse que “Peru e Brasil, recentemente, receberam o grau de investimento, num reconhecimento internacional de que estamos no caminho certo”.

No dia 29 de maio, durante entrevista coletiva em São Salvador, El Salvador, o presidente retomou o tema com seriedade. “Eu fico extremamente feliz quando recebo a notícia que a segunda agência reconhece o Brasil como *investment grade*. No fundo, no fundo, nós estamos colhendo aquilo que foi plantado pelo povo brasileiro.”

Em 2 de junho, durante o programa de rádio semanal “Café com o Presidente”, Lula disse que “o fato do Brasil ser reconhecido por uma segunda agência como grau de investimento demonstra que nós estamos acertando na política monetária que estamos fazendo”.

E no dia 16 de junho, ao ser homenageado na Bolsa de Valores de São Paulo, em virtude de o Brasil ter obtido o grau de investimento, Lula voltou a falar sobre a questão com conhecimento de causa. “A conquista do grau de investimento é um marco histórico para a nossa economia e para todo o Brasil”, afirmou.

Um trecho do discurso feito por Lula durante a Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul, em 1º de julho, na Argentina, reforça a convicção de que o presidente não

está alheio aos assuntos econômicos importantes, e muitas vezes complexos, como ele deu a entender várias vezes ao demonstrar suposta ignorância em relação ao grau de investimento.

Ao falar sobre as pressões inflacionárias advindas do mercado futuro de alimentos, Lula deixou clara sua preocupação em manter-se informado sobre os assuntos econômicos relevantes para o País. “No Brasil, companheiros, eu criei uma equipe de economistas para investigar e pesquisar o que existe de verdade por trás disso, para não ficar passando informações equivocadas para ninguém. O dado concreto é que tem uma especulação no mercado futuro que permite que um produtor de milho ou de soja possa vender a sua produção de três anos sem ter produzido, e o que pode ser grave é que o preço no mercado futuro precifica o preço no presente.”

Diante do acima exposto (criação de uma equipe de economistas para estudar determinado assunto), fica difícil acreditar que Lula não tivesse pleno conhecimento do que era o grau de investimento no dia em que o Brasil teve seu *rating* elevado. Apesar de o anúncio da Standard & Poor's ter ocorrido alguns meses antes do que previa a maioria dos analistas, a expectativa de que isso ocorreria já existia pelo menos seis meses antes do dia 30 de abril de 2008. Era algo muito esperado pelo mercado financeiro e, com certeza, também pelo presidente da República.

3.3 – *Lula, o brincalhão*

Se não fosse político, Lula poderia, quem sabe, arriscar-se como comediante. A análise dos discursos do presidente mostra que ele não perde a chance de fazer uma piada, um comentário jocoso ou uma brincadeira qualquer. Não são poucas as vezes em que ele muda o tom de voz ou interpreta algum personagem para contar uma história, provocando risos na platéia. Lula mostra ter aquele *timing* tão exigido dos humoristas. Fala algo engraçado, silencia e complementa a piada.

Durante os três meses analisados nesse trabalho, identifiquei nos discursos e entrevistas do presidente 79 momentos em que ele faz algum tipo de brincadeira ou comentário engraçado. Vejamos alguns:

Em 6 de maio, durante inauguração de um reservatório de água em Manaus, no Amazonas, Lula disse o seguinte: “A mulher gosta de três coisas: primeiro, ela quer ter uma casa; depois, ela quer se casar com um cara bonito e trabalhador; terceiro, ela quer ter um carro; e em quarto lugar, ela quer ter um computador. O marido eu não posso resolver. Agora, a casa, o computador e o carro, na hora em que melhoram as condições econômicas do País, melhora a de vocês e todo mundo vai poder resolver esse problema”.

No dia 9 de maio, durante cerimônia de lançamento do Plano de Aceleração do Desenvolvimento e de Diversificação Agrícola na Região Cacaueira, em Ilhéus, na Bahia, o presidente brincou com a língua espanhola ao reproduzir a conversa que havia tido, meses antes, com o então presidente do Fundo Monetário Internacional depois de o Brasil ter pago a dívida de US\$ 16,9 bilhões que tinha com o FMI. “Vocês não sabem o prazer que um nordestino, torneiro mecânico, teve, quando liguei para o presidente do FMI, um espanhol chamado Rato²⁶, liguei para ele e falei: ‘Presidente, eu estou lhe comunicando que o Brasil vai devolver os 16 bilhões e 900 milhões de reais’ (Lula cometeu um ato falho ao trocar dólares por reais). ‘Não, presidente Lula, *nosotros* não precisamos de *plata*, pode se *quedar* em Brasil’. Você viu que eu estou chique no espanhol, aqui. Eu falei: ‘Não, nós não queremos o dinheiro, vamos devolver’.”

²⁶ Rodrigo de Rato foi diretor-gerente do FMI durante três anos e meio. Foi substituído em 22 de outubro de 2007 pelo francês Dominique Strauss-Kahn.

Há também neste trecho, além da brincadeira, exemplos de outros três aspectos recorrentes da fala do presidente que mereceram atenção nesse trabalho. Primeiro, o costume de lembrar o passado pobre de torneiro mecânico e retirante nordestino. Em segundo lugar, o uso de ironia, caracterizado pela identificação do presidente do FMI como “um espanhol chamado Rato”. Esses dois aspectos serão alvos de análise mais adiante.

O terceiro, já discutido no presente trabalho, é a fala, às vezes, demagógica do presidente Lula. Antes do trecho em que ele relatou a conversa com Rodrigo de Rato, o presidente afirmou o seguinte: “A Dilma²⁷ disse bem: nós não pagamos o FMI, Dilma. Não pagamos, nós devolvemos 16 bilhões e 900 milhões de dólares que eram a reserva que tinha, do governo passado. A gente não utilizou e falamos para o FMI: ‘Pegue o seu dinheiro...’”.

Não há dúvidas de que o fato de o Brasil não precisar mais dos empréstimos do FMI é algo positivo para o País. O que não me parece correta é a forma como o presidente se referiu a um organismo internacional que tanto socorreu o Brasil nos momentos difíceis. Lula aproveitou o momento para capitalizar dividendos pelo fim da dívida e ainda alimentou a imagem negativa e distorcida que parcela da população tem em relação ao FMI. Comparo à situação de dois colegas. Um deles, durante anos, recorreu ao outro para empréstimos sistemáticos. Quando, enfim, conseguiu pagar suas dívidas, o tomador diz ao outro: “Pegue o seu dinheiro, não preciso mais dele”. Vira as costas e sai, jactando-se.

Retornando à questão das brincadeiras do presidente, ressalta-se que, ainda no dia 9 de maio, Lula participou de outros três eventos na Bahia. Bem-humorado, fez graça em todos eles. É comum o presidente abrir os discursos com algo leve, como se tivesse a intenção de “quebrar o gelo” e ganhar a platéia.

Em Catu, durante visita ao projeto Gasoduto Sudeste-Nordeste, Lula iniciou sua fala da seguinte forma: “Eu não ia falar, mas tem um problema que quando eu vejo um microfone, me dá cócega na garganta e eu fico com vontade de falar, e vou dizer algumas palavras”. E prosseguiu: “Quando eu venho aqui, muita gente poderia perguntar: ‘Por que o presidente sai de Brasília e vai a Catu, a Pojuca, fazer um pingou

²⁷ Ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef.

de solda?’ Eu não fiz a solda, por responsabilidade, para cuidar do emprego do soldador, porque vai que eu faça uma solda melhor do que ele, e a Petrobras me oferece um salário melhor do que o de presidente, eu sou obrigado a vir trabalhar como soldador da Petrobras”.

No início do discurso em Ilhéus, Lula brincou com o governador da Bahia, Jaques Wagner: “Cheguei dez horas da noite, fui com a ministra Dilma jantar na casa do Jaques Wagner, comi um bacalhau que há muitos anos eu não comia. Aliás, eu nunca tinha comido um igual àquele lá. Fui para o hotel duas horas da manhã, acordei às seis horas da manhã, ainda não almoçamos, porque o Jaques Wagner, para economizar dinheiro para a Bahia, não deu almoço para nós. Porque ele falou: ‘Não vou dar almoço porque agora é tudo para o cacau de Ilhéus’”.

Em Salvador, durante cerimônia de assinatura do Pacto Federativo do programa Territórios da Cidadania e lançamento de diversos programas nas áreas de educação, habitação e saneamento básico, Lula fez brincadeiras até com a dengue. “As pessoas ficam achando que é o presidente da República que vai ter que comer os mosquitos da dengue. Aí, acham que é o governador, acham que é o prefeito. Ora, aí não tem presidente, não tem governador, não tem prefeito. A questão da dengue é uma questão de cada cidadão”, afirmou. E completou mais adiante: “A verdade é que, muitas vezes, a gente está fazendo discurso, tudo bonitinho, contra a dengue, e na casa da gente está lá uma poça d’água, à espera de um casal que faça o seu acasalamento *mosquitório* e coloque a sua larva lá e gere um mosquitinho para picar uma pessoa”.

Inspirado, o presidente ainda fez graça com as próprias derrotas. “Eu perdi três eleições. Não é fácil você voltar para casa, depois de uma derrota e ficar lambendo as suas feridas, como dizia o nosso querido Brizola²⁸. Não é fácil. Porque político sem mandato neste País, nem vento bate nas costas. É verdade. Quando você tem mandato, você tem puxa-saco de magote²⁹. Quando você não tem mandato, o cara te vê em uma calçada, passa para a outra, porque ele acha que você vai pedir um empréstimo ou pedir para pagar a dívida da derrota dele”.

²⁸ Ex-governador do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, Leonel Brizola morreu em junho de 2004 aos 82 anos.

²⁹ De acordo com o Houaiss, “ajuntamento de pessoas ou de coisas; amontoado, porção.

Em 28 de maio, Lula abriu o discurso durante cerimônia de assinatura de atos em Porto Príncipe, no Haiti, tranquilizando a platéia. “Não se assustem com o meu discurso, porque as letras são grandes. Posso dizer para vocês que a fome que eu estou é maior do que o meu discurso”, revelou.

No dia 30 de maio, em Belém do Pará, Lula brincou com a platéia ao falar que a geração dele “não teve o prazer de viver o momento que está vivendo o Brasil de hoje”³⁰. “A minha geração ... eu tenho 62 anos de idade. Pensei que alguém iria gritar: ‘não parece’. Já vou sair frustrado daqui. Noutra dia eu estava em um ato e falei: ‘eu tenho 62 anos de idade’. Aí, uma moça falou: ‘Não parece’. E eu falei ‘mentirosa’.”

É uma pena que o presente trabalho não possa incluir os áudios dos discursos e entrevistas do presidente. Mais do que possa sugerir o texto, a graça de Lula está na forma como ele se expressa, interpretando os diferentes personagens que compõem suas histórias.

Para o cientista político Roberto Romano, o presidente Lula usa elementos essenciais da retórica com maestria. “Se você pega os tratados gregos do século XVI, o Quintiliano, o Cícero, você percebe que um dos elementos fundamentais é a *captatio benevolentia*. Quando você está diante de um auditório, você precisa fazer com que as pessoas se interessem, em primeiro lugar por você, e em segundo lugar por sua fala. Então, contar uma piada chama a atenção”, afirma o professor. “A retórica é uma técnica, uma arte que, embora possa ser extremamente sofisticada em termos intelectuais, surge da prática social”, complementa Romano.

Com a experiência de quem pratica essa arte há mais de trinta anos, Lula descontraiu a platéia ao discursar, em 20 de maio, durante a cerimônia que autorizou o funcionamento da Rádio Comunitária de Heliópolis, em São Paulo. “Eu só espero que vocês não coloquem essa rádio para falar mal de mim, gente, pelo amor de Deus. Não, porque outro dia eu fui ao Rio Grande do Sul entregar uma rádio para uma comunidade indígena. E aí o cacique falou assim para mim: ‘Presidente Lula, agora eu tenho uma ‘radia’ para falar mal do senhor’. Falou assim mesmo. Olha, mas eu espero que essa

³⁰ A fala remete a outro aspecto recorrente dos discursos de Lula, o “nunca antes neste País”, que dá título a esse trabalho e que será analisado mais à frente.

rádio sirva, sobretudo, para que vocês possam fazer com que mais aprendizado, mais cultura cheguem na casa das pessoas que estão ouvindo vocês.”

No mesmo dia, em Santo André, na Grande São Paulo, o presidente incluiu a esposa na brincadeira: “... a minha comitiva aqui, nós levantamos seis horas da manhã, não tomamos café, não almoçamos e vamos jantar em Brasília. Isso, se eu chegar em casa e a dona Marisa estiver de bom humor. Se estiver de mau humor, eu vou comer só amanhã”.

Os companheiros também não escapam. Em 5 de junho, durante solenidade de abertura da 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (GLBT), Lula contou uma passagem divertida envolvendo um dos senadores mais populares do PT. Depois de elogiar o discurso do ministro da Saúde, José Gomes Temporão, o presidente dirigiu-se ao ator Sérgio Mamberti e afirmou: “Você que grava novela, Serginho, não é assim? Tem dia que você vai lá, grava um texto em 30 segundos e vai embora; e tem dia que aquele texto de 30 segundos leva três horas para gravar. Eu me lembro de que uma vez nós ficamos com o Suplicy³¹ das 9 da noite às 3 da manhã para gravar um texto, acho que de 35 segundos”.

Em 10 de junho, durante cerimônia de entrega de medalhas do Mérito Oswaldo Cruz, em São Paulo, Lula mostrou-se confiante na obtenção de recursos para a área da saúde, apesar de os senadores não terem aprovado a prorrogação da CPMF. Mais uma vez o discurso saiu em tom de brincadeira. “Nós vamos conquistar, Jatene³², é uma questão de tempo, vamos encontrar um jeito de fazer com que funcione. Assim, vou ter o privilégio, Kalil³³, quando eu estiver com 90 anos – se Deus permitir -, o Pedro Albuquerque³⁴ me fazer uma plástica, e eu voltar a ter 30 ou 40 anos de vida.”

Lula foi além naquele dia: “O Kalil, possivelmente tenha uma arte superior até à da sua atividade médica. É a do convencimento de a gente fazer exames que, habitualmente, a gente não quer fazer. Ele ainda não me convenceu a fazer endoscopia, mas já está quase me convencendo. Quando eu fui me convencer, ele

³¹ Eduardo Suplicy.

³² Adib Jatene, ex-ministro da Saúde e idealizador da CPMF.

³³ Roberto Kalil Filho, cardiologista e pesquisador, é médico pessoal do presidente Lula.

³⁴ Cirurgião plástico em São Paulo, operou a primeira-dama, Marisa Letícia, e a ex-ministra do Turismo, Marta Suplicy.

falou que eu tinha que fazer uma *colonoscopia*³⁵, aí eu falei: é demais. Aí a arte do convencimento já é demais”.

E de tanto brincar, às vezes sai alguma de gosto duvidoso. No mesmo dia, mas em Campinas, interior paulista, durante inauguração de um complexo hospitalar, Lula disse: “Quando a gente entra para visitar, como eu e o Temporão entramos, dá até vontade de ficar doente. É verdade, porque os enfermeiros são todos jovens e bonitos, as enfermeiras todas jovens e bonitas, os médicos devem ser todos jovens, as camas todas limpinhas e cheirosas, tudo pintadinho de novo”, afirmou o presidente.

No dia seguinte, no Palácio do Planalto, Lula voltou a arrancar risos da platéia ao fazer uma brincadeira com Luiz Marinho, que deixava naquele dia o Ministério da Previdência: “Normalmente, quando eu dou posse a um ministro, eu falo menos do ministro que tomou posse, falo mais do ministro que saiu e, normalmente, eu falo muito bem dos ministros que saem. Como o companheiro Marinho não está presente porque teve um problema, não sei se uma gripe muito forte ou um começo de pneumonia, e eu não acho prudente falar bem por trás – por trás a gente só fala mal – eu resolvi, então, economizar as minhas palavras de elogio ao companheiro Marinho”, disse Lula.

Em 13 de junho, durante entrevista ao Jornal do Brasil e à Gazeta Mercantil, no Palácio do Planalto, Lula lançou mais uma de suas pérolas. “Em 82, na disputa em São Paulo³⁶, perguntaram para mim porque eu queria ser candidato a governador, e eu dizia: é porque eu quero ver se sou capaz de atender as minhas reivindicações.”

No mesmo dia, ao ser questionado que deixaria a Presidência da República ainda muito jovem, respondeu: “Eu vou deixar a Presidência com 64 anos de idade. Obviamente que para os padrões políticos brasileiros, como eu pretendo viver, se Deus permitir, até uns 80. Meu paradigma é o Oscar Niemeyer³⁷. Meus paradigmas de longevidade são a Dercy Gonçalves³⁸ e o Oscar Niemeyer. Eu quero chegar a essa idade com o prestígio do Oscar Niemeyer e com as peraltices da Dercy Gonçalves. Eu

³⁵ O presidente quis dizer “colonoscopia”, exame que consiste na introdução, pelo ânus, de um tubo flexível que permite a visão direta do interior do intestino grosso. Vale ressaltar que, apesar de Lula ter se equivocado ao pronunciar a palavra, a transcrição, na página da presidência da internet, foi feita na forma correta.

³⁶ Lula perdeu a eleição para Franco Montoro, do PMDB.

³⁷ Um dos nomes mais respeitados e influentes na arquitetura moderna internacional, o carioca Oscar Niemeyer Soares Filho completou 101 anos de idade em 15 de dezembro de 2008.

³⁸ A atriz e comedianta morreria pouco mais de um mês após essa fala do presidente, em 19 de julho de 2008, aos 101 anos de idade.

a vi um dia desses na televisão, e ela fala todas as bobagens que um ser humano tem direito. Eu queria chegar assim na minha velhice”, afirmou Lula.

No dia 24 de junho, o presidente mais uma vez abriu seu discurso em tom de brincadeira. O evento, no Palácio do Planalto, em Brasília, tinha como finalidade a assinatura de atos do PAC nas áreas de saneamento e habitação. “Na verdade, companheiro Jaques Wagner, eu lamento profundamente que você esteja tão sequioso de participar da festa de São João, se ainda são seis horas da tarde, e você pode muito bem acender a fogueira às dez horas da noite. Afinal de contas, você não é dos maiores foliões, vai apenas assistir, quem vai dançar são os outros. Nós, aqui em Brasília, também teríamos direito a uma festa de São João, mas alguém tem que trabalhar para este País ir para a frente³⁹”, disse Lula. E prosseguiu, brincando com os presentes: “Em Teresina não tem festa de São João? Tem. Não tem em Manaus, onde o calor já é muito grande e se fizer ... Em Cuiabá, então, se fizer uma fogueira, acaba de derreter o povo lá”.

A forma descontraída e bem-humorada com que o presidente costuma fazer seus discursos não é algo que possa ser identificado em Lula desde os tempos de sindicalismo. Engana-se, porém, quem acredita que o “Lulinha Paz e Amor” tenha sido uma criação do publicitário Duda Mendonça durante as eleições de 2002. Segundo o ex-assessor Ricardo Kotscho, a transformação ocorreu depois que um cidadão foi falar com Lula após um comício no Nordeste.

Amigo do presidente por mais de 30 anos, Kotscho disse que percebia uma dicotomia entre o Lula na vida privada, “sempre sacaneando os outros, brincando o tempo todo” e a imagem pública que ele tinha desde a época de resistência à ditadura, “muito brava, rancorosa, radical”. Segundo o jornalista, as pesquisas realizadas em 2002 mostravam que o discurso dele tinha de ser menos radical, que ele tinha de ser menos bravo, mas Lula resistia a isso.

De acordo com Kotscho, foi o encontro com um cidadão comum, ainda no palanque, logo após um discurso, em Pernambuco, que operou a mudança. Segundo o jornalista e então assessor de campanha, o homem se aproximou de Lula e falou: “Lula, me diz uma coisa, você estava conversando com a gente aqui, contou um monte de

³⁹ A ironia, característica também recorrente na fala de Lula, será abordada mais à frente neste trabalho.

piada engraçada, contou histórias. Por que quando você vai fazer o discurso você tem que estar sempre bravo? Parece que você está sempre brigando com o mundo.” E Lula respondeu: “É porque eu sempre fui assim, é meu jeito de falar.” E então o cidadão retrucou: “Mas não é legal, você assusta as pessoas, seria muito mais legal se você falasse do jeito que está falando aqui, conversando. Você tem que ser mais ‘paz e amor’, não precisa ficar bravo”.

Kotscho disse que, na volta da viagem, ele e Lula comentaram o episódio com Duda Mendonça, que exclamou: “Está vendo? Não estou falando?” Segundo o jornalista, “uma coisa juntou com a outra; Lula realmente já estava pensando nisso, mas só se convenceu quando um ‘Zé Mané’ falou para ele: olha, é por aí”. De acordo com Kotscho, a partir daquele dia, Lula incorporou a mudança. “A gente ia levar notícia ruim para ele; caiu na pesquisa, sei lá, e ele falava: ‘não vem, não; aqui é Lulinha Paz e Amor’. Ele atravessou a campanha com esse negócio na cabeça e levou para o governo”, revelou Ricardo Kotscho.

E como levou! Quando o assunto, então, é futebol⁴⁰, aí é que o presidente se solta mesmo. Em 26 de junho, durante solenidade no Palácio do Planalto que reuniu os jogadores da seleção brasileira de 1958, Lula fez diversas piadas, seguidas de fortes risadas dos convidados. O presidente já abriu o discurso brincando com os políticos presentes. “Primeiro, quero cumprimentar o meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República e ex-jogador de futebol de várzea. Cumprimentar o meu companheiro Arlindo Chinaglia⁴¹, que eu penso que nunca chutou uma bola; fez política desde pequeno. Cumprimentar o Arruda⁴², governador do Distrito Federal, que disse que foi bom de bola na juventude.”

Ao lembrar das antigas copas, Lula continuou com as piadinhas. “Naquele tempo, Pelé, para a gente ouvir a Copa do Mundo pelo rádio, era uma chiadeira desgraçada. Parecia que tinha uma ventania e que ia derrubar poste. Mas de qualquer forma, já foi um avanço. Eu me lembro que na Copa do Mundo de 66, aqui no Brasil, inventaram que ia ter televisão. Aí, na televisão era a tela preta e uma bolinha branca

⁴⁰ O assunto “futebol” será objeto de estudo nesse trabalho quando abordarmos outras duas características do presidente Lula: apresentar-se como um “homem do povo” e usar metáforas constantemente.

⁴¹ Então presidente da Câmara dos Deputados.

⁴² José Roberto Arruda (Democratas).

correndo na televisão, que a gente não sabia para que lado estava. Eu acho que isso confundiu a seleção de 66, que foi o desastre que foi. Também, colocaram um tal de Euzébio na nossa frente, não é Pelé?”

Em 1º de julho, na Argentina, durante Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados, Lula misturou o português com o espanhol para brincar com o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. “Queria dizer para vocês que os avanços tecnológicos que, certamente, os países que estão aqui, alguns têm, outros ainda não têm. Por isso montamos o escritório da nossa Empresa de Pesquisa na Venezuela e queremos ajudar o Chávez a ser um grande produtor de soja, de *pollo*⁴³, de *maíz*⁴⁴. Ontem, ele me convidou para chupar uma laranja *dulce* aí, na praça, e agora eu fico sabendo que é limão. *Es una verguenza*⁴⁵ o teu conhecimento de críticos”, disse Lula a Chávez.

O jornalista Joelmir Beting não vê com bons olhos a forma descontraída como o presidente costuma se expressar. “Quando ele vai numa Conferência de Cúpula da América Latina e Caribe e abre falando: ‘Eu não quero que ninguém atire um sapato aqui na minha cara’⁴⁶ porque vai dar um chulé no auditório, aquilo desarmou todo mundo. Não sei se desarmou ou *impactou*, scandalizou”. Segundo Joelmir, Lula não tem noção da magnificência do cargo que exerce. “Ele ignora a liturgia do cargo, como o Itamar e o Collor também ignoravam”, afirmou.

A análise dos discursos do presidente mostra que a descontração não tem fronteiras. Em Hanói, no Vietnã, no dia 10 de julho, Lula iniciou uma entrevista coletiva de forma bastante inusitada. Rindo em vários momentos, o presidente resolveu dar uma de mestre de cerimônias: “Vamos dividir essa entrevista em três momentos, como se fosse uma pequena ópera. Em um primeiro momento, o companheiro Celso Amorim⁴⁷ faz uma pequena exposição. Em um segundo momento, eu faço uma segunda exposição com reparação à exposição do Celso. No terceiro momento, vocês fazem as perguntas, nós respondemos e embarcamos ... Companheiro Celso Amorim, os

⁴³ Frango

⁴⁴ Milho

⁴⁵ Vergonha

⁴⁶ Na ocasião (17/12/08), Lula fez uma alusão ao episódio envolvendo um jornalista iraquiano que atirou os dois sapatos contra o então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, em 14 de dezembro de 2008.

⁴⁷ Ministro das Relações Exteriores.

microfones para Vossa Excelência. Abram-se as portas e comece o espetáculo, Celso Amorim”.

Em 3 de julho, durante lançamento do Plano Safra Mais Alimentos, em Brasília, Lula encontrou uma forma divertida de mostrar como a agricultura familiar poderia ter ganhos com os investimentos em tecnologia e modernização. “Se a gente planta um saco de feijão, vamos plantar vinte. Se a gente colhe, por hectare, dois, vamos colher quatro. Se a nossa média de leite por vaca é de 1,7 litro – nos Estados Unidos é de quase cinco, e na Europa é de quase dez – por que a gente não aumenta a nossa produção de leite? Vamos tratar a nossa vaquinha com carinho, melhorar a ração, levar tecnologia e vamos produzir cinco ou seis litros”, disse Lula, sob aplausos.

No mesmo dia, o presidente brincou com o embaixador da Venezuela no Brasil, que estava presente ao evento. Lula falava sobre as expectativas de extração de petróleo nos meses seguintes: “... a partir de setembro já vamos começar a tirar o primeiro pouquinho de petróleo do pré-sal, lá do Espírito Santo. Em março, vamos lá no poço Tupi tirar mais um pouquinho. Logo, logo, vamos enfiar uma broca lá, tentar pegar um pouco lá da Venezuela e trazer para cá, já que tem muito lá, embaixador”, afirmou o presidente, rindo.

Também sobre a camada do pré-sal, vale destacar mais uma pérola do presidente Lula, ainda que tenha sido lançada no dia 2 de setembro de 2008, portanto além do período de estudo do presente trabalho. Foi justamente na cerimônia que marcou o início da produção do pré-sal no Espírito Santo. “Estamos indo tão fundo para procurar petróleo que qualquer dia a Petrobras traz um *japonesinho* em sua broca e aí vai dar um problema internacional sem precedentes”, disse o presidente.

No dia 22 de julho, em Taguatinga, Distrito Federal, Lula fez uma brincadeira irônica com a oposição ao se dirigir ao governador em exercício do Distrito Federal, durante evento ligado à segurança ambiental. “Paulo Octávio, você sabe que o Torto, a Granja do Torto, é como se fosse um corredor de tucanos⁴⁸. Você sabe que quando estou lá no Torto, domingo à tarde, passam dezenas e dezenas de tucanos, acho que vêm daqui do Parque Nacional. Eu sei que passam lá, param nos coqueiros, fazem um barulhinho, comem alguns dos pássaros novos que estão lá e depois vão embora. Mas,

⁴⁸ Tucano é a ave que representa os integrantes do PSDB, o principal partido de oposição ao governo Lula.

de qualquer forma, é muito bonito ver os tucanos. E que bico grande, hein⁴⁹!”, exclamou, Lula, rindo.

Ainda naquele dia, Lula se superou ao falar da lei que proíbe dirigir após a ingestão de bebidas alcoólicas. Rindo bastante, o presidente afirmou o seguinte: “Agora fizemos a ‘lei seca’, está aprovada. Graças a Deus as pessoas estão se dando conta. Esses dias eu vi na televisão, mostraram um cidadão, acho que lá em Minas Gerais, bêbado, que correu da polícia, foi para casa, vestiu o pijama e abriu a porta para atender a polícia. Aí a mulher levantou e falou: ‘Não, ele chegou bêbado agora mesmo; não estava dormindo, não’. Eu achei fantástico, porque o cara entrou para dormir, para enganar a polícia. A mulher saiu com ele e disse: ‘Não, ele chegou bêbado agora’. Ontem, não sei se vocês viram, tinha um outro na televisão enrolando a língua e dizendo que não estava bêbado. Mandaram fazer um ‘quatro’, ele quase fez um ‘oito’. Se não for assim, as pessoas não respeitam. Esse é o dado concreto”, disse Lula.

Outro episódio que merece destaque ocorreu em Salvador, na Bahia, em 29 de julho. Lula participava de uma cerimônia de formatura de alunos do projeto Todos pela Alfabetização (Topa). O presidente falou logo após o discurso do orador da turma, chamado Luiz Medeiros. Para confortar o rapaz, Lula resolveu contar um caso ocorrido em abril de 1975, quando ele assumiu a presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e, pela primeira vez, iria fazer um discurso para a categoria. “Peguei o meu discurso. Era tudo fácil antes de eu subir ao palco, antes de ficar diante do microfone. Minha mulher, na frente, com dois filhos ... e um espelho d’água. A primeira coisa que aconteceu foi um se jogar dentro do espelho d’água, achando que era uma piscina. Fui começar a ler o meu discurso e tremia tanto, Luiz Medeiros, que um companheiro que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, chamado Marcelo Gato, foi obrigado a segurar na minha mão para eu conseguir ler. Tremiam as mãos e tremiam as pernas. Parecia um cavalo novo pinoteando. Daqui a alguns dias, quando voltar à Bahia, vou ver uma plaquinha: ‘Luiz Medeiros, candidato a vereador’, porque o *bichinho* está preparado”, afirmou Lula.

⁴⁹ Exemplo de ironia, característica também recorrente no discurso de Lula, que será analisada mais adiante.

3.4 – Lula faz o que ninguém fez

A frase que virou um jargão do presidente e que dá título a esse trabalho, “nunca antes neste País”, não foi usada por Lula em nenhum momento ao longo dos três meses analisados. Há, no entanto, um forte indicativo de que o presidente vinha se policiando para não utilizar o jargão. Em 10 de junho, durante discurso na cerimônia de abertura de uma feira de produtos hospitalares⁵⁰, em São Paulo, Lula disse que ficava surpreso, ao participar de eventos, de ouvir as pessoas dizerem: “É a primeira vez que um presidente vem aqui; é a primeira vez que acontece isso”. O presidente afirmou, então, que ficava se perguntando o porque “do descaso com que as coisas se davam no nosso País”. E complementou: “Para não falar mais ‘é a primeira vez, é a primeira vez na história do Brasil’, na quinta-feira à noite participei de um encontro GLBT, em Brasília, e eu me assustei quando um orador falou o seguinte: ‘É a primeira vez na história do mundo em que um presidente da República participa de um encontro GLBT’”.

Apesar de não ter utilizado o jargão, a idéia contida no “nunca antes neste País” foi repetida à exaustão pelo presidente Lula entre os dias 30 de abril e 31 de julho de 2008. A análise dos discursos, entrevistas e programas “Café com o Presidente” indica 40 episódios em que Lula passa a impressão de que aquilo que está sendo feito nunca havia ocorrido no Brasil. Termos como “único”, “singular” e “jamais” deram o tom desses pronunciamentos. Vamos a alguns deles:

Ainda no dia 10 de junho, na abertura da Hospitalar, Lula voltou a reclamar da não aprovação da prorrogação da CPMF, afirmando o seguinte: “Lamentavelmente, o programa Mais Saúde, que queríamos colocar em prática, que eu chamava de PAC da Saúde – talvez o programa de saúde mais bem elaborado na história deste País, feito pelo ministro Temporão e sua equipe – ficou frustrado, porque a CPMF não foi aprovada no Senado da República”.

Em entrevista coletiva após cerimônia de lançamento da carteira de trabalho informatizada e do Cartão de Identificação do Trabalhador, em 30 de abril, no Palácio

⁵⁰ Hospitalar/2008 – 15ª Feira Internacional de Produtos, Equipamentos, Serviços e Tecnologia para Hospitais, Laboratórios, Farmácias, Clínicas e Consultórios.

do Planalto, em Brasília, perguntado se o trabalhador tinha o que comemorar naquele 1º de Maio, Lula respondeu: “Eu acho que tem como nunca teve na vida”.

Em 2 de maio, durante entrevista exclusiva à TV Cultura, no Palácio do Planalto, Lula disse ao jornalista Heródoto Barbeiro que “o PAC é, possivelmente, o mais importante investimento que este País já fez”. O presidente voltou ao tema no dia 5 de maio, em discurso em Teresina. Disse que “o PAC é o maior investimento em infraestrutura da história deste País; são 504 bilhões de reais. É tanto dinheiro que daria para encher este terreno aqui de dinheiro, para a gente fazer ferrovias, fazer portos, fazer aeroportos, fazer estradas, fazer casas, fazer saneamento básico, fazer escolas, fazer hospital, para a gente transformar o Brasil em um país realmente respeitado”, afirmou Lula.

No dia 9 de maio, em Ilhéus, na Bahia, Lula voltou a destacar feitos de seu governo como inéditos. O presidente referia-se ao Programa Universidade para Todos⁵¹. “O ProUni é um programa extraordinário. Este ano nós vamos formar ... os primeiros 60 mil jovens tiram diplomas este ano. Jovens da periferia, jovens de escola pública, 40% deles negros. Ou seja, nós já temos 410 mil jovens que jamais poderiam entrar na universidade, fazendo universidade neste País.”

No mesmo dia, em Salvador, Lula disse que o Brasil “vive um momento muito especial da sua história. O Brasil nunca, ... nunca⁵² teve um momento de auto-estima como tem agora, sem que a gente precise fazer uma musiquinha: ‘Eu te amo, meu Brasil, eu te amo’⁵³. Não precisa fazer. A auto-estima⁵⁴ é a esperança que voltou a iluminar na alma e na consciência desse povo extraordinário”.

Em 17 de maio, durante discurso na abertura de seminário em Lima, no Peru, Lula ampliou as fronteiras do “nunca antes”. O presidente disse que havia uma coisa que ele poderia dizer aos empresários brasileiros e peruanos: “Nós estamos vivendo um certo momento mágico na América do Sul. Eu não me lembro, na minha vida política, de ter uma combinação tão razoável de crescimento econômico, estabilidade

⁵¹ Programa do governo federal iniciado em janeiro de 2005 que oferece bolsas de estudo integrais e parciais em instituições privadas de ensino superior a jovens com renda per capita familiar de até três salários mínimos. As faculdades que integram o ProUni recebem, em contrapartida, isenção de impostos.

⁵² Lula falou a palavra “nunca” duas vezes, mas a transcrição na página da presidência na internet não indicava a repetição.

⁵³ O presidente cantou a música em tom de desdém.

⁵⁴ A tentativa sistemática de elevar a auto-estima do brasileiro também será abordada mais à frente.

macroeconômica e, ao mesmo tempo, uma forte política de inclusão social”. Mais adiante, complementou: “No Brasil, nós conseguimos, de 2004 para cá, tirar dez milhões de brasileiros da extrema pobreza, conseguimos elevar 20 milhões de brasileiros das classes D e E para a classe C”.

O trecho a seguir foi extraído do discurso de Lula durante a inauguração de um complexo hospitalar em Diadema, na Grande São Paulo, em 26 de maio. “Aqui, companheiro Temporão, vai ser feito muito tipo de exame; aqueles que até agora só rico tem direito e eu também por ser presidente da República. Aqueles que só meia dúzia têm direito de ir ao Albert Einstein, de ir ao Sírio-Libanês, de ir ao Instituto do Coração, de ir em uma clínica particular de classe alta. Aquelas máquinas bonitas, que a gente jamais esperou que um pobre⁵⁵ deitasse nelas para fazer um exame. Agora, Diadema, que não faz distinção de classe, que não divide as pessoas entre pobres e ricos, tem uma máquina em que, tanto pode deitar Sua Excelência, o presidente da República, ou Sua Excelência, o prefeito, e pode deitar nela, para fazer exame, o pedreiro que ajudou a fazer esta Casa de Saúde extraordinária.”

No mesmo dia, durante cerimônia de abertura do 20º Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE), Lula afirmou: “O zelo pelas finanças públicas é essencial para a construção de um País digno, mas só podemos tratar bem da economia, se nossos olhos e ouvidos estiverem abertos para a superação das dificuldades da nossa população. O forte compromisso com a repartição dos frutos da economia para todos, sobretudo para os mais pobres, é um traço essencialmente novo no Brasil, neste mundo que se desenha”.

No dia 24 de junho, em cerimônia de assinatura de atos do PAC, no Palácio do Planalto, o presidente mais uma vez passou a idéia de que algo de novo estava acontecendo. “Eu sei como é prazeroso poder dizer aos meus companheiros: nos primeiros cinco meses do ano nós criamos um milhão e 50 mil empregos com carteira profissional assinada. Eu sei porque passei 20 anos na porta de fábricas, vendo as empresas demitirem trabalhadores.”

⁵⁵ Este trecho e o que virá no próximo parágrafo revelam mais uma característica do discurso de Lula que será analisada mais à frente, que é a de apresentar-se como defensor dos pobres, deixando claro, em diversos momentos, que governa, prioritariamente, para as camadas mais baixas da população.

Em 13 de junho, durante entrevista coletiva no Palácio do Planalto, o presidente enalteceu os feitos do governo dele na área da habitação. “Nós passamos 26 anos, neste País, em que a construção civil só decresceu. Ela tinha tantos milhões de trabalhadores, e durante 26 anos foi perdendo o número de trabalhadores. Se vocês tiverem o prazer de conversar com a presidente da Caixa Econômica Federal vão perceber que o que nós fizemos nesses 5 anos e meio, em investimento em habitação, foi mais do que foi feito em 20 anos.”

Em 1º de julho, na Argentina, Lula disse que o momento era “estupendo”. Segundo o presidente, “o Brasil nunca viveu o momento que está vivendo”. No dia seguinte, em Curitiba, o presidente afirmou que “o Brasil vive um momento ímpar na sua história”. E prosseguiu: “Todos os investimentos que nós fizemos, de infraestrutura, começarão a desovar agora. Eu duvido que em algum momento os prefeitos deste Estado, independentemente do partido a que pertençam, tiveram a quantidade de recursos disponibilizados pelo governo federal como têm agora”.

No dia 4 de julho, em entrevista à revista Exame, no Palácio do Planalto, Lula disse que “este País tem uma chance singular de dar certo”. E foi além: “Eu comecei dizendo que a geração de vocês não viu este País crescer, sobretudo você que nasceu e virou jornalista, entrevistando o presidente. Você está vendo este País crescer agora. Você viu crescer um ano ou dois no Plano Real, viu crescer seis meses no Plano Cruzado, e não viu mais crescer. Peguem a construção civil de 1980 até agora, ela só veio assim. Agora que ela está assim. Peguem a indústria automobilística, vocês que entendem de economia. Desde que eu me conheço por gente e que fui presidente daquele sindicato lá em São Bernardo, a indústria automobilística vivia em crise. Hoje, todos os dias, todas as horas ... vejam os dados que foram publicados agora, da Anfavea. Só se vê recorde de vendas, recorde de exportações, recorde de licenciamentos, recorde de não sei das quantas”.

Em 12 de julho, em Jacarta, o presidente voltou a qualificar os feitos da administração dele como redentores. “O Brasil atravessa um momento especial. No nosso governo, milhões de brasileiros foram incluídos no mercado de trabalho, deixando para trás a fome e a pobreza”, afirmou Lula, durante encerramento do Encontro Empresarial Brasil-Indonésia.

Apesar de o “nunca antes neste País” poder ser considerado um jargão do presidente, a ponto de o próprio Lula se policiar para não repeti-lo, foram poucos os entrevistados nas ruas de São Paulo que identificaram a frase com o presidente. Apenas seis das 41 pessoas ouvidas sabiam o significado e o autor. Vinte e duas disseram nunca ter ouvido. Cinco pessoas afirmaram que já tinham escutado em algum lugar, mas não sabiam do que se tratava. Três relacionaram a frase com Lula, mas também não entenderam o significado. Outros cinco entrevistados não responderam essa pergunta.

Vale ressaltar que essa foi a última pergunta aos entrevistados e que foi feita da seguinte forma: “Você já ouviu a frase ‘nunca antes neste País’?”. Aos que respondiam afirmativamente, foram feitos outros questionamentos sobre o autor e o significado.

Entre as seis pessoas que entendem o que o presidente quer dizer quando fala o “nunca antes neste País”, duas avaliam o costume como uma jogada de marketing. “Já ouvi essa frase um milhão de vezes. É um discurso para a população”, afirma o médico Ricardo, que trabalha na Universidade Federal de São Paulo. “É frase do Lula, né?”, pergunta, rindo, o estudante Vinícius. “É para levantar o governo dele, fazer marketing”, complementa o jovem.

A gerente comercial Susi também disse, sorrindo, que já ouviu “muitas vezes” o presidente afirmar o “nunca antes na história deste País”. Segundo ela, a proposta de Lula é quebrar alguns paradigmas estabelecidos há alguns anos. “Mas eu acho que há um pouco de exagero”, pondera. Também achando graça, a médica Ceuci, moradora de Salvador, disse que o presidente repete o jargão porque implantou algumas mudanças, como a diminuição das desigualdades. “Ainda não é o ideal, mas acho que isso é a diferença do governo dele”, afirmou.

Para o aposentado Roberto, morador da Vila Clementino, Lula utiliza o jargão porque “se envaidece com aquilo que faz”. Por fim, a assistente administrativa Edilene mostra que entende o recado do presidente, mas não faz juízo de valor em relação à frase. “Eu já escutei várias vezes. Ele quer dizer que as coisas que acontecem agora, anteriormente nunca aconteceram”, resume.

Em 29 de julho, durante cerimônia de formatura de alunos do programa Todos pela Alfabetização (Topa), em Salvador, na Bahia, Lula deu um exemplo pontual para

mostrar que ele, e até a primeira-dama, fazem o que nunca ninguém havia feito. Depois de contar a história da mãe, que segundo ele, por ser analfabeta, ficava *areada*⁵⁶ quando chegava a São Paulo, sem saber que ônibus pegar, o presidente afirmou: “A gente está contando coisas que pensa serem do interior do País. Quando eu assumi a Presidência da República tinha, no Palácio do Planalto e na Granja do Torto, empregados analfabetos. Tem um companheiro que trabalha até hoje – que chama dona Marisa de madrinha porque ela o colocou na escola – que conta que a Granja do Torto fica mais perto da casa dele que a rodoviária. Ele saía do Torto, pegava a perua e ia até a rodoviária de Brasília porque não sabia parar o ônibus na rua. Andava 13 quilômetros para trás para pegar o ônibus no ponto final, que sabia onde era, para ir para casa. Esse cara foi alfabetizado depois que eu cheguei à Presidência da República”.

⁵⁶ “Não sei se aqui na Bahia utilizam este termo ‘ficar areada’. ‘Ficar areada’ é descer em um lugar, andar um pouco e depois não saber mais onde está”, explicou Lula. Segundo o Houaiss, “areado” significa coberto de areia. O dicionário cita o uso informal da palavra (regionalismo) no Sul do País, mas com o significado de sem dinheiro, teso, duro.

3.5 – Lula conserta o que os outros fizeram de errado

Existem dois outros aspectos recorrentes do discurso do presidente que caminham praticamente juntos ao “nunca antes neste País”. O primeiro deles, que será objeto de estudo agora, é a crítica ferrenha que Lula faz aos governos anteriores. O outro, que será discutido logo em seguida, é o ufanismo muitas vezes exacerbado do presidente da República.

Na análise dos discursos de Lula durante os meses de maio, junho e julho de 2008 encontrei 52 momentos em que o presidente faz críticas aos governos que o antecederam, seja direta ou indiretamente. Veremos a seguir alguns exemplos de episódios em que ele foi bastante incisivo.

Em 6 de maio, em Manaus, no Amazonas, Lula disse o seguinte: “... quando a gente chega a um bairro próximo ao centro da capital do Estado, e a gente ouve uma mulher dizer que o grande sonho dela era tomar um banho de chuveiro, a gente chega à conclusão de quantas décadas e mais décadas o povo pobre deste País foi segregado ao esquecimento pelos governantes do País. Quantas e quantas décadas”.

No dia 9 de maio, em Ilhéus, na Bahia, o presidente foi ainda mais direto nas críticas: “Eu viajei muito pelo mundo, comprei até um avião, que disseram que era ‘Aerolula’. Porque, no fundo, no fundo, a mediocridade daqueles que governavam este País era tão grande, que eles não viajavam, eles achavam que os outros gostavam de nós pela beleza dos nossos olhos, que eles iam saber da nossa capacidade de produção. E eu aprendi: quem quer vender, vai mostrar; quem quer vender, vai atrás”.

Ainda no dia 9 de maio, em Lauro de Freitas, também na Bahia, Lula, bem-humorado, voltou a queixar-se dos governos anteriores. “Eu descobri que a coisa mais fácil do mundo é cuidar dos pobres. Eu não sei por que, durante tanto tempo, cuidaram só dos ricos. Um rico, quando entra na minha sala, vai logo pedindo um bilhão, dois bilhões, três bilhões para fazer um projeto não sei das quantas. O pobre, quando entra na minha sala, quer uma casinha de 30 m², quer um médico, quer água encanada.”

No mesmo discurso, Lula encerrou da seguinte forma a explicação sobre o grau de investimento recebido, dias antes, pelo Brasil: “O Brasil está mais respeitado, e isso é bom. É muito bom. E eu fiquei feliz porque foi no meu governo, porque diziam que

nós íamos quebrar o nosso País. E nós estamos quebrando, estamos quebrando eles de vergonha, porque governaram 500 anos e não conseguiram fazer o que nós estamos fazendo”.

Em 12 de maio, durante discurso na cerimônia de lançamento da Política de Desenvolvimento Produtivo: Inovar e Investir para Crescer, no Rio de Janeiro, Lula disse que o Brasil vinha de décadas de descrença nas próprias forças. “Queremos consolidar a vitória do Brasil sobre 25 anos de incertezas, de crescimento volátil e baixo. Durante 25 anos, paramos de planejar e de acreditar que nossos filhos e netos poderiam ter uma vida melhor do que a nossa. Foram 25 anos de marasmo e apatia, que impediram os empresários de investir vigorosamente em novas fábricas e criar novos empregos na escala demandada pelo nosso imenso desafio social”, afirmou o presidente.

Em 20 de maio, em visita a comunidades carentes de São Paulo, Lula culpou os antecessores pelos problemas de habitação nas grandes cidades. “Ora, se todo mundo daquela época, há 20 ou 30 anos, tivesse atacado e tirado as poucas famílias, e feito casa em lugares adequados, nós não teríamos uma cidade, hoje, numa situação, eu diria, degradante para o povo mais pobre. Assim vale para as palafitas do Nordeste, assim vale para as pessoas que moram de forma degradante. Houve dezenas de décadas de irresponsabilidade que nós precisamos reparar.”

Lula voltou a apontar descaso, no passado, com os mais pobres no dia 26 de maio, em discurso, também no Rio de Janeiro, durante cerimônia de abertura do 20º Fórum Nacional do INAE. Na ocasião, Lula referiu-se também à crise financeira internacional, que começava a dar sinais de que afetaria o Brasil com mais força do que o próprio presidente imaginava anteriormente. “Podemos sofrer algumas conseqüências da crise internacional, mas estou certo, estou convencido de que agora trilhamos um caminho sustentável. Somos um dos raros países do mundo que consegue diminuir a pobreza e ao mesmo tempo as desigualdades. É o que nos diferencia do passado, quando apenas crescíamos. Hoje, há mobilidade de renda no Brasil, há crédito facilitado, há inclusão de milhões de pessoas que foram deixadas à beira da estrada por décadas e décadas”, disse o presidente.

E complementou, mais adiante, reforçando a idéia que ele transmite com insistência de que assumiu a presidência para corrigir os erros do passado: “Eu acho fantástico cada vez que eu chego à Suécia, à Suíça, à Finlândia, à Dinamarca, nesses países desenvolvidos, o país parece a casa de um recém-casado que voltou de lua-de-mel⁵⁷: está tudo no lugar, não tem nada fora do lugar. O Brasil é uma casa de um casal que já tem dez filhos, que brigam entre si, que se chutam e que está tudo fora do lugar. O que nós estamos tentando é consertar”, afirmou Lula.

No mesmo dia, mas em Niterói, em evento da Petrobras, Lula disse que “este País, que tem tudo para ser o mais extraordinário país do mundo, ficou três décadas sem oferecer oportunidade à sua indústria e ao seu povo. Foram três décadas de estagnação”.

No dia 30 de maio, em Belém do Pará, o presidente afirmou que “este País foi governado com mentiras por muito tempo. Na época das campanhas eleitorais os governantes gastavam o que não tinham, prometiam o que não podiam fazer e passavam décadas e décadas... E o povo só assistindo a sua situação piorar na periferia deste País”.

Em 5 de junho, em evento com a comunidade GLBT no Centro de Convenções, em Brasília, o presidente fez voltar a imagem de redentor. “Eu tenho dito, Paulinho⁵⁸, quando vou inaugurar obras do PAC nas favelas, que o que nós estamos fazendo é uma reparação de governantes irresponsáveis que, durante 50 ou 60 anos, deixaram os pobres se amontoarem em lugares que não deveriam se amontoar.”

Em 29 de julho, em Salvador, durante formatura de alunos de um programa de alfabetização de adultos, Lula disse que o momento que os formandos estavam vivendo era extraordinário, mas fez uma ressalva: “Tanta gente querendo recuperar o tempo perdido e se apegar às oportunidades que estão aparecendo para deixar o passado para trás e construir um futuro muito mais digno. Tudo isso poderia ter sido resolvido há 40 anos atrás⁵⁹, 50 anos, 60 anos. Afinal de contas, este País foi governado por muita gente letrada. O primeiro que não tem diploma universitário sou eu. Todos foram

⁵⁷ O uso de metáforas ligadas ao cotidiano familiar é mais uma constante no discurso do presidente Lula. O tema será analisado mais adiante.

⁵⁸ Paulo Vannuchi, secretário especial dos Direitos Humanos.

⁵⁹ O termo redundante “atrás” foi suprimido na transcrição do discurso que consta da página da Presidência na internet. Os erros de língua portuguesa cometidos pelo presidente serão objeto de estudo mais à frente.

doutores que governaram este País, numa demonstração de que não era ignorância não, era o jeito de ver o País: ‘Tem uma parte da sociedade que não sabe ler mesmo, então deixa para lá’. Era assim que se pensava neste País. ‘Para que alfabetizar adultos? Vamos tentar alfabetizar só as crianças’. Como se as pessoas que não tiveram oportunidade e estão com 20, 30, 40 anos, fossem obrigadas a ficar segregadas na ignorância porque o Estado achava que elas não tinham mais jeito”, disse Lula.

Para o professor doutor do Departamento de Economia da PUC/SP Antonio Corrêa de Lacerda, Lula tem razão quando faz críticas aos governos anteriores. O economista admite que o Brasil deu um salto espetacular, do ponto de vista econômico, nas últimas décadas⁶⁰, mas, segundo ele, o modelo de crescimento adotado não foi correto. “Foi um modelo que privilegiou uma determinada camada em detrimento do todo.” Lacerda afirma que o diferencial do governo Lula é ter dado “uma tonalidade maior para o social”. O economista concorda, em parte, com as críticas de que programas do governo, como o Bolsa Família⁶¹, são assistencialistas. “Por um lado é verdade, mas por outro é uma espécie de resgate do lado ruim que foi deixado pelo modelo adotado, que é extremamente excludente”.

Segundo Lacerda, o governo é assistencialista porque vivemos numa sociedade extremamente desigual. “Temos uma sociedade de excluídos”, afirma. Ele lembra que os economistas liberais costumam dizer que isso tem de ser resolvido no longo prazo, com melhorias na educação, na saúde. “Isso é fácil falar para a classe média, mas imagina o cidadão que está lá no interior do Brasil, não tem sequer saneamento básico, não tem acesso a emprego, à educação de qualidade, nada, e você vai e dá uma cesta básica. É assistencialista, só que eu resolvi o problema imediato”, pondera Lacerda. O economista qualifica o Bolsa Família como um mal necessário que ameniza o problema social, mas admite que o programa não resolve a problemática estrutural. “Em paralelo a isso, teria de haver programas que permitissem a inclusão dos filhos dessas pessoas”. Para Antonio Corrêa de Lacerda, os adultos que recebem o benefício do

⁶⁰ Lacerda lembra que, de um país tipicamente agrário na década de 30, o Brasil transformou-se na oitava potência industrial do planeta.

⁶¹ De acordo com o site do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, o Bolsa Família, criado em janeiro e regulamentado em setembro de 2004, “é um programa de transferência direta de renda com condicionalidades, que beneficia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza”. A expectativa é beneficiar, em 2009, 11 milhões de famílias, com orçamento de R\$ 11,4 bilhões.

Bolsa Família talvez não sejam incluídos nunca, pois já perderam a oportunidade. “Mas o governo tem de estimular para que eles tenham uma condição mínima que possa dar educação básica de qualidade aos filhos”. O professor de economia da PUC/SP diz que “sendo bem realista, ainda teremos duas ou três gerações com algum tipo de assistencialismo”. Lacerda afirma, portanto, que “defende os programas assistenciais, por mais que eles tenham o defeito de serem assistencialistas”.

Joelmir Beting enxerga a prática de Lula de criticar os antecessores como “de caráter puramente eleitoreiro”. Segundo o jornalista, o presidente segue a linha do PT, que faz a cabeça dele nesse sentido. Joelmir ainda aponta um equívoco histórico cometido pelo Partido dos Trabalhadores. “Eles falam de herança maldita citando o Fernando Henrique, quando a herança maldita é do dom João VI. É um Estado brasileiro que se tornou um fim em si mesmo ao longo da história; que tem a ganância patrocinada pela arrecadação a ferro e fogo, a ponto de o Brasil dispor hoje do sistema tributário mais suicida do ponto de vista econômico, mais caótico do ponto de vista jurídico e mais perverso do ponto de vista social”, diz Joelmir.

Nas ruas de São Paulo, apenas 12 dos 41 entrevistados disseram que o presidente Lula tem razão ao criticar os governos anteriores. Dezenove afirmaram não concordar com as críticas e dez se mostraram indiferentes ou não responderam.

Vale destacar que, mesmo entre os 30 que disseram acreditar (ainda que em parte) no que o presidente Lula diz⁶², 15 mostraram-se contrários às críticas ao passado. “O mais importante é aquilo que ele está fazendo e não o que outros deixaram de fazer”, afirmou o marceneiro Luis, morador de Tabapuã, interior paulista. “Nessa parte eu não concordo, não. Eu acho que cada governo deu sua contribuição; uns mais outros menos. Não concordo que o País ficou estacionado nos outros governos”, disse o professor Luis, de Ribeirão Preto, também no interior de São Paulo. “Ele tem que fazer o papel dele. Isso aí eu sou contra porque quem não fez é porque não teve competência, mas ele não tem que se deparar⁶³ com os outros; tem que mostrar ele, fazer ele, porque quem está no comando agora é ele”, completou o taxista Evandro, morador do Capão Redondo, no extremo sul de São Paulo.

⁶² Essa questão, se o discurso do presidente Lula é recebido ou não como verdadeiro (tema central desse trabalho), será analisada mais à frente.

⁶³ O entrevistado quis dizer “comparar”.

Vendedor em Poços de Caldas, Minas Gerais, Paulo também não apóia as críticas de Lula aos antecessores. “Eu não concordo muito porque, para a gente que é do interior, da agricultura, na época do Fernando Henrique foi melhor”, afirmou. “Não, sobre os governos anteriores eu não apóio ele porque nós teve muitos presidentes bons no Brasil. Nós teve o Figueiredo, o menino que entrou no lugar do Tancredo Neves, ... o Sarney”, disse o manobrista Valmir, que trabalha em Moema e mora na Vila Calu, em Santo Amaro, zona sul da capital paulista. “A gente nunca tem que ir para a frente pisando no que está atrás. Não tem que fazer comparações. Ele tem que lutar e ir para a frente sem menosprezar os outros”, disse a dona de casa Ruth, moradora da Lapa, na zona oeste. Corino, orientador de estacionamento, morador de Itapeverica da Serra, na Grande São Paulo, concorda: “Eu acho que tudo é daqui para a frente. Você pegou hoje, o que passou, passou. Cada um faz o que acha que deve, para o bem, né, claro”.

Para o médico Ricardo, morador da Vila Clementino, o discurso de Lula recheado de críticas aos governos anteriores é fruto da origem do PT, que nasceu como um partido de oposição. “Eu acho que o crescimento que o Brasil tem hoje foi alavancado por uma base sólida construída faz tempo. Eu acredito que o governo Fernando Henrique foi um dos grandes contribuintes para essa solidez econômica que o Brasil tem hoje”, afirmou. A também médica Ceuci, de Salvador, na Bahia, complementa: “Eu acho que a essa altura ele tem que falar mais do governo dele, porque ele já está há seis anos no poder. Mas que ele teve uma herança muito difícil, eu acho que foi”, pondera.

Sobre a questão da herança deixada a Lula pelos governos anteriores, vale resgatar o que disse o professor de economia Antonio Corrêa de Lacerda, para quem o grande diferencial do atual governo é ter dado mais atenção aos aspectos sociais. Lacerda admite, no entanto, que os antecessores deixaram contribuições importantes, desde Getúlio Vargas⁶⁴, “que viabilizou a industrialização” e Juscelino Kubitschek⁶⁵, “que incorporou o capital estrangeiro na industrialização”. Lacerda cita também os governos militares, “que por mais críticas que a gente possa fazer do ponto de vista

⁶⁴ Governou o Brasil de 1930 a 1945 e depois, de 1951 a 1954, quando suicidou-se.

⁶⁵ Foi presidente da República de 1956 a 1960, sendo substituído por Jânio Quadros.

político, na área econômica tiveram uma visão de país e investiram fortemente em infraestrutura, com Itaipu, as estradas e toda a infra-estrutura econômica e viária”.

Em relação a Fernando Collor de Mello⁶⁶, o professor destaca que o ex-presidente teve a coragem de realizar a abertura da economia, “ainda que de uma maneira equivocada”. Corrêa de Lacerda também ressaltou o legado positivo deixado por Fernando Henrique Cardoso. “Ele deu prosseguimento à abertura, cometeu erros de valorização do câmbio, mas conseguiu uma relativa estabilidade de preços que foi seguida depois por Lula”, afirmou.

Entre os oito entrevistados (do total de 41) que afirmaram não acreditar no que Lula diz, quatro disseram que o presidente não tem razão em criticar os antecessores. Três não responderam à questão e apenas um concorda com Lula em relação às queixas das administrações anteriores. “Não concordo com as críticas porque ele não cresceu, os governos anteriores trouxeram ele para cá; ele está afundando *nós* novamente. Ele não tem nenhum projeto. O projeto dele é pensado por outras pessoas”, reclama Sérgio, desempregado, morador de Moema. “Acho que ele tem que fazer só o papel dele. Tem que fazer o país crescer, só isso, o papel dele é esse”, completa o assistente administrativo Everton, que mora no Jardim São Luis, zona oeste de São Paulo. O aposentado Roberto, morador da Vila Clementino, respondeu com uma pergunta: “Como concordar com ele? Ele critica e ao mesmo tempo pratica o que os governos anteriores praticavam”, ponderou.

Dos 12 entrevistados que disseram que Lula tem razão em criticar os governos anteriores, cinco justificaram a resposta afirmando que a situação atual é melhor do que no passado. “Depois que ele assumiu, *mudou* muitas coisas, principalmente para os pobres”, afirmou o auxiliar de encarregado José, morador de Guarulhos, na Grande São Paulo. “Por um certo lado, eu concordo, sim. O Brasil melhorou muito, assim, antes dessa crise aí, ... a facilidade para as pessoas comprarem as coisas, eu acho que o Brasil cresceu bem, sim”, disse o cabeleireiro Vagner, que mora em Santana, zona norte da capital paulista. “Com certeza, eu acho que os que passaram, ... os *cara* não *fazia* nada. E ele está fazendo para a gente. Tudo bem que a gente está numa crise, mas não é só o Brasil, é o todo”, afirmou o motorista Diógenes, de São Bernardo do

⁶⁶ Assumiu a presidência em março de 1990 e foi afastado, via impeachment, em outubro de 1992.

Campo, na Grande São Paulo. “Eu concordo com as críticas aos governos passados porque só a partir do governo dele é que o Brasil começou a crescer, ter mais representatividade no mundo”, disse o estudante do 2º ano do ensino médio Vinícius, morador de Osasco, também na Grande São Paulo. Vigilante na Universidade Federal de São Paulo, na Vila Clementino, zona sul, Tarcísio também revelou concordar com as queixas de Lula em relação aos antecessores e apontou um motivo pessoal para justificar a opinião. “Principalmente na função que eu exerço, de funcionário público, nas outras gestões a gente teve bastante defasagem de salário, e ele ajudou muito a gente.”

A assistente administrativa Edilene, moradora de São Bernardo do Campo, afirmou concordar com as críticas do presidente, mas fez uma observação interessante que serve de alerta a Lula. “Eu concordo, porque é um direito dele criticar, mas ele tem que pensar que, um dia, ele também será um anterior. Acho bom ele trabalhar porque um dia alguém vai falar dele também.”

Vejamos mais alguns exemplos de episódios em que Lula faz críticas aos governos que o antecederam, ainda que não de forma direta:

No dia 5 de maio, em Teresina, Piauí, o presidente disse que “o Brasil estava quebrado, não tinha credibilidade. Não podia sequer pagar as suas importações. Todo mundo lembra quanta faixa tinha aqui, da dívida externa. Cada vez que ia em um lugar era: ‘Fora FMI’, não sei das quantas. *Cabou*⁶⁷ isso. Acabou! Hoje, nós temos 200 bilhões de dólares de reservas”.

Mais adiante, no mesmo discurso, complementou: “Agora, lógico, companheiros, que tem muita coisa para fazer. Nós estamos só no começo. Tem 500 anos de exploração neste País. Quinhentos anos! Nós estamos começando um processo em que vai acontecer muita coisa. Nós temos dois anos e oito meses de governo”.

Em 9 de maio, durante cerimônia em Lauro de Freitas, na Bahia, Lula afirmou o seguinte: “É inacreditável que um País que é a oitava economia mundial, que tem vocação de se transformar numa potência econômica, numa potência social, tenha sido, ao longo de séculos, tratado da forma mais vergonhosa, dividido entre aqueles que cada vez ficavam mais ricos e aqueles que cada vez ficavam mais pobres, e eram

⁶⁷ O presidente afirmou assim, sem o “a”, e depois repetiu a palavra, na forma correta.

escorraçados para o barro”. A afirmação foi feita logo após o presidente dizer que tinha ouvido no dia anterior, em Manaus, que o maior sonho de uma mulher era tomar um banho de chuveiro.

No dia 17 de maio, em Lima, no Peru, o presidente estendeu as críticas para além das fronteiras do Brasil. Falando a uma platéia de empresários brasileiros e peruanos, Lula disse que “nossos países têm o mesmo desafio fundamental: superar um pesado legado de injustiça e de desigualdade que, por muitos anos, atrasou nosso desenvolvimento”.

Em 20 de maio, em Santo André, na Grande São Paulo, o presidente disse que o PAC é o primeiro grande começo para tentar acabar com as palafitas no Brasil. “Nós temos que acabar com isso, porque isso passou a ser uma vergonha deste País. Este País que cresceu até 14% ao ano e, mesmo assim, os pobres aumentaram ao invés de diminuir”, afirmou Lula.

No período de três meses que compreende o recorte temporal desse trabalho, Lula repetiu doze vezes a idéia de que o Brasil passou 20, 25, 26 anos ou décadas sem crescer. Alguns dos trechos já foram destacados anteriormente. Vejamos mais alguns:

No dia 29 de maio, em São Salvador, El Salvador, o presidente disse que “o Brasil, que é um País grande, que tem uma economia razoavelmente forte, ficou 26 anos sem crescer. Vinte e seis anos”, repetiu Lula. Em 10 de junho, ao falar sobre o potencial da indústria brasileira durante a Hospitalar/2008, em São Paulo, o presidente disse que “temos de correr atrás para recuperar o espaço perdido no mercado mundial. Afinal de contas, foram 26 anos – não foram dois meses – de frustração neste País”. Em Belford Roxo, Rio de Janeiro, durante discurso na cerimônia de comemoração dos 50 anos do Parque Industrial da Bayer, o presidente disse o seguinte: “Depois de décadas de estagnação econômica e forte concentração de renda, o País hoje cresce de forma acelerada, e cresce para todos, reduzindo desigualdades sociais e regionais históricas”. Em 1º de julho, em San Miguel de Tucumán, na Argentina, Lula recorreu à linguagem popular para falar mais uma vez em estagnação. “Nós passamos quase duas décadas comendo o pão que o diabo amassou, vendo os países ricos ficarem mais ricos e os nossos países ficarem mais pobres”.

No dia 26 de junho, o presidente voltou a criticar os antecessores de forma velada. Foi durante entrevista exclusiva à agência de notícias Bloomberg, no Palácio do Planalto. “Nós já sabemos todos os erros que aconteceram no Brasil, e não queremos que aconteçam outra vez”, disse Lula. A estratégia se repetiu quatro dias depois, em Itajubá, Minas Gerais, na cerimônia de lançamento do Pólo Aeronáutico de Helicópteros de Grande Porte. “Este País, que já teve tantas chances, este País que já jogou fora tantas oportunidades, não tem o direito de jogar nenhuma oportunidade fora”, afirmou o presidente da República. Em 3 de julho, em Brasília, Lula voltou a “cutucar” os antecessores durante lançamento do Plano Safra Mais Alimentos. “O que eles dizem que é crise, nós temos que dizer: é apenas uma oportunidade de fazermos, hoje ou amanhã, o que não fizemos ontem ou anteontem”.

Em 16 de julho, durante discurso na cerimônia de sanção de projetos de lei na área da educação, no Palácio do Planalto, Lula afirmou o seguinte: “O absurdo, companheiros – e eu faço questão de dizer isso sempre que posso – é que em cem anos, neste País, só tinham sido feitas 140 escolas técnicas, como se formar os nossos adolescentes não fosse algo necessário”.

Durante entrevista exclusiva à TV portuguesa RTP, em Lisboa, em 26 de julho, ao lado do primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates, Lula deu mais uma estocada nos antecessores. Perguntado se o Brasil ainda aspira ser uma potência mundial, o presidente respondeu: “Há muito tempo nós não víamos o Brasil crescer com a inflação controlada; há muito tempo a gente não via, no Brasil, crescer o mercado externo e o interno; e há muito tempo a gente não via o povo pobre deste País comer o que está comendo agora. Isso nos coloca no padrão dos países, eu diria, à beira do desenvolvimento. É lógico que nós temos um estoque de miséria que foi plantada no Brasil ao longo de séculos e que temos de recuperar”.

3.6 – Lula, um ufanista

“Eu sou um otimista inveterado”, admitiu o presidente Lula em 26 de junho de 2008, durante entrevista à agência Bloomberg, em Brasília. Nem precisava. Quem acompanha um pouco os discursos do presidente já tem mesmo a idéia de que otimismo é com ele mesmo. Mas quem se debruça sobre tudo o que Lula falou ao longo de 93 dias chega a surpreender-se com um ufanismo mais do que exacerbado. A análise do material indica 60 momentos em que o presidente mostra uma confiança inabalável no Brasil.

Por doze vezes ele afirmou que o País vive um momento mágico, excepcional, glorioso ou de ouro. Vejamos alguns exemplos:

Em 30 de abril, durante discurso em Maceió, Alagoas, Lula disse: “O Brasil vive um momento mágico. Nós acabamos de receber a notícia de que o Brasil passou a ser *investment grade*”. Em 9 de maio, discursando em Catu, na Bahia, o presidente afirmou: “O Brasil vive hoje um momento, eu diria – tem gente que não gosta que eu diga isso – mas o Brasil vive um certo momento de magia; é uma magia”, repetiu. No dia 17 de maio, em Lima, no Peru, o presidente estendeu o ufanismo ao país visitado. Dirigindo-se ao presidente peruano, Alan Garcia, Lula afirmou: “Quando digo que estamos vivendo um momento mágico, meu caro Alan, é porque eu conheço muito a América do Sul”. Em 30 de maio, em Belém do Pará, depois de enaltecer o potencial agrícola do Brasil, o presidente disse: “Por isso, meus companheiros e companheiras, nós vivemos este momento de ouro no Brasil”⁶⁸. No dia 13 de junho, em entrevista coletiva no Palácio do Planalto, Lula afirmou que “o Brasil vive um momento tão excepcional que eu acho que a nossa oposição deveria ser mais propositiva”. Em 4 de julho, em entrevista exclusiva à revista Exame, também no Palácio do Planalto, o presidente disse, referindo-se aos recordes no mercado automobilístico⁶⁹, que “é o momento de ouro do País”. Em discurso durante cerimônia de sanção de projetos educacionais, em

⁶⁸ Ainda em 30 de maio, em Belém do Pará, Lula disse o seguinte: “Vocês estão lembrados de que quando tomei posse, em 2003, eu falei: vou começar fazendo o necessário, depois vou fazer o possível, e vamos terminar fazendo o impossível”.

⁶⁹ A produção de veículos em junho de 2008 bateu recorde histórico, segundo a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), com 303,8 mil unidades, resultado 4,8% superior ao registrado no mês anterior. O primeiro semestre de 2008 também fechou com produção recorde de 1,68 milhão de veículos, o que correspondeu a um aumento de 21,3% em relação ao mesmo período de 2007.

16 de julho, ainda no Palácio do Planalto, Lula afirmou: “Eu, sinceramente, acho que este é um momento glorioso para o País”. No dia 23 de julho, em entrevista coletiva no Itamaraty após almoço com o primeiro-ministro de Trinidad e Tobago, Patrick Manning, o presidente voltou a afirmar que “o Brasil vive um excepcional momento”.

Muitos dos momentos de ufanismo de Lula já foram registrados anteriormente nesse trabalho, quando analisamos o bordão “nunca antes neste País”. São trechos em que o presidente faz uma comparação de seu governo com administrações anteriores. Há, no entanto, muitos outros em que Lula faz projeções otimistas para o futuro do País. Em vários desses episódios, o presidente sugere que o Brasil atingiu um patamar tão elevado que não há mais volta. Um deles ocorreu também no dia 23 de julho, durante o evento com o premiê de Trinidad e Tobago. Ao falar sobre as perspectivas na área de extração de petróleo no Brasil, Lula afirmou que “são investimentos extraordinários que mostram que o crescimento será sustentável realmente e o crescimento é definitivo no Brasil”.

Em 12 de maio, no Rio de Janeiro, Lula disse o seguinte, durante cerimônia de lançamento da Política de Desenvolvimento Produtivo: “Tiramos muitas lições desses 25 anos em que atravessamos, com enormes sacrifícios, o deserto da estagnação⁷⁰. Mas agora vivemos um novo momento. Chegou a hora de reforçar as bases do nosso futuro”. Mais à frente, ele reiterou: “Repito: atravessamos o deserto da estagnação. A terra fértil já está à vista”.

No dia 10 de junho, em discurso na Hospitalar/2008, em São Paulo, o presidente afirmou: “É importante lembrar que todo mundo estava chorando em 2004 e 2005. Eu não agüentava mais encontrar empresário para ouvir: ‘estamos fechando, estamos quebrando, estamos em vermelho, vamos embora, não está dando certo’. Hoje nós percebemos, pelos números ditos pelo nosso ministro Miguel Jorge⁷¹, que o País se encontrou consigo mesmo”.

Em cerimônia na Bovespa, em São Paulo, em 16 de junho, Lula disse o seguinte: “A alegria de estar aqui também é por outra razão. Eu penso que nós encontramos aquele denominador comum para o nosso País”. Minutos depois, o presidente afirmou:

⁷⁰ Vale ressaltar a crítica velada aos governos anteriores.

⁷¹ Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

“Tinha gente que dizia que a Bolsa de Valores não chegaria a 20 mil pontos. Não é que dizia, escrevia que a Bolsa de Valores não chegaria. Eu não sei se essas pessoas estão lendo os seus próprios artigos⁷², se estão mudando de opinião, para compreender que também em se tratando de mercado de capitais, o Brasil não é mais uma província, o Brasil é uma potência”⁷³.

“Este País não tem retorno. Podem acreditar, prefeitos, não tem retorno. Vocês vão se cansar de fazer obras, porque não pensem que este PAC termina agora, não. Logo, logo terá um outro PAC.” A afirmação foi feita por Lula, em 24 de junho, em Brasília, durante assinatura de atos do Programa de Aceleração do Crescimento.

Em 30 de junho, em Itajubá, Minas Gerais, o presidente disse que “a construção de helicópteros de grande porte no Brasil⁷⁴ é mais uma prova de que nosso País reencontrou o caminho do desenvolvimento”.

O economista Antonio Corrêa de Lacerda afirma que Lula tem, realmente, motivos para se ufanar, mas admite que o presidente capitaliza muito o que faz. “Tem um aspecto político de demagogia, não há dúvida, mas por outro lado, há também uma tentativa de resgate da auto-estima do brasileiro, que é muito importante”, ressalta o professor da PUC de São Paulo.

Lacerda lembra que o governo de Lula coincidiu com um período muito favorável da economia mundial, o que facilitou as coisas para o Brasil. “Foram quase seis anos de opulência, já que agora⁷⁵ é que a crise começa a fazer efeito”, afirma. O economista diz, no entanto, que o governo Lula teve o mérito de romper com determinados paradigmas de falsas soluções como, por exemplo, a de que a privatização por si só seria uma saída para o País. Lacerda destaca a abertura da economia brasileira como um aspecto positivo do atual governo.

Amigo pessoal de Lula desde a década de 80, o jornalista Ricardo Kotscho afirma que o otimismo que o presidente adota nos discursos também pode ser

⁷² As críticas de Lula à imprensa, considerada “pessimista” pelo presidente, serão analisadas mais à frente.

⁷³ Naquele dia o Ibovespa fechou aos 67.284 pontos. O recorde de fechamento na Bolsa de Valores de São Paulo havia ocorrido algumas semanas antes, em 20 de maio, quando o índice bateu em 73.516 pontos. No auge da crise internacional, em 27 de outubro, o Ibovespa terminou o dia aos 29.435 pontos.

⁷⁴ Lula participou naquele dia das comemorações dos 30 anos da Helibrás e do lançamento do Pólo Aeronáutico Brasileiro de Helicópteros de Grande Porte. O projeto, que previa investimentos iniciais de até US\$ 400 milhões, envolve a transferência de tecnologias entre Brasil e França. As primeiras aeronaves devem ser entregues em 2010.

⁷⁵ A entrevista com o professor Antonio Corrêa de Lacerda foi feita em 17 de dezembro de 2008.

identificado facilmente na vida privada. “Ele faz discurso no café da manhã, quando estamos eu, minha mulher, ele e a Marisa. Desde os tempos fodidos lá do ABC, que era uma barra, tropa de choque, prisão, tortura, helicóptero do Exército; mesmo naquela época ele não se apavorava e achava que ia dar tudo certo.” Segundo Kotscho, a própria eleição de Lula é uma prova disso. “Um cara que perdeu três vezes seguidas para a presidência da República, ser candidato de novo. Muitos amigos dele, inclusive eu, achavam que ele não deveria concorrer de novo, mas ele falava: ‘não, vamos ganhar, pô’.”

Ricardo Kotscho nega que a postura adotada por Lula no início da crise internacional tenha sido uma jogada de marketing. O presidente foi bastante criticado por ter minimizado os efeitos no Brasil. “O presidente da República, na função dele, não pode dizer: ‘Olha, está tudo uma merda, se tranca em casa que o mundo acabou, porque aí acaba mesmo. Mas no caso dele é real. Eu falei com ele no fim de semana⁷⁶ e ele fez um discurso para mim provando que o Brasil tem condições de superar essa crise. Não é uma coisa da boca para fora, para o público, é um negócio que ele realmente sente”, afirmou o jornalista.

Para Kotscho, o otimismo de Lula tem muito a ver com a história de vida do presidente. “Um cara que passou o que ele passou na infância, na adolescência; tudo o que acontece, que para nós seria uma tragédia, como a crise agora, todo mundo apavorado, a imprensa catastrófica, ele vê de outra maneira. Ele já passou por mil situações difíceis e sempre conseguiu superar.”

Seguem abaixo mais alguns momentos em que o presidente Lula mostrou otimismo exacerbado ao longo do recorte temporal de três meses desse trabalho:

Em 2 de maio, durante entrevista exclusiva à TV Cultura, ao falar sobre a dívida externa, Lula afirmou: “Hoje nós estamos numa situação altamente confortável. Primeiro, porque nós temos quase 200 bilhões de dólares de reservas; segundo, porque nós estamos fazendo o PAC com recursos do governo e com recursos das empresas”.

No dia 12 de maio, durante cerimônia que marcou o início das obras do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, o presidente voltou a mostrar extrema confiança no

⁷⁶ A entrevista com Ricardo Kotscho foi feita na manhã de 16 de dezembro de 2008, uma terça-feira.

futuro do País. “Hoje, quando nós lançamos a política industrial, eu fiquei pensando no Brasil daqui a 10 ou 15 anos, eu fiquei pensando no Brasil daqui a 20 anos, aquele Brasil que a vida inteira prometeram, que era o Brasil do futuro, que era o Brasil não sei das quantas, esse Brasil vai chegar”.

Em 19 de maio, no programa de rádio “Café com o Presidente”, Lula disse que, por causa da quantidade de investimentos, estava otimista que a inflação continuaria baixa. E completou: “O Brasil vai crescer de forma sustentável durante um longo período”. No dia seguinte, em Santo André, na Grande São Paulo, repetiu o discurso: “Eu acho, companheiros e companheiras, que nós chegamos a um momento em que eu posso dizer para vocês: eu vislumbro que o Brasil vai ter os próximos 10 ou 15 anos de muito crescimento”.

No dia 29 de maio, em São Salvador, El Salvador, ao criticar o aumento abusivo dos preços do petróleo⁷⁷, Lula disse que estava falando contra ele mesmo. E explicou: “Estou falando contra mim porque o Brasil, além de já ser auto-suficiente em petróleo, acaba de descobrir grandes blocos de petróleo, com grandes possibilidades de tornar o Brasil um dos três países com maior reserva de petróleo do mundo”.

No dia seguinte, em Belém do Pará, o presidente acrescentou pitadas históricas ao cardápio ufanista: “O século XIX foi da Inglaterra, o século XX foi dos Estados Unidos e da União Européia. O século XXI não vai ser só da China ou da Índia, porque o Brasil está nessa disputa para se transformar numa grande nação”, afirmou.

Retomando a questão energética, durante cerimônia de lançamento do novo Gol na fábrica da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, em 29 de junho, Lula disse que “haverá um momento em que o mundo irá se curvar aos combustíveis renováveis, e aí o Brasil poderá vender muito mais carros produzidos aqui”. O presidente referiu-se ao fato de a indústria automobilística brasileira estar apostando firme na produção de veículos flex-fuel⁷⁸.

Mostrando que nenhuma área escapa ao “otimismo presidencial”, Lula fez projeções audaciosas para o esporte brasileiro durante a cerimônia de despedida dos atletas que representariam o Brasil na Olimpíada de Pequim. O evento ocorreu em 4 de

⁷⁷ O presidente disse que o preço do barril do petróleo havia subido, em três anos, de US\$ 30 para US\$ 135.

⁷⁸ De acordo com projeção da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), 85% da frota brasileira, em 2010, será de veículos flex, que podem rodar tanto com álcool quanto com gasolina.

julho no Palácio do Planalto. “O dado concreto e que é auspicioso para nós, brasileiros, é que a participação do Brasil vem crescendo ano após ano. Vem crescendo em todos os níveis e isso significa que não está longe o dia em que o Brasil se transformará em uma potência olímpica”, disse Lula.

Vale destacar também uma frase dita por Lula em 9 de julho, em Toya, no Japão, durante entrevista coletiva. “Eu acho que o Brasil, até 2016 já virou uma grande potência, já estará com todas as condições”. O presidente referia-se às chances de o País sediar, no Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos.

Por fim, uma mostra de que o otimismo de Lula também está presente quando o assunto é sucessão presidencial. O trecho também é significativo por conter uma promessa que muitos integrantes da oposição ainda duvidam que seja cumprida. O presidente discursava em Igarapé da Cachoeirinha, no Amazonas, em 6 de maio. Referindo-se aos opositoristas como “eles”, Lula afirmou: “O que eles têm que saber, e eu digo isso todos os dias: em 2005, eles pensavam que eu tinha acabado e acharam que iam ganhar. Agora, eles sabem que eu sou um cumpridor da democracia e da Constituição e que, portanto, não tem essa de terceiro mandato; termina agora, em 2010. Eles têm que saber. Eu não brinco com democracia, porque toda vez que se brinca com a democracia, a gente quebra a cara. A alternância de poder é importante. Toda vez que um dirigente político se acha imprescindível e insubstituível, está começando a nascer um pequeno ditadorzinho dentro dele. E eu sou um democrata. Agora, o que eles têm que saber, em alto e bom som, e podem até ficar com mais raiva de mim, é que nós vamos fazer o próximo presidente da República neste País. Eles podem ficar certos. Eles podem ficar certos que nós vamos fazer”, repetiu Lula.

3.7 – Lula resgata a auto-estima do brasileiro

Outro aspecto bastante recorrente no discurso de Lula, que tem relação com o espírito de otimismo do presidente, é a tentativa de inculcar na população o orgulho de ser brasileiro. Não baixar a cabeça para ninguém e agir com determinação, apesar das adversidades, são apenas dois exemplos de uma série de pronunciamentos de Lula que procuram fomentar a auto-estima da população⁷⁹. Vejamos alguns:

Em 30 de abril, durante discurso em evento da Sudene, em Maceió, Alagoas, em que Lula comemorava o recebimento naquele dia do grau de investimento pela agência Standard & Poor's, o presidente disse o seguinte: “Desculpem se eu sou exageradamente otimista com o nosso País e com o nosso Nordeste. Mas eu acho que não é possível nada acontecer de positivo na vida da gente se nós mesmos não acreditarmos no que estamos fazendo. Houve um tempo em que o Brasil gostava de se auto-ironizar. Houve um tempo em que o Brasil adorava fazer o papel de coitadinho, de vítima. Houve um tempo em que o Brasil adorava contar piada sobre as suas próprias mazelas como se tudo isso contribuísse para que alguém acreditasse no Brasil. Ninguém, na face da terra, respeita quem não se respeita; ninguém gosta de quem não gosta de si próprio e ninguém leva a sério o interlocutor que não age com seriedade”.

Mais à frente, no mesmo evento, prosseguiu: “Nós temos uma chance histórica neste começo de século: a de afirmar o Brasil; afirmar o Brasil enquanto potência econômica. A gente não é potência econômica apenas quando a gente já tiver um PIB de 10 trilhões de dólares. Nós seremos potência econômica do ponto de vista da produtividade, da renda per capita, quando, em primeiro lugar, a gente assumir o orgulho brasileiro que tem dentro de cada um de nós. Se nós ficarmos, brasileiros, com inveja dos americanos, com inveja dos alemães, com vontade de sermos franceses, nós não seremos nunca uma nação economicamente forte. A nação passa pelo orgulho do seu povo, ela passa pela crença do seu povo e este é o momento que o Brasil está vivendo”.

Em 5 de maio, em Teresina, depois de anunciar investimentos de R\$ 333 milhões em obras do PAC no Piauí, Lula disse que isso significava mais empresas e

⁷⁹ Foram identificados 34 momentos.

empregos, melhorando a vida do povo do Estado. E acrescentou: “Nós precisamos parar de andar de cabeça baixa, levantar a nossa cabeça. Nós não queremos nada de ninguém, nós queremos apenas ser tratados em igualdade de condições, com respeito, porque nós gostamos de respeitar e queremos ser respeitados também”.

No dia 9 de maio, em Catu, na Bahia, o presidente retomou o discurso da auto-estima. “Houve um tempo em que o Brasil – talvez na China e na Índia tenha acontecido o mesmo – se conformou, durante muito tempo, em ser pobre. Nós estávamos conformados de que nascemos para ser pobres. Olhávamos para os Estados Unidos com inveja, olhávamos para a Europa deslumbrados com o crescimento. Quando os carros chegavam aqui, o modelo novo do Brasil já estava sendo usado há 20 anos no país de origem e a gente se contentava com isso. Desde o tempo do movimento sindical, eu sempre acreditei que o homem é capaz de fazer tudo aquilo que se dispõe a fazer. Eu acho que a capacidade do ser humano é ilimitada. Ele pode fazer, infinitamente. Coisas que em um primeiro momento pareciam impossíveis de serem feitas, o homem é capaz de fazer”, afirmou Lula.

Nos três meses de discursos e entrevistas analisados nesse trabalho, Lula usou três vezes a chegada dele à Presidência da República como exemplo de que nada é impossível. Ainda em 9 de maio, na Bahia, mas na cidade de Lauro de Freitas, o presidente afirmou: “O maior orgulho que eu tenho de ter sido eleito presidente da República é poder provar para cada um de vocês e acabar com esta balela que durante 500 anos prevaleceu neste País: só pode ser governante quem é doutor, quem é empresário ou quem é rico. A minha chegada à Presidência da República é mais do que fazer o PAC. É despertar na cabeça de vocês que cada um de vocês⁸⁰ tem inteligência suficiente, tem preparo suficiente para administrar a sua cidade, o seu Estado e para administrar este País”.

Em 30 de maio, em Belém do Pará, ele foi além: “O maior legado que eu quero deixar aos 200 milhões de brasileiros não são todas as obras do PAC que eu quero inaugurar, não são todas as estradas que eu quero inaugurar. Isso é importante e necessário. O maior legado que eu quero deixar para vocês é o legado de dizer: ‘Cada um de vocês, se quiser, pode ser o que eu cheguei a ser neste País, pode chegar à

⁸⁰ A repetição do “de vocês” não consta da transcrição do discurso na página da Presidência na internet.

Presidência da República, pode chegar a governador do Estado, pode chegar a prefeito, a vereador'. Nós⁸¹ fomos, durante cinco séculos, tratados como cidadãos de segunda categoria. O máximo que nos permitiam, era ir ao palanque bater palmas, lá de baixo. Nós aprendemos a subir no palanque, e o pior é que gostamos. E vamos provar que a gente⁸² vai fazer mais do que os outros".

Considero a prática do presidente de tentar elevar a auto-estima da população extremamente positiva, mas nesses episódios ele exagerou, beirando a demagogia. O exemplo de vida de Lula é, realmente, válido, na medida em que demonstra que a persistência, a luta e a determinação podem vencer obstáculos que, à primeira vista, pareçam intransponíveis. Afirmar, no entanto, que qualquer um dos moradores de Lauro de Freitas, no interior da Bahia, ou de Belém do Pará, têm capacidade para ser presidente da República é demais. Apesar de não ter completado os estudos, Lula demonstra, desde os tempos de sindicalista, que possui uma inteligência acima da média. E só chegou ao Palácio do Planalto por causa de anos de vivência sindical e política. Sendo assim, ainda que reúna diversas características que o aproximem do homem comum, Lula possui também atributos importantes que o diferenciam da massa.

O outro episódio em que Lula usou sua chegada à presidência como exemplo de superação ocorreu em 28 de julho, durante o programa semanal de rádio "Café com o Presidente". Naquela segunda-feira, fugindo do costume, Lula recebeu um convidado, o ministro da Educação. Fernando Haddad disse, na ocasião, que as escolas do Senai e do Senac iriam oferecer cursos gratuitos, o que favoreceria a qualificação de mão-de-obra e facilitaria as atividades da indústria e do comércio no Brasil. Lula, então, intercedeu: "É importante lembrar, Fernando Haddad, que eu sou oriundo do Senai. Eu sei o quanto é importante uma profissão do trabalhador. E do Senai eu cheguei à presidente da República. Portanto, cada jovem que for ao Senai, pode ter na cabeça de que ele também pode chegar a presidente da República".

No dia 12 de maio, no Rio de Janeiro, ao discursar sobre o bom momento da economia brasileira, Lula afirmou: "Hoje, nosso povo voltou a sonhar e a olhar o futuro com a cabeça erguida. Este é o cimento da auto-estima nacional. Sem auto-estima não

⁸¹ Lula usa o pronome pessoal "nós", ou seja, apresenta-se ao povo como um igual. Prática recorrente no discurso do presidente, será analisada mais adiante.

⁸² Idem para o termo "a gente".

há projeto que possa galvanizar o imprescindível sentimento de construção do futuro”. Mais à frente, depois de ter afirmado que “atravessamos o deserto da estagnação” e que “a terra fértil já está à vista”, completou: “Só depende de nós alcançá-la e conquistá-la; só depende da nossa união, do nosso trabalho, da nossa determinação; só depende da nossa capacidade de enfrentar os verdadeiros problemas do País, deixando de lado as miudezas, o medo do novo e os preconceitos; só depende da nossa confiança em nós mesmos, no nosso povo e no nosso País”.

No discurso que fez em 26 de maio, no Rio de Janeiro, na abertura do 20º Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE), Lula voltou a chamar a atenção para a necessidade de o povo brasileiro ter confiança em suas capacidades. “Insisto que nenhuma nação do mundo conseguiu se desenvolver de forma vigorosa sem acreditar nas suas próprias forças, sem despertar suas energias adormecidas, sem ser estimulada pela esperança de um mundo melhor”, disse o presidente. Mais adiante, depois de afirmar que “o que nós estamos tentando é consertar” o Brasil, Lula disse que o objetivo é “dar um rumo e despertar na cabeça de cada criança, de cada adolescente deste País – e são 4 milhões e meio, de 15 a 29 anos, que já desistiram da escola. Nós estamos tentando dizer para eles: ‘É muito melhor ser bom, é muito melhor ser justo, é muito melhor ter esperança, é muito melhor acreditar que a tua vida vai mudar, a partir de amanhã, para melhor. Ao invés de um revólver, pegue um caderno; ao invés de usar droga, vá para uma sala de aula’. Essa não é uma tarefa fácil e, por favor, não debitem isso nas minhas costas, porque esse é um problema secular e eu tenho apenas seis anos de governo; o Sérgio⁸³ tem apenas três anos. Debitemos nas costas de todos nós, que vai ficar muito mais fácil, todos nós juntos, encontrarmos uma solução definitiva, para que este País, concomitantemente com o crescimento econômico e concomitantemente com a repartição de renda, se transforme em um País onde seus filhos tenham motivo e razão de sobra para levantar todo dia dizendo: ‘eu sou brasileiro e não desisto nunca⁸⁴, eu amo o meu País”’.

⁸³ Sérgio Cabral (PMDB), governador do Rio de Janeiro.

⁸⁴ Lula repete aqui o slogan de uma campanha publicitária lançada em 2004 pela Associação Brasileira de Anunciantes (ABA) com o objetivo, justamente, de resgatar a auto-estima dos brasileiros. As peças publicitárias, criadas voluntariamente pela agência Lew Lara, contaram com a participação de famosos, como o jogador Ronaldo e o músico Herbert Viana.

Lula voltaria ao tema no mesmo dia, em Niterói, durante cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da Frota e de Embarcações de Apoio da Petrobras. Depois de reclamar da existência, no Brasil, de “um exército de milhões de adolescentes de 15 a 29 anos que passaram boa parte da sua vida sem ter oportunidade”, o presidente afirmou: “Quando eu vejo uma menina dessas de macacão, sendo soldadora, lembro que há 30 anos soldador era uma profissão de homem. Mulher não trabalhava de soldadora, porque era uma profissão insalubre. E quando a gente vê uma companheira com o orgulho com que ela me abraçou ali dentro, na hora em que estávamos esperando, eu fico imaginando quantas meninas e quantos meninos a gente pode transformar em pessoas orgulhosas de serem brasileiras e brasileiros”.

O economista Antonio Corrêa de Lacerda avalia como válida a prática do presidente Lula de tentar elevar a auto-estima do brasileiro. “Esse discurso do tipo ‘sou brasileiro e não desisto nunca’ é muito positivo, por mais ufanista que possa ser, principalmente para quem viveu, como é o meu caso, o período militar, que tinha o famoso ‘ame-o ou deixe-o’, que era, assim, quase que impositivo”, avalia o professor. Lacerda vê, portanto, a questão da brasilidade como um bom exemplo, mas lembra que, por outro lado, o governo não oferece o necessário ao cidadão para que ele tenha realmente orgulho de ser brasileiro. “A prestação de serviços é péssima e isso é um mau exemplo porque o contribuinte tem a noção de que ele paga, mas não recebe em troca”, pondera Lacerda.

O cientista político Roberto Romano também enxerga como saudável o costume de Lula de fomentar a auto-estima do povo. “Dada essa imensa distribuição errônea de riquezas, de terras, de recursos culturais, nós temos uma das classes médias mais fascistas do planeta e uma das classes dirigentes mais descompromissadas e arrogantes. Criou-se, portanto, sobretudo na imprensa, na televisão, em determinados programas humorísticos, essa idéia de colocar a pobreza e o pobre em ridículo”. Segundo o professor da Unicamp, tudo começou com o programa do “primo pobre e do primo rico”, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, em que o rico estava sempre bem e o

pobre, chorando. “Esse vezo⁸⁵ de caçoar do pobre e captar o riso do pobre sobre sua própria miséria me parece que é uma das coisas mais torpes da imprensa brasileira⁸⁶”.

Segundo Romano, a atitude de Lula quebra uma tradição populista de esquerda que o professor chama de “miserabilista”, em que o pobre só pode viver mal, não pode consumir, não pode se integrar ao mercado, não pode ter pretensões, ou seja, é sacrossanto, mas passivo. O cientista político afirma que essa idéia vem do romantismo da esquerda do século XIX. “Quando Michelet escreve ‘O Povo’, por exemplo, o povo é um Cristo de dores, está sempre na cruz, nunca tem uma posição de saída desse sofrimento”.

Em 1º de junho, na Itália, durante entrevista coletiva na embaixada do Brasil, em Roma, Lula fez um chamamento ao povo brasileiro. “Veja, até hoje os Estados Unidos não aceitaram que quem inventou o avião foi o Santos Dumont. Você acha que eu vou achar que eles vão querer acreditar no nosso etanol de cana tão rapidamente? O que precisa é que todos nós nos coloquemos juntos nessa bandeira.”

Em 23 de junho, Lula retomou, no Rio de Janeiro, o discurso que havia feito em 30 de abril, dia em que recebemos o primeiro *investment grade*. “O Brasil hoje – todo mundo sabe, quem viaja sabe – é muito mais respeitado do que era algum tempo atrás, e as pessoas gostam do Brasil não porque a gente abaixe a cabeça. As pessoas passaram a gostar do Brasil porque passamos a gostar de nós, porque passamos a nos respeitar, porque passamos a exigir que os outros cumpram as coisas que têm que cumprir conosco... Não existe interlocutor na vida que respeite um interlocutor que não se respeita⁸⁷. A condição básica para ter sucesso em alguma coisa é você se respeitar, é entrar numa mesa de negociação de cabeça erguida. Não com arrogância, mas com vontade de sair vencedor daquela mesa.”

O orgulho de ser brasileiro voltou à pauta em 29 de junho, no lançamento do novo Gol, em São Bernardo do Campo, no ABC Paulista. “A última coisa, que me deixou feliz, foi saber que foi da cabeça da engenharia brasileira e da cabeça dos trabalhadores brasileiros que se produziu o design deste novo Gol, que será motivo de

⁸⁵ Segundo o Houaiss, “hábito ou costume de fazer algo repreensível”.

⁸⁶ Concordo em parte com o que afirma o professor Romano, pois não creio que programas humorísticos possam ser qualificados como relativos à imprensa.

⁸⁷ Praticamente a mesma frase - “nenhum interlocutor respeita outro que não se respeita” – foi repetida por Lula em 1º de julho, na Argentina.

inveja para muitos países que pensam que são mais desenvolvidos do que o Brasil. Eles vão perceber – a Volkswagen, graças a Deus, percebeu – que a criatividade do povo brasileiro não é apenas no futebol ou no samba”, disse o presidente Lula.

Discursando sobre a questão energética em San Miguel de Tucumán, na Argentina, em 1º de julho, Lula disse o seguinte: “Nós não temos o direito de permitir que sejamos tratados como coadjuvantes num assunto em que nós somos os artistas principais⁸⁸. Nós temos tecnologia, nós temos o sol de que precisamos, temos a água de que precisamos. Temos um problema energético porque, no passado, não foi feito o que precisaria ser feito para a integração energética do nosso continente⁸⁹. Temos condições de fazer com que essa integração aconteça”.

Em 4 de julho, durante entrevista à revista Exame, no Palácio do Planalto, o presidente afirmou: “O Brasil sempre se colocou como se fosse um *paísinho*, pobrezinho, do Terceiro Mundo, sempre pedindo licença, quando, na verdade, nós somos uma baita nação. Em qualquer assunto que você quiser escolher, o Brasil estará entre as dez mais importantes nações do mundo. Por que a gente tem que se tratar como pequeno?”, perguntou.

Em 10 de julho, em Hanói, no Vietnã, o presidente usou o exemplo dos vietnamitas na guerra contra os Estados Unidos para dar seu recado. Lula dirigia a palavra ao presidente do Vietnã, Nguyen Minh Triet: “... o que vocês fizeram aqui foi muito mais do que vencer uma guerra, foi uma lição de vida que ensinou a todos os seres humanos que quando queremos uma coisa e temos determinação, nós somos invencíveis”.

Seguindo a linha de tentar melhorar a auto-estima do brasileiro e de mostrar à população a responsabilidade que cada um tem para o desenvolvimento do País, o presidente, em diversos momentos, credita a toda a sociedade os avanços obtidos ao longo dos anos. Vejamos alguns exemplos ocorridos durante o período estudado nesse trabalho:

⁸⁸ O uso de metáforas, também muito recorrente no discurso do presidente Lula, será analisado mais à frente neste trabalho.

⁸⁹ Não satisfeito em criticar os antecessores, Lula aponta neste trecho, ainda que indiretamente, falhas de governos anteriores de outros países da América do Sul.

Em 30 de abril, em Maceió, durante cerimônia de posse do Conselho Deliberativo da Sudene, Lula, voltando-se para a platéia, afirmou: “Cada um de vocês, homens e mulheres deste País, contribuíram direta ou indiretamente, junto com os nossos prefeitos e os nossos governadores, para que nós chegássemos a viver o momento que nós estamos vivendo”.

No dia 2 de maio, durante entrevista à TV Cultura, o presidente falou da seguinte forma sobre o grau de investimento recebido pelo Brasil dias antes: “... acho que para que o povo entenda o que eu sinto é o seguinte: você imagina que você interna uma pessoa que você gosta no hospital e essa pessoa vai para a UTI. Aí, quando essa pessoa recebe alta, você vai ficar feliz⁹⁰. E eu estou feliz por isso. Eu acho que o Brasil sofreu muito tempo. Não foram anos, foram décadas e mais décadas, e que agora o Brasil está sendo reconhecido pelos sacrifícios que fez a sociedade brasileira, pelo comportamento do Congresso Nacional, pelo comportamento do Poder Executivo, pelo comportamento dos trabalhadores e dos empresários. Eu acho que houve uma combinação de esforços feita por todos os brasileiros que permitiu que nós pudéssemos, hoje, estarmos felizes porque é uma coisa importante para o Brasil; é uma vantagem extraordinária nesse mundo globalizado”.

Ao participar da cerimônia de abertura do 20º Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos, no Rio de Janeiro, em 26 de maio, Lula voltou a estender à população os louros da melhoria das condições econômicas do País. “... se nós resolvêssemos fazer um levantamento de tudo o que foi dito sobre a economia brasileira nos últimos anos, iríamos perceber que a maioria dos economistas errou, e errou muito sobre as avaliações. Eu não sei porquê, mas todas as vezes que há uma análise sobre os acertos da economia do País – que não são mérito do meu governo, mas eu acho que são mérito do povo brasileiro -, mesmo quando falam bem, inventam um ‘porém’, um ‘entretanto’, um ‘mas’, para tentar criar uma explicação. Por que é tão complicado reconhecer que as coisas estão dando certo no nosso País?”, perguntou o presidente.

⁹⁰ Lula, mais uma vez, utiliza metáfora, inclusive afirmando que o fará para que possa ser melhor entendido. Como dito anteriormente, essa característica da fala do presidente será analisada mais à frente nesse trabalho.

Nesse trecho, Lula expõe mais uma faceta recorrente de seu discurso que é a de apontar um suposto pessimismo exagerado por parte, não só dos economistas, mas, principalmente, da oposição e da imprensa, qualificada pelo presidente, como crítica demais. O tema será analisado em seguida.

No discurso durante cerimônia de assinatura de atos do PAC, em 24 de junho, no Palácio do Planalto, Lula disse que “este País não vai jogar fora esta oportunidade que todos nós conquistamos”.

Em 11 de julho, durante visita ao Centro de Treinamento Profissional do Senai em Dili, no Timor-Leste, o presidente estendeu a idéia da participação popular nos rumos de uma nação para além das fronteiras do Brasil. Falando a missionários(as) e professores(as) brasileiros que, segundo Lula, foram para lá “dispostos a abrirem suas almas e dedicarem o seu conhecimento para ajudar o povo do Timor-Leste a transformá-lo numa pátria efetivamente democrática, soberana e justa”, o presidente afirmou: “O mundo, na verdade, é tocado por governantes, pelas grandes figuras públicas que a gente vê nos jornais e na televisão todo santo dia. Mas, no fundo, no fundo, o mundo é tocado por pessoas que têm a alma nobre como vocês e que se dedicam a tentar ajudar o próximo”.

3.8 – Lula reclama da imprensa e dos que torcem contra

Otimista inveterado, como ele próprio se definiu, Lula costuma se incomodar com o fato de que muitas pessoas não enxergam as coisas da mesma forma que ele. No período estudado, identifiquei 32 episódios em que o presidente queixa-se do rigor da imprensa ou do pessimismo, por parte da oposição ou de algum setor da sociedade. Veremos também momentos em que o presidente afirma ser vítima de preconceitos.

Seguem alguns exemplos, primeiramente de trechos em que Lula refere-se à imprensa como crítica demais:

Em 5 de maio, durante o programa de rádio “Café com o Presidente”, Lula falou de uma conversa que havia tido com o ex-presidente de Portugal Mário Soares. “Ele me disse uma coisa que eu fiquei estarecido. Ele falou: ‘Presidente Lula, eu estou aqui no Brasil há três dias. Eu leio a imprensa brasileira, a impressão que eu tenho é que o País acabou, está tudo errado. Agora, quando eu chego na Europa, que eu leio a imprensa de lá sobre o Brasil, o Brasil está maravilhoso’. O que é que eu disse ao presidente de Portugal? Eu disse: ‘Olha, eu acho que é importante você estar me dizendo isso porque aqui no Brasil tem muita gente pessimista. Os números da economia são os melhores dos últimos 30 anos’”, afirmou o presidente.

Lula repetiu o argumento no dia 20 de maio, em Santo André, na Grande São Paulo, durante cerimônia de assinatura de atos do PAC. O presidente disse o seguinte: “Então, companheiros e companheiras, o Brasil está vivendo um momento muito importante. Vocês acompanham pela imprensa; nem sempre a imprensa diz tudo o que está acontecendo no Brasil. Às vezes, se a gente quiser saber mais, a gente lê a imprensa internacional, que fala bem. Eu nunca vi como a imprensa espanhola, alemã, americana e inglesa gostam tanto do Brasil. A nossa, demora mais para enxergar”.

Em 12 de maio, na cerimônia de assinatura da ordem de início das obras do Arco Metropolitano do Rio de Janeiro, Lula deu uma leve cutucada na imprensa, de forma irônica e engraçada. Dirigindo-se ao governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, o presidente afirmou: “E o que mais me incomodava - e eu venho ao Rio de Janeiro, Sérgio, desde 1975 - nunca fui convidado para tirar o sapato e colocar o pé na areia de Copacabana. Nunca consegui colocar o pé na areia da praia de Copacabana. Só venho

para reunião e para trabalho. A única vez que vim passear foi em Angra dos Reis. O companheiro Luiz Sérgio⁹¹, que era prefeito de Angra dos Reis, me alugou um barco de um pescador de sardinha, que a imprensa daqui deu que eu estava com um iate alugado. Era um barco, que a barata menor que tinha dentro era do tamanho desta televisão aqui. Mas os meus amigos, que naquele tempo estavam na imprensa, colocaram que eu estava em um iate, e era um barco de pesca que o companheiro Luiz Sérgio tinha arrumado e que a contrapartida do pagamento que eu fiz foi pagar o combustível desse barco. Fiz o desfile do dia 1º de janeiro, estava lá até o Lady Laura⁹², e eu estava lá com o meu barateiro, estava lá com o meu depósito de barata do lado do Lady Laura, mas sem vergonha, com a bandeira do meu partido hasteada”.

Em 15 de maio, Lula assistiu, no Palácio do Planalto, a uma apresentação de 20 crianças e adolescentes da Orquestra Criança-Cidadã dos Meninos do Coque, bairro carente de Recife, Pernambuco. Depois de afirmar que “ficaria mais uma hora apreciando esta maravilha”, não fosse o compromisso que tinha em seguida com o primeiro-ministro da Finlândia, Lula prometeu que, na próxima visita que fizesse a Recife, levaria algumas pessoas para assistirem a uma apresentação dos músicos na favela do Coque. E explicou porquê: “Porque, no Brasil, normalmente as pessoas têm uma facilidade imensa de contar desgraça e não têm facilidade de contar as coisas boas que acontecem. É verdade que tem criança na rua, é verdade que tem criança não sei onde, tudo isso é verdade. Agora, é verdade também que as crianças que têm oportunidade, muitas vezes não são lembradas pela imprensa, não são lembradas pela televisão e isso não passa para a outra parte da sociedade, exemplos de coisas boas. Nós, seres humanos, vivemos de exemplos; a gente vai cultuando as coisas boas que acontecem na nossa vida e a gente vai seguindo. Se a gente tem exemplo dentro de casa, a gente vai bem”, afirmou Lula.

No dia 30 de maio, em cerimônia de assinatura de atos do PAC, em Belém do Pará, Lula deu mais uma mostra do que pensa da imprensa brasileira: “Eu não seria honesto com a minha história, com a minha relação de amizade com vocês se eu não dissesse o que vou dizer agora. Amanhã, a minha preocupação é que, em vez de a

⁹¹ Deputado Federal pelo PT do Rio de Janeiro.

⁹² Iate do cantor Roberto Carlos, que tem 110 pés de comprimento, o equivalente a 36 metros.

imprensa retratar que nós viemos aqui dizer que o PAC tem 17 bilhões de reais para este Estado até 2010, anunciar que tem bilhões e bilhões para investimento em obras necessárias para este Estado; em vez de a imprensa retratar o Territórios da Cidadania, que só para o Estado do Pará é mais de um bilhão de reais; em vez de a imprensa retratar que nós viemos aqui resolver um problema crônico de saneamento básico, urbanização de favelas, tirar gente que mora em alagados, a imprensa vai dizer: 'O pessoal do PT vaiou o prefeito e o pessoal do prefeito vaiou a governadora'. Será esta a manchete amanhã. Ninguém vai saber do dinheiro que nós viemos aqui anunciar⁹³. Isso tem acontecido em outros Estados. Eu tenho viajado muito e isso tem acontecido. Fui a São Paulo, agora, anunciar um plano de 276 milhões para uma favela. A matéria era que o governador de São Paulo tinha sido vaiado", afirmou o presidente.

Relatos feitos pelo amigo, ex-assessor e ex-secretário de Imprensa de Lula, Ricardo Kotscho, mostram que a preocupação do presidente com o que os jornais vão publicar no dia seguinte é relativa. Kotscho lembrou de dois episódios. Num deles, Lula demonstrou inquietação em relação ao que seria divulgado, mas em outro, não deixou de incluir um tema em seu discurso, apesar de alertado para não fazê-lo.

O primeiro caso foi citado por Kotscho no momento em que ele falava da preocupação que tinha, enquanto secretário de Imprensa, com os discursos de improviso de Lula. "É sempre um contrato de risco. Tem dia que dá certo, tem dia que não dá". Kotscho disse que, desde que chegou a Brasília, se deparou com um problema: "É que o Lula falava um negócio e os jornalistas se reuniam, depois, para discutir o que o presidente tinha falado, qual era a manchete, e acertavam entre eles. Então, eu ia para a sala dele e falava: 'Olha, Lula, amanhã os jornais vão dar tal manchete, não é bom para nós'. E ele respondia: 'Mas *porra*, não foi isso que eu falei'. 'É, mas foi isso que eles entenderam e é isso que eles vão dar; não tem jeito, não tem condição de mudar isso', eu respondia".

⁹³ As edições do dia seguinte dos principais jornais de São Paulo realmente não destacaram os investimentos do PAC no Estado do Pará. Em relação à visita de Lula ao Estado, tanto a Folha de S. Paulo quanto O Estado de S. Paulo deram como principal destaque o combate à inflação, já que os aumentos do valor das commodities e da demanda por alimentos vinham pressionando os preços naquele período. A Folha até citou a frase do presidente em que ele diz temer que a manchete fosse sobre as vaias e não sobre o PAC, mas não divulgou detalhes sobre os investimentos. Vale destacar que se tratam de publicações de São Paulo, portanto, levando-se em conta que a notícia veio do Pará, é natural que repórteres e editores busquem dar destaque a assuntos de interesse nacional. Não consultei as edições do dia 31 de maio dos jornais do Pará, mas creio que a imprensa local tenha dado mais destaque aos investimentos na região.

O segundo episódio ocorreu durante uma viagem ao Acre, onde Lula iria, segundo Kotscho, participar de uma série de eventos, entre eles a inauguração de um hospital. “Naquele dia falaram para ele no avião que o Fernando Henrique⁹⁴ tinha escrito um artigo ou dado uma entrevista para o Correio Braziliense metendo o pau no governo. Ficaram buzinando isso na cabeça dele e eu fiquei preocupado. Então, falei para ele: ‘Não toca no Fernando Henrique, fala das coisas que nós vamos inaugurar, porque senão, amanhã os jornais só vão dar a parte política e não vão dar nada que você fez aqui. Nós vamos perder essa viagem.’ Ele disse: ‘Ah, vamos ver’. Bom, aí ele começou a fazer o discurso no hospital, que era o primeiro evento, foi falando sobre o que ele foi fazer lá - era um hospital para idosos – não sei o que, tal, estava no fim do discurso, estava encerrando ... para encerrar, ... o cara soltou em cima do Fernando Henrique. E não deu outra, os jornalistas acharam ótimo porque tinha manchete ali”.

Kotscho disse que no avião, voltando para Brasília, retomou o assunto. O diálogo, de acordo com o jornalista, foi o seguinte:

- Perdemos o dia aqui. Amanhã você vai ver, toda a imprensa só vai falar de você e do Fernando Henrique.

- Mas eu só falei um pouquinho, lá no final.

- Mas está errado, Lula.

- Você acha que está certo, né? Acha que entende de política?

- Não, eu não entendo de política, entendo de jornalismo, eu sei o que vai acontecer.

- É, mas o povo me entende. Vocês, intelectuais da classe média, jornalistas, vocês não me entendem, mas o povo me entende. Quantos votos você teve na última eleição⁹⁵?

- Eu não tive voto nenhum!

- Então não enche o saco!

Segundo Kotscho, Lula repetiu várias vezes, ao longo do governo, essa afirmação de que os assessores não o entendiam, mas o povo, sim. “E cada vez que saía uma pesquisa ele reforçava essa idéia”, disse o jornalista.

⁹⁴ Ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

⁹⁵ Segundo Kotscho, Lula riu ao fazer a pergunta.

Sigamos com mais alguns trechos de discursos de Lula em que o presidente reclama do comportamento da imprensa:

Em 5 de junho, durante a abertura da I Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, no Centro de Convenções de Brasília, o presidente disse o seguinte: “... quando nós assinamos o decreto, as pessoas começaram: ‘Mas você vai, presidente?’ Você sabe o que eu senti quando coloquei o boné na cabeça, Tony⁹⁶? O mesmo preconceito que tinha contra mim quando, pela primeira vez, eu coloquei o boné do Movimento dos Sem-Terra na minha cabeça. Eu nunca apanhei tanto. Eu era recém-presidente da República, recém-empossado, e coloquei o chapéu dos Sem-Terra na cabeça. Eu apanhei, acho que mais de um mês na imprensa. Eu poderia colocar chapéu do Banco do Brasil, do Banco Real, do Bradesco, da Vale do Rio Doce, da Petrobras, do Corinthians, do Flamengo, do Vasco, ... agora, eu não poderia colocar dos Sem-Terra, e me veio uma luz: eu vou colocar todos, porque somente assim vou quebrar o preconceito que as pessoas têm, de achar que você pode ou não pode fazer as coisas”.

O episódio do boné do MST foi lembrado no blog do jornalista Josias de Souza⁹⁷, da Folha de S. Paulo, em 3 de maio. Com o título “Aos pouquinhos, Lula prova que ridículo não existe”, o colunista retrata uma visita que o presidente havia feito, no domingo anterior, ao autódromo de Brasília, onde ocorria uma prova da Stock Car. De acordo com Josias, “instado por um dos visitantes”, Lula “levou à cabeça o boné de uma equipe. Como que enciumado, um outro piloto reivindicou o mesmo privilégio. Depois dele, outro... E mais outro... E outro mais... Súbito, o presidente da República pôs-se a experimentar, um após o outro, os bonés de todas as 17 equipes. Entre risos, Lula recordou a polêmica que ateara nos meios políticos ao deixar-se fotografar, no primeiro reinado, com um boné do sempre controverso MST. ‘Será que agora (os jornalistas) vão ter argumento para me criticar? Ainda outro dia, o presidente brincava com uma bola de basquete ao lado do cestinha Oscar Schmidt, no Itamaraty. Agora, mais essa. Pendurado em índices lunares de popularidade, Lula vai demonstrando ao

⁹⁶ Tony Reis, presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (ABGLT).

⁹⁷ <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br>

país, aos pouquinhos, que o ridículo não passa de ficção. Quem ousa desafiá-lo conquista a glória”.

A maioria dos internautas que enviaram comentários nos dias 3 e 4 de maio criticou a postura do colunista e apoiou o presidente. Luiz Cláudio, de Lages, Santa Catarina, escreveu: “O Lula está muito preocupado com o que a turma dos invejosos escreve neste blog. Ele está se divertindo, afinal o prestígio dele está nas nuvens. Ridículo é a turma dos bossais não aceitarem que ele é com sobra o melhor presidente desde o descobrimento do Brasil. Respeitado em todo o mundo como um grande líder, só a mídia brasileira não aceita, mas o povão é que interessa”. Luiz Carlos, de São Paulo, afirmou: “A inveja mata, destrói o corpo e a alma. Em primeiro lugar, Lula não teve um primeiro ‘reinado’. Ele foi eleito pela maioria, democraticamente. É pena que a visão da ‘elite’ da democracia seja míope”. Walter Decker, de Santos, opinou: “Esses anti-Lulas preconceituosos não aprendem nunca! Ridículos, senhores, é ser bunda-mole e incompetente. É passar oito anos lambendo as botas de Bush e ACM e depois provocar a maior recessão da história do Brasil, que proporcionou os recordes históricos de falências e desemprego e a quebra do país. Isso é ser ridículo”. Lucineide, de Londrina, no Paraná, escreveu: “Realmente, o senso de ridículo passou (e passa sempre) bem longe de Lula. É o ‘jeitão’ de ser dele. E o ‘povão’ gosta. Os 70% de sua popularidade são sustentados por tudo isso. É urgente questionarmos se as atitudes de Lula trazem algum benefício para o futuro do país. Em que medida a ‘simplicidade do Presidente’ poderá servir de exemplo para a conduta dos brasileiros? Sobretudo no campo da educação, da formação ética e moral de nosso povo. Convenhamos, Lula não tem sido um bom exemplo. E, por favor, não confundam com preconceito. Muito menos com ‘ser’ elite, direita, pró FHC, pró DEM ou PSDB etc. Tem, sim, muito a ver com gostar do Brasil e querer o melhor para seus cidadãos. Que tenham, todos, ‘qualidade’ e, principalmente, sejam capazes de discernir entre um governante medíocre, populista, demagogo e um outro que pense, em primeiro lugar na educação, saúde e segurança de seu povo. Fica no ar uma pergunta que não cala nunca: ‘Lula teria a mesma popularidade se o povo fosse mais bem educado e culto?’”. Hélio, de São Paulo, mostrou opinião bem diversa: “Compreendo que não é fácil encontrar assunto para se criticar o governo em meio a um feriado prolongado, após o Brasil ter

recebido da S&P o grau de investimento, a Bolsa ter batido nos 70.000 pontos, a indústria automobilística ter tido a maior produção mensal de sua história em abril, os recordes seguidos de geração de empregos formais, do consumo das famílias, das vendas no varejo, tudo isso complementado por índices baixíssimos de inadimplência dos tomadores de crédito. Compreendo que para os que tanto ridicularizaram o ‘nunca antes neste País’, seja muito difícil reconhecer que o ‘nunca antes neste País’ não é simples figura de retórica, mas é uma realidade incontestável”.

Vale destacar outros momentos em que Lula aborda a questão do preconceito sofrido por ele:

Em 6 de maio, em Manaus, afirmou: “Quando nós ganhamos as eleições, todo mundo dizia: ‘O Brasil vai quebrar, esse Lula não vai dar certo. Imagina, esse retirante nordestino quer governar um País que sempre foi governado por doutor, sempre foi governado por gente lá de riba⁹⁸, lá do andar de cima, não vai dar certo’. O que eles não sabiam é que eu tinha a convicção de que eu sabia mais do que eles e que eu não podia errar”.

No mesmo dia, em Igarapé da Cachoeirinha, no Amazonas, o presidente, bem-humorado, afirmou: “Mas eu estou muito feliz porque eu lembro, Eduardo⁹⁹. Você, não, porque você é engenheiro. Contra engenheiro não tem muito preconceito. Mas contra torneiro mecânico e nordestino, tem preconceito”. E prosseguiu, comparando sua história à de um cantor americano: “Eu, esses dias, vi um vídeo de um cantor americano que foi em um programa de calouros. Eu esqueci o nome dele. Mas ele foi cantar uma música, eu acho que do Pavarotti, e ele disse que era tenor. Ele, quando foi se apresentar, os três jurados começaram a rir da cara dele. Ele era como nós, meio baixinho, meio gordinho, meio bonitinho, meio feinho. E os três jurados achando que eram onipotentes, começaram a rir da cara dele. Aí, ele começou a cantar. Quando ele começou a cantar, os três jurados foram fechando a boca, foram ficando ridículos, e esse companheiro¹⁰⁰ já gravou dois CDs e é o melhor tenor americano, hoje, em apenas poucos anos. Eu estou dizendo isso, pela minha experiência de vida”.

⁹⁸ Mais um bom exemplo do uso de termos populares pelo presidente Lula.

⁹⁹ Eduardo Braga, governador do Amazonas.

¹⁰⁰ Mais um exemplo da fala popular de Lula. O tenor americano virou “companheiro”.

Durante discurso em Lauro de Freitas, na Bahia, em 9 de maio, Lula até brincou com o problema: “Eu espero que a minha passagem pela Presidência tenha quebrado os preconceitos históricos que foram criados neste País. Espero que ela quebre os tabus que foram criados neste País. Porque eu cansei. Foram três derrotas: ‘O Lula não pode governar porque ele não fala inglês, o Lula não pode governar porque ele não tem um dedo, o Lula não pode governar porque ele é retirante nordestino, o Lula não pode governar porque ele é quase que analfabeto, o Lula não pode governar porque não sei das quantas’. Não faltaram adjetivos para dizer que eu não podia chegar à Presidência da República”, afirmou. Mudando o tom de voz, agora bem mais exaltado, o presidente prosseguiu: “Pois bem, eu estou agora provando que é burrice. Eu estou agora provando que burro é quem confunde inteligência com anos de escolaridade. Burro é quem pensa assim¹⁰¹”.

Em discurso na abertura da I Conferência Nacional GLBT no Centro de Convenções de Brasília, em 5 de junho, Lula afirmou o seguinte: “Precisamos criar no Brasil o Dia do Combate à Hipocrisia. Eu sei que isso fere pessoas, deixa outras angustiadas, mas o dado concreto¹⁰² é que, se eu não conseguir criar, alguém vai criar, Nilcéa¹⁰³. Sabem por que é preciso criar o Dia do Combate à Hipocrisia? Porque quando se trata de preconceitos, eu o conheço nas minhas entranhas, eu sei o que é preconceito. Talvez seja a doença mais perversa impregnada na cabeça do ser humano. É uma doença que a gente não combate apenas com leis. A lei ajuda, a Constituição ajuda, montar conselhos ajuda, Tony, tudo ajuda, mas é um processo cultural. É um processo que passa por uma revolução cultural de as pessoas irem compreendendo que precisamos nos gostar do jeito que somos, que não precisamos querer que ninguém seja igual”.

No dia 4 de julho, durante entrevista à revista Exame, no Palácio do Planalto, o presidente repetiu o discurso: “Eu digo sempre e dizia no começo do meu governo: qualquer presidente da República pode entrar aqui, pode errar e não vai acontecer

¹⁰¹ Neste momento a platéia começa a gritar: “Um, dois, três, Lula outra vez”. O presidente, então, faz, em tom de brincadeira, uma propaganda para a ministra-chefe da Casa Civil: “Companheiros, deixem-me falar uma coisa para vocês que é o seguinte: vocês não podem uma hora gritar o nome da Dilma e outra hora gritar Lula outra vez; vê se pode”!

¹⁰² Lula também adora essa expressão “dado concreto”. É a quarta vez que aparece nos trechos destacados.

¹⁰³ Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.

nada com ele. No ano seguinte tem outro, depois tem outro. Eu digo que eu não posso errar, porque se eu errar vai demorar 500 anos para um trabalhador voltar a ser presidente da República. Em cima de mim não está apenas a imprensa, está o preconceito. Então, eu tenho mais do que a obrigação de fazer as coisas darem certo, e vou fazer”.

O presidente deixa transparecer, nesse trecho, mais uma característica recorrente de seu discurso, que é a de se colocar como um homem do povo, “um trabalhador”, e não apenas como presidente da República. Esse aspecto será analisado mais à frente, quando abordarei também a forma como Lula procura dar valor à população pobre e como deixa claro, em seus discursos, que o governo dele prioriza as camadas mais simples da sociedade.

Em 27 de maio, durante discurso no Palácio do Planalto, Lula mostrou que sentia o preconceito e a falta de confiança até dentro de casa. Ele disse que, na década de 80, estava em Brasília com a mulher, passeando na Esplanada dos Ministérios, “naquelas casas, mansões” e ouviu de Marisa: “Vocês são um bando de trouxas, se vocês acreditam que um dia os do andar de cima vão deixar os do andar de baixo chegar ao Palácio do Planalto”.

Durante entrevista coletiva em 13 de junho, no Palácio do Planalto, Lula reclamou do patrulhamento que a imprensa faz em torno dos gastos da União. “Em cada lugar que eu vou, no mundo, ao chegar lá tem uma casa protocolar, em que o presidente da República se hospeda. Este País, deste tamanho, não tem um lugar para hospedar ninguém; você coloca as pessoas nos hotéis de Brasília. Deveria ter uma casa protocolar. Se você for fazer uma casa aqui, vai aparecer o seguinte: ‘Governo gasta dinheiro que dá para...’. Quando o Fernando Henrique Cardoso¹⁰⁴ tentou reformar o Palácio da Alvorada, saiu uma grande matéria: ‘Daria para fazer dez casas populares, daria para fazer...’. Ora, se você for nivelar por baixo, não faz nada neste País. Agora, vá à China para ver o palácio em que eles te hospedam, vá à Inglaterra para ver os palácios chiques em que eles te hospedam, vá à França. Aqui, não. Aqui o cara¹⁰⁵ vem para um hotel.”

¹⁰⁴ Vale destacar que a reclamação de Lula não refere-se somente ao governo dele.

¹⁰⁵ Exemplo típico da fala popular do presidente Lula. Referiu-se à figura de um presidente da República como “cara”.

Na mesma entrevista, Lula faria mais uma queixa em relação à imprensa. Perguntado sobre sucessão presidencial, Lula foi categórico: “Eu não trabalho com a possibilidade de volta¹⁰⁶. Se eu pudesse fazer um juramento, pela felicidade do meu filho caçula”. O presidente disse, no entanto, que trabalha “com a possibilidade de eleger a minha sucessão¹⁰⁷. Se eu eleger a minha sucessão e ficar do lado de fora dando palpite, com poucos meses terei a pessoa que eu elegi como minha adversária, como acontece em alguns países”. Mais à frente, explicou o motivo de desejar esse afastamento: “Não tenho interesse em ser candidato ao Senado, a governador, a vereador, a prefeito. Quem passa por aqui, meu filho, não quer outra coisa senão descansar um pouco. A carga é muito pesada. Não sei se vocês perceberam o caso do avião de Congonhas. O caso do avião de Congonhas foi o pior inferno que eu vivi na minha vida porque, de repente, eu estou sentado na minha mesa e jogam nas minhas costas 200 mortos. E eu acompanhei; acompanhei tudo o que se escreveu, acompanhei televisão, mudava de canal a toda hora. Era como se o governo fosse o responsável pelo avião ter caído¹⁰⁸. As pessoas não pararam nem para pensar. Aí, no dia seguinte, sai o vídeo da Infraero mostrando o que realmente aconteceu. As pessoas simplesmente apagam, sem um pedido de desculpas apenas, ou ‘erramos’. Apagam, esquecem”.

Lula ainda concluiu, dirigindo-se ao ministro da Secretaria de Comunicação Social, Franklin Martins, que exerceu a profissão de jornalista durante muitos anos: “Eu penso que no Brasil, para consolidar a sua democracia de verdade, nós precisamos ter

¹⁰⁶ Lula disse, porém, que a única hipótese de ele voltar seria “se ainda estiver vivo, se for um adversário que seja eleito e que não faça um bom governo”. O presidente afirmou, no entanto, que não trabalha com essa hipótese porque seria mesquinha. Esse assunto voltará a ser tratado logo à frente, quando abordarmos o costume de Lula de afirmar que a oposição torce para que as coisas não dêem certo.

¹⁰⁷ Note que o presidente usa o termo “minha sucessão” e não “meu sucessor”, como é comumente dito. É bem provável que o motivo seja o fato de o principal nome para sucedê-lo ser o da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, que conta, inclusive, com total apoio de Lula. Se dissesse sucessora, Lula estaria admitindo uma candidatura ainda não oficializada.

¹⁰⁸ Lula refere-se ao acidente com o Airbus A320 da TAM, que chocou-se com um depósito da própria empresa ao atravessar a pista do Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, em 17 de julho de 2007, provocando a morte de 199 pessoas. O inquérito da Polícia Civil de São Paulo que apurou as causas do acidente pediu o indiciamento de dez pessoas, entre elas o ex-presidente da Infraero brigadeiro José Carlos Pereira, o ex-presidente da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) Milton Zuanazzi, a ex-diretora da ANAC Denise Abreu e o ex-diretor de Segurança de Vôo da TAM Marco Aurélio Castro. Segundo a polícia, a causa principal do acidente foi o fato de o manete direito estar na posição de aceleração no momento do pouso. O inquérito aponta, no entanto, outros fatores contribuintes, que dizem respeito ao não cumprimento de regras de segurança de vôo, como a falta de medição correta do coeficiente de atrito da pista após a chuva que caiu no dia do acidente.

uma combinação perfeita entre todos os segmentos da sociedade. A imprensa brasileira, Franklin, trabalha com o trauma de ser 'chapa branca'. Não tem coisa que magoe mais um jornalista do que ser chamado de 'chapa branca'. E, às vezes, o medo de ser 'chapa branca' faz com que extrapole os limites do bom senso para dizer: 'Eu sou contra'. Quando, na verdade, entre o governo e a imprensa, entre a notícia e o fato, nós temos o quê? Temos o leitor, temos o telespectador, que é mais inteligente do que a gente pensa. Ele saca”.

Em 13 de junho, durante entrevista no Palácio do Planalto, Lula fez mais uma crítica indireta à imprensa: “Quando as pessoas falam que a máquina ganha muito, eu queria dizer o seguinte: o Franklin, quanto o Franklin ganhava na Rede Globo, ou quanto ganhava na Bandeirantes? E quanto ganha aqui? Dez mil reais, para trabalhar certamente o triplo do que ele trabalhava lá. Ontem à noite eu recebi o Ricardo Kotscho aqui. Ele está trabalhando em um blog e falou que nunca ganhou tanto dinheiro na vida, mas ficou três anos comigo aqui, ganhando R\$ 7 mil por mês. Se tiver um governo malandro, que contrate por dez e pague trinta por fora, está resolvido. Não é o que nós fazemos, nem ele aceitaria”, disse o presidente.

Na cerimônia de despedida dos atletas que participariam dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, Lula explicou porque decidiu não fazer nenhuma insinuação em relação ao número de medalhas que os atletas trariam: “Porque depois a imprensa fica na marcação: ‘O presidente disse que ia ganhar duas; ganhou oito; o presidente disse que ia ganhar um; ganhou nada¹⁰⁹’. E aí fica uma cobrança”, afirmou.

No dia 16 de julho, em cerimônia de sanção de projetos de lei na área da educação¹¹⁰, Lula reclamou mais uma vez da forma como a imprensa em geral define o que é notícia: “O Cristovam¹¹¹ tem razão. Muitas vezes querelas são transformadas em grandes notícias e, muitas vezes, coisas importantes como esta não aparecem no jornal. Só para vocês terem idéia, no dia que vocês vieram me entregar o projeto, não

¹⁰⁹ O Brasil encerrou a Olimpíada de Pequim, em 2008, com 15 medalhas, sendo três de ouro, quatro de prata e oito de bronze, ficando na 23ª posição no quadro geral. O resultado foi aquém do obtido em Atenas, em 2004, quando o País ficou entre os 20 melhores, com cinco medalhas de ouro, duas de prata e três de bronze.

¹¹⁰ Lula sancionou naquela data o piso salarial nacional dos professores e o programa de apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

¹¹¹ Cristovam Buarque, senador pelo PDT do Distrito Federal, ex-ministro da Educação.

saiu uma nota no jornal”. E completou: “É uma coisa triste da política brasileira, mas compreensível, porque faz parte da democracia, e a democracia exige que a gente, aos trancos e barrancos, sabe, copie o Zeca Pagodinho e ‘deixe a vida nos levar’¹¹², que, no final, dá tudo certo.

Em 25 de julho, durante entrevista coletiva na residência da embaixada do Brasil em Lisboa, Portugal, Lula usou de ironia para criticar a atuação da imprensa. Diante do impasse em torno das negociações da Rodada Doha de liberalização do comércio no âmbito da Organização Mundial do Comércio, em Genebra, na Suíça, o presidente foi questionado por um jornalista se o acordo poderia não acontecer. Ao que respondeu: “Sabe qual é a minha preocupação? Se eu disser que pode não acontecer, as pessoas que fazem manchetes nos jornais são muito inteligentes, aí a manchete vai ser a seguinte: ‘Presidente reconhece que pode não acontecer’. Para evitar essa manchete, até o último milésimo estarei acreditando que vai acontecer o acordo da Rodada de Doha¹¹³”, disse Lula.

Apesar de reclamar muito do comportamento da imprensa em geral, o presidente Lula normalmente tem uma relação muito amistosa com os repórteres que acompanham o dia-a-dia do Palácio do Planalto ou mesmo com aqueles que cobrem os eventos presidenciais por todo o País. Eu mesmo já tive a oportunidade de participar de algumas entrevistas coletivas com o presidente ou de cerimônias em que Lula estava presente e pude perceber a forma, às vezes até carinhosa, com que ele trata os jornalistas.

No período estudado nesse trabalho, há alguns momentos em que essa relação fica patente.

Em 20 de maio, na favela de Heliópolis, em São Paulo, o presidente abriu dessa forma o discurso: “Quero cumprimentar os jornalistas aqui presentes, que devem estar com a mesma fome¹¹⁴ que vocês estão e que eu estou. Eu espero que a gente possa comer ainda hoje”.

¹¹² Lula referiu-se à canção “Deixa a Vida me Levar”, de Zeca Pagodinho, cuja letra fala também de “trancos e barrancos”.

¹¹³ A rodada, que estava sendo realizada em Genebra, na Suíça, fracassou.

¹¹⁴ Lula fala demais da questão da fome em seus discursos, e não apenas daquela que afeta os mais pobres, no Brasil e no mundo. Várias vezes, no período analisado, o presidente referiu-se à própria fome ou fez algum comentário relacionado a comida, principalmente quando o evento avança pela hora do almoço.

No dia 10 de junho, em Campinas, ao falar da importância da realização dos exames preventivos ao câncer, Lula brincou com os repórteres: “É preciso que a gente tenha coragem de fazer os exames na hora certa, se cuidar. Não tem nada mais triste em um País como o Brasil do que pessoas morrerem de câncer de próstata aos 50 anos. Por quê? Porque nunca fizeram exames. Aí, tem uns que pensam, porque são corajosos e falam: ‘Não, mas agora tem o PSA. Eu faço o PSA e não preciso mais do toque. Ah, tem uma máquina que passa na barriga e vê, não precisa de toque’. Nada substitui o toque. E vale para a imprensa também, viu? Vale para os jornalistas também. Eu não peço para que nenhum homem seja machão. Eu peço que vocês tenham apenas a coragem que as mulheres já têm há muitos anos e permitam ser diagnosticados”.

Em 24 de junho, antes do início de uma entrevista coletiva, em São Paulo, Lula travou o seguinte diálogo com um repórter de televisão:

- Outro dia eu lhe assisti, viu!
- Gostou do programa?
- Gostei – respondeu o presidente.

Três dias depois, na Venezuela, Lula demonstrou intimidade com um dos jornalistas durante entrevista em Caracas, na Venezuela. O episódio inclui também uma crítica contundente do presidente à imprensa. O repórter perguntou como ele avaliava a participação do advogado Roberto Teixeira (amigo pessoal de Lula) nas negociações de venda da Varig. Segundo o jornalista, essa participação vinha sendo contestada¹¹⁵. O presidente respondeu o seguinte: “Tonico¹¹⁶, eu não deveria responder, mas por respeito a você, sobretudo pela nossa relação de amizade, porque quando eu te conheci, você não tinha nem barba branca, e nem eu. Eu acho um absurdo, Tonico, que sobre um acordo que foi feito e determinado por um juiz, que o fez do começo ao fim, alguém invente, levante uma suspeita. Sabe qual é a minha tese? Nos últimos anos, quem criou a mentira, ou quem inventou a falsa manchete, que se explique para a sociedade”, disse o presidente.

¹¹⁵ Compadre de Lula, Roberto Teixeira foi acusado pela ex-diretora da Agência Nacional de Aviação Civil Denise Abreu de ter usado a proximidade com o presidente da República para pressionar a ANAC. Teixeira representava o fundo americano Matlin Patterson na compra da VarigLog. Ele negou que tenha ocorrido ingerência do escritório dele junto ao governo ou aos órgãos reguladores.

¹¹⁶ Tonico Ferreira, repórter da TV Globo.

Em San Miguel de Tucumán, na Argentina, em 1º de julho, Lula brincou com um repórter que ignorou o fato de o presidente estar com pressa para seguir para outro compromisso: “O problema é que você é muito esperto. Você já fez três perguntas. Esse é o problema. Você perguntou sobre o pré-sal, sobre a conversa com a Cristina¹¹⁷ e sobre o preço dos alimentos”. Ao término da entrevista, despediu-se da seguinte forma: “Pronto, meninas e meninos, posso me retirar? Vou para o Paraná ainda”.

Três dias depois, em cerimônia no Palácio do Planalto, Lula mostrou que a intimidade serve, às vezes, também para dar um corretivo. Ao não conseguir entender as perguntas que eram feitas, o presidente interrompeu os repórteres: “Vocês percebem, vocês percebem que o que vocês chamam de divergência política é o que vocês fizeram agora: todo mundo gritou de uma única vez!”, afirmou Lula, em tom de reprimenda.

Outra fala recorrente do presidente Lula e que pôde ser constatada no período de três meses que compreende esse estudo é a argumentação de que a oposição torce para que as coisas dêem errado no País ou de que exista um pessimismo exacerbado por parte de alguns setores da sociedade.

Em 13 de junho, durante entrevista coletiva no Palácio do Planalto, Lula disse que, caso passasse a ser oposição, não agiria dessa forma. Como destacado anteriormente, o presidente afirmou que a única hipótese de ele voltar ao governo, após 2011, seria no caso de a oposição ganhar as eleições e o novo presidente não fazer um bom governo. “Trabalhar com essa hipótese é, no mínimo, mesquinaria elevada à quinta potência”, disse Lula. E prosseguiu: “Quando se passa por aqui tem que ser humilde, e começar a imaginar que quem sentar aqui tem que fazer o máximo que puder e o melhor que puder fazer, porque só assim o povo brasileiro vai ganhar alguma coisa. Então, a gente não pode nunca torcer por quanto pior, melhor”, afirmou o presidente.

Em 16 de junho, durante cerimônia na Bolsa de Valores de São Paulo, Lula afirmou que “em 2006, após o resultado das eleições, alguns analistas mais exaltados chegaram a dizer que o País não merecia crescer, que haveria crise fiscal, que não chegaríamos ao grau de investimento antes de 2010, e outras coisas do gênero que a

¹¹⁷ Cristina Kirchner, presidente da Argentina.

gente lê e ouve todos os dias”. E completou, mais adiante: “Vocês também sabem que sempre haverá gente torcendo contra. Quanto maior o sucesso, maior a intensidade das críticas daqueles que hoje não têm nada a dizer”.

Em Curitiba, no Paraná, dia 2 de julho, o presidente retomou o mesmo discurso: “De vez em quando eu vejo uma ou outra pessoa – sempre uma minoria – torcendo para não dar certo. É como quando vão jogar aqui o Atlético e o Coritiba: o torcedor do Coritiba pede a Deus para que o Atlético jogue mal, e o do Atlético pede a Deus para que o Coritiba jogue mal. Eles não pensam: vamos fazer um bom jogo, ganhe quem ganhar, o importante é que o povo viva feliz. Governar o País também é assim. As pessoas não têm que torcer para as coisas não darem certo. Vocês acreditam que tem gente torcendo para que tenha inflação, para poder ter um discursinho e falar mal do governo? Vocês acreditam nisso? Porque estão há três anos sem ter o que falar. Se tiver uma *inflaçãozinha*: ‘Esta aí a inflação’”.

É importante ressaltar, porém, que, no dia seguinte, 3 de julho, o próprio Lula admitiu que, enquanto estava na oposição, exagerava ao falar mal do Brasil, inclusive no exterior. A confissão, feita em tom de brincadeira, ocorreu durante discurso na cerimônia de lançamento do Plano Safra Mais Alimentos, em Brasília. Ao comentar o fato de que a comunidade internacional alega que o trabalho com a cana-de-açúcar é insalubre e penoso, o presidente afirmou: “Como eu viajei muito tempo falando mal do Brasil, eu sei que tem muita gente que ainda viaja. É chique. As pessoas se esquecem que eu viajei muito o Brasil e viajei muito o mundo. E quantas vezes eu fui para Paris, para Londres, para Roma, para Frankfurt, sabe ... dirigente sindical e não sei das quantas. Eu falava: ‘Tem 25 milhões de crianças de rua no Brasil’. Um dia, um cara perguntou: ‘Mas espere aí. Se tivessem 25 mil¹¹⁸ crianças de rua, Lula, a gente não andava¹¹⁹’”.

¹¹⁸ O presidente se enganou e trocou os “25 milhões” por “25 mil”.

¹¹⁹ Esse trecho mostra claramente como os responsáveis pelas transcrições dos pronunciamentos de Lula alteram as falas do presidente, deixando-as mais adequadas à linguagem escrita, suprimindo palavras e corrigindo alguns erros. Na página da Presidência da República na internet, o texto ficou assim: “As pessoas se esquecem que eu viajei muito pelo Brasil e pelo mundo. Quantas vezes eu fui a Paris, Londres, Roma, Frankfurt como dirigente sindical. Eu falava: tem 25 milhões de crianças de rua no Brasil. Um dia, um cara falou: ‘Lula, espere aí: Se tivessem 25 mil crianças nas ruas, a gente não andava’”. Esse assunto será analisado mais à frente, quando abordarmos os erros de língua portuguesa cometidos por Lula quando fala.

Se juntarmos essas palavras do presidente ao que foi dito por ele em 24 de junho, no Palácio do Planalto, pode-se inferir que o pronunciamento em Brasília foi um mea-culpa: “Este País aprendeu, e está aprendendo, que nós não queremos mais fazer apologia à miséria, não queremos mais fazer apologia à pobreza. Queremos fazer apologia à esperança, à possibilidade de a gente crescer, à possibilidade de a gente melhorar”, disse Lula.

Em relação ao espírito pessimista que o presidente Lula diz enxergar no País, vale destacar mais dois episódios:

Na solenidade de entrega da medalha Heróis de 1958 aos ex-jogadores que foram campeões do mundo na Suécia, Lula disse que eles “contribuíram de forma decisiva para que nós pudéssemos compreender que o Brasil poderia ir muito mais além do que o fracasso de 1950 ou o fracasso de 1954; que poderíamos nos transformar num país extremamente vencedor”. Antes, o presidente havia explicado o porquê dessa afirmação: “De vez em quando, no Brasil, a gente mostra muitas derrotas. Eu me lembro de quantas e quantas imagens eu vi, de 1950 a 1970, daquele jogo contra o Uruguai ... Não tinha uma semana que a gente não visse os dois gols do Uruguai contra a gente, em 1950. Quando a gente ganha, passa uma vez; quando a gente perde, passa 20 anos consecutivos. Meninos como o Pelé, que não tinham nada a ver com aquele jogo de 1950, poderiam receber imagens de coisas muito mais positivas. Era um massacre: o Uruguai era invencível, era difícil ... Isso criava um clima psicológico desnecessário na meninada”.

Em 4 de julho, durante entrevista à revista Exame, no Palácio do Planalto, Lula afirmou o seguinte: “Vocês são muito jovens, não lembram, mas há 30 anos, quando se falava no cerrado brasileiro, o que a gente ouvia era o seguinte: ‘O cerrado não presta para nada, só para pequi e para lobo guará, porque no cerrado brasileiro, as árvores nem crescem, elas ficam todas tortas, isso é sinônimo de terra ruim’. O que aconteceu? Com o manejo da terra correto, com a adubação correta, nós transformamos o cerrado brasileiro numa das maiores produções de grãos do mundo”.

Contra o pessimismo e as críticas, Lula utiliza, às vezes, a estratégia da ironia. Alguns exemplos já foram destacados anteriormente e outros serão no decorrer do trabalho. Vejamos aqui alguns deles:

A palavra “sorte” foi utilizada diversas vezes por Lula ao longo dos três meses em que os pronunciamentos do presidente foram analisados. Excetuando-se os episódios em que ele referia-se à descoberta de petróleo na camada do pré-sal, nos demais, a ironia é nítida.

Em 20 de maio, em Santo André, depois de explicar o que era o grau de investimento, Lula afirmou: “... aqueles que achavam que nós íamos levar o Brasil para o buraco, aqueles agora inventaram o seguinte: ‘Ah, o Brasil está dando certo porque o Lula tem sorte. Esse Lula tem uma sorte danada’. Agora, eu pergunto aqui: quem é a mulher que casa com um homem que não tenha sorte? Quem é o homem que vai casar com uma mulher azarada? Ora, Deus queira que daqui para frente o Brasil só eleja presidente com muita sorte. Porque o cara que tem azar é o cara que perde as eleições”.

Mais à frente, prosseguiu, caprichando na ironia: “Eu tenho tanta sorte que a Petrobras encontrou o petróleo na camada pré-sal, a 7 mil metros de profundidade. Eu tenho tanta sorte que a Petrobras vai ter que mandar fazer 200 navios. Eu tenho tanta sorte que ela vai ter que comprar dezenas de plataformas, dezenas de sondas e isso vai significar sorte do Lula para recuperar a indústria metal-mecânica, a indústria naval e gerar mais empregos. Eu tenho tanta sorte que a indústria automobilística está batendo recorde todo santo dia de produção e de venda. E por quê? Porque nós temos sorte”, disse o presidente.

No mesmo dia, mas em São Paulo, Lula fez outra ironia ao afirmar que é necessário melhorar o trânsito nas grandes cidades. “... porque também você ter um carro, entrar dentro e ficar três horas para andar por um lugar que levaria 15 minutos, aí você começa a xingar o governador, o prefeito, o presidente da República, os vereadores. E nós não queremos ser xingados em silêncio, nós queremos ser xingados bem alto, nos comícios, para a gente ouvir a ira do povo”.

Em 10 de junho, o presidente voltou a citar a não-aprovação da prorrogação da CPMF e ironizou: “Eu pensei que quando caísse a CPMF, todos os produtos no Brasil iriam reduzir 0,38%. Não houve nenhum que tivesse reduzido até agora”.

No dia 26 de junho, em discurso no Palácio do Planalto, a ironia misturou-se com o futebol. Lula recebia naquele dia os ex-jogadores da seleção brasileira de 1958: “Eu

até achei importante, Zito, que o Corinthians tenha caído para a Série B do Brasileirão, porque eu acho que é o jeito de o Corinthians ajudar os times pequenos: vai lá para baixo e volta com eles para cima. Eu acho que foi uma atitude de grandeza do Corinthians. Noutro dia, eu estava em um ato lá em São Paulo e o governador José Serra resolveu brincar comigo, e falou: ‘Você está na Série B’. Eu falei: nós fomos para lá porque nós queremos conquistar um título que o Palmeiras já tem e que a gente não tem. Nós queremos disputar com vocês esse título¹²⁰’.

¹²⁰ O Corinthians sagrou-se campeão da Série B do Campeonato Brasileiro em 2008.

3.9 – Lula é o presidente dos pobres

A análise quantitativa não foi feita, mas, sem dúvida, a palavra “pobre” está entre as mais repetidas por Lula em seus discursos e entrevistas. O estudo de todos os pronunciamentos do presidente nos meses de maio, junho e julho de 2008 apontou 65 episódios em que ele mostra, às vezes de forma categórica, que a prioridade de seu governo é cuidar das camadas menos assistidas da população.

Durante lançamento de projetos ligados ao PAC, em Salvador, na Bahia, no dia 9 de maio, Lula não poderia ter sido mais claro e direto: “Eu conheço país aqui, na América Latina, que cresce a 7%, 8% já há uns dez anos, entretanto, a pobreza continua a mesma. O Brasil cresceu 15% na década de 70 – e 73 – e não houve distribuição de renda. Ora, nós precisamos saber que nós somos eleitos para governar para a parte mais pobre. Nós governamos para todos, mas a parte mais pobre tem que ter a nossa preferência para que ela deixe de ser pobre”.

Três dias antes, em Manaus, o presidente havia dado o mesmo recado: “Nós estamos provando o quê? Que governar é a gente saber de que lado a gente está e para quem que a gente quer fazer as coisas. Eu digo sempre: eu governo para todos, eu não faço distinção, mas eu não tiro o olho de onde eu vim. Eu vim do meio dos pobres¹²¹ deste País e é para eles que nós precisamos governar”.

No dia 9 de maio, em Catu, na Bahia, Lula afirmou: “A palavra correta para um governante não deveria ser a palavra governar. A palavra correta deveria ser: ‘eu fui eleito para cuidar deste País, eu fui eleito para cuidar do povo deste País’. Seria mais bonito do que dizer: ‘eu fui eleito para governar’. Cuidar aumenta a nossa responsabilidade. Cuidar de quem, cara pálida¹²²? Cuidar daqueles que já estão cuidados, daqueles que já têm muito dinheiro, daqueles que já chegaram à universidade, daqueles que têm o carro que quiserem ou cuidar daqueles que ainda não tiveram a chance neste País? Esse é o desafio”.

Em 17 de maio, em Lima, no Peru, Lula brincou ao explicar para o presidente peruano, Alan Garcia, porque o governo dele privilegia a distribuição de renda: “Eu

¹²¹ Identificamos aqui mais um aspecto que se repete à exaustão nos discursos do presidente, que é a lembrança do passado pobre, da infância com dificuldades. O tema será analisado mais à frente.

¹²² Lula brinca mais uma vez com termos populares.

firmei a convicção de que apenas o crescimento econômico, sem a repartição do resultado desse crescimento com os pobres, apenas alarga o fosso entre os que já têm e os que não têm. Isso aconteceu no Brasil, na época do chamado Milagre Brasileiro, que foram os anos em que o Brasil cresceu, em média, 10% ao ano. Na época, os sindicalistas diziam assim: ‘O bolo precisa crescer. Quando o bolo estiver grande, vamos distribuir’. Comeram o bolo todo, Alan. Não sobrou nada”, disse Lula.

Em 26 de maio, no Rio de Janeiro, Lula lembrou mais uma vez que governa voltado para os mais pobres: “Disse no passado e repito com ênfase: não vale a pena governar se não for para reduzir a pobreza e as desigualdades. É assim que meu governo toma conta da economia; é essa a bússola que me orienta a tomar todas as minhas decisões”.

No dia 30 de maio, em Belém do Pará, Lula repetiu o recado, aproveitando-se de uma metáfora relacionada ao cotidiano familiar¹²³: “Eu farei qualquer sacrifício, seja remédio amargo¹²⁴... Não foram poucas as vezes em que eu tive que abrir a boca do meu filho caçula e meter remédio na boca dele; ele chorando, mas eu dava porque sabia que era necessário. Estejam certos de uma coisa: eu farei qualquer coisa neste País para não permitir que a inflação volte, porque quando ela voltar, vai quebrar o bolso do povo pobre e trabalhador deste País”.

Na entrevista coletiva concedida por Lula em 12 de junho, no Palácio do Planalto, o presidente falou sobre o reajuste do Bolsa Família: “O Bolsa Família precisa de reajuste. E por que precisa de reajuste? Porque é a parte mais pobre da população e todos nós sabemos que o aumento dos alimentos tem uma incidência maior exatamente na parte mais pobre da população, porque pesa mais no orçamento em função da quantidade de produtos que esse pobre pode comprar. Então, podem ficar certos de que eu vou fazer o Guido Mantega¹²⁵ arrumar um dinheirinho para dar o reajuste para o Bolsa Família”.

¹²³ Prática recorrente do presidente Lula, o uso de metáforas será analisado mais adiante.

¹²⁴ Cinco dias depois desse pronunciamento do presidente, o Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) elevou a taxa básica de juros, a Selic, em 0,5 ponto porcentual, para 12,25% ao ano. Apesar de o Banco Central garantir que suas decisões são eminentemente técnicas, sem interferência política, a história recente mostra que os rumos da taxa de juros têm estado alinhados com o Palácio do Planalto.

¹²⁵ Ministro da Fazenda.

E arrumou mesmo. Um decreto assinado por Lula em 26 de junho, portanto 14 dias depois desse pronunciamento (e pouco mais de três meses antes das eleições municipais), elevou os pagamentos do Bolsa Família em 8% a partir de julho de 2008. Com o reajuste, o valor médio cedido a cada família passou de R\$ 78,70 para R\$ 85,00. Vale destacar que o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), medido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e considerado a “inflação oficial” no País, registrou, no acumulado de 12 meses até junho de 2008, uma alta de 6,06%.

Quatro dias depois, no dia 30 de junho, Lula aproveitou o programa de rádio semanal “Café com o Presidente” para responder às críticas em relação ao reajuste. Vejamos a transcrição do diálogo entre o apresentador e Lula:

- Alguns jornais chegaram, inclusive, a afirmar que este aumento era eleitoreiro, já que estamos próximos à eleição municipal. Como foi feito o cálculo para chegar a esse valor, presidente?

- Foi feito pelo Ministério do Desenvolvimento Social. E aqueles que falaram que era eleitoreiro são pessoas que me parece que perderam a sensibilidade. Ou seja, como é que pode alguém imaginar que você fazer um reajuste – e eu não queria fazer nada que pudesse indexar isso à inflação. Nós estamos dando o reajuste porque tem no orçamento dinheiro para dar este reajuste. E nós vamos continuar reajustando o Bolsa Família. Na medida em que puder reajustar mais, nós vamos reajustar mais fortemente porque os que recebem o Bolsa Família são a parte mais pobre da população e nós precisamos cuidar dessa gente com muito carinho.

Lula retomou o assunto “Bolsa Família” em discurso no Palácio do Planalto, em 16 de julho: “Tem gente que fala: ‘Esse presidente é louco. Ele está gastando nove, dez bilhões de reais com os pobres. Poderia estar fazendo estradas’. Tem gente que fala isso porque, para uma parte dessas pessoas, pobre é apenas um número estatístico. Não percebem que ele tem alma, tem cabeça, tem coração, quer comer, quer trabalhar, quer estudar”.

Em 26 de junho, durante entrevista à agência Bloomberg, no Palácio do Planalto, depois de falar sobre novas descobertas de campos de petróleo na área do pré-sal, Lula afirmou: “Se Deus me ajudar, eu quero fazer uma revolução na educação, na

saúde. É a chance que os brasileiros pobres vão ter de se utilizar o dinheiro, e não ficar como aquelas pessoas que têm muito petróleo, com três, quatro relógios Rolex no bolso. Nós não queremos isso, nós não queremos essa riqueza para poucos”.

Mais adiante, no mesmo dia, acrescentou, retomando a questão inflacionária: “Nós não vamos permitir que a inflação volte... A inflação, quando vem, não prejudica o rico nem o poder público, ela prejudica o pobre, aquele que vive de salário, aquele que vai todos os dias comprar a carne e o feijãozinho para comer. E aí nós vamos controlar, vamos ser duros com quem quer que seja para evitar que o pobre sofra. Eu trabalhei muito tempo dentro de fábrica. Já vivi inflação, neste País, a 80% ao mês, já vivi inflação a 40% ao mês e sei os efeitos disso numa pessoa que recebe um salário uma vez por mês. É desses que eu quero cuidar, prioritariamente, porque cuidando desses eu estarei cuidando do restante do País”, disse o presidente. E finalizou: “... o meu papel como presidente, embora todo mundo saiba que eu tenho como prioridade a ascensão dos pobres neste País, o que eu quero, na verdade? Eu quero que haja harmonia entre todos os segmentos da sociedade. Este é o meu papel, porque quanto mais harmonia nós tivermos, quanto mais crença as pessoas tiverem no próprio País, mais chance nós teremos de nos transformar em uma grandiosa nação, economicamente e socialmente, e é por isso que eu faço o que faço”, concluiu Lula.

A entrevista que o presidente concedeu à agência Bloomberg foi assunto no blog do jornalista Etevaldo Dias¹²⁶, editor e diretor do Jornal do Brasil. No texto do dia 27 de junho, intitulado “Lula estima até oito meses para inflação ser domada”, o jornalista destaca que “o presidente demonstrou confiança e até tranquilidade frente ao retorno da questão inflacionária. Disse que não existe mágica e que é preciso calibrar cada passo. Lula revelou que se reúne ao menos três vezes por semana com o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e que a cada 15 dias convoca ‘companheiros’ economistas para discutir e tentar chegar a um denominador comum”.

Alguns dos comentários incluídos pelos internautas são uma boa mostra do preconceito que existe contra o presidente Lula, tema que será analisado mais à frente nesse trabalho:

¹²⁶ <http://colunistas.ig.com.br/blogdoet>

Em 30 de junho, a internauta Heloisa escreveu: “Como esse ignorante, convocando *cumpanhêros*, consegue compreender o que eles dizem? Em 7 de julho, Ricardo Sampaio respondeu: “É duro para a elite branca brasileira admitir que um operário esteja fazendo um governo melhor que os ‘professores’ do passado”. Em 14 de julho, um internauta que se identificou como “elite branca” acrescentou: “O ignorante bêbado está nos envergonhando, também, lá no Oriente”.

A expectativa em torno do pré-sal foi retomada pelo presidente no dia 23 de julho, em entrevista no Itamaraty. Lula afirmou: “Eu tenho dito uma coisa para os ministros: vocês pensem o que vocês quiserem, projetem o que vocês quiserem, mas com uma parte do petróleo que nós encontramos, nós vamos cuidar dos pobres deste País. Eu acho que está na hora de os pobres ocuparem um lugar de destaque nos indicadores de bem-estar social e não apenas nos indicadores de miséria, como foi durante o século passado”.

Em 3 de julho, durante discurso na cerimônia de lançamento do Plano Safra Mais Alimentos, em Brasília, o presidente mostrou que defende os pobres mesmo em situações que envolvam preservação ambiental: “Nessa questão da agricultura e nessa questão da preservação ambiental, nós temos defeitos. Mas quem, lá fora, tem menos defeito do que nós? Quem preservou mais do que nós? E eles sabem perfeitamente bem que para a gente cuidar do planeta corretamente é preciso mudar o padrão de consumo que está estabelecido. Ou será que a América Latina e a África nasceram para ser pobres a vida inteira, e eles nasceram para ser ricos? Quem é que disse isso? Como é que eu vou negar para alguém da Amazônia levar o desenvolvimento para lá¹²⁷? Obviamente que nós temos que ter o cuidado de levar o desenvolvimento, de preferência, de indústria limpa, de fazer corretamente o manejo da floresta. Tudo isso já está previsto em todas as políticas que nós aprovamos”, afirmou Lula.

Na entrevista coletiva concedida à revista Exame, em 4 de julho, mais um caso pontual em que o presidente saiu em defesa dos pobres. Lula referia-se ao manejo da cana-de-açúcar: “Eu estou preocupado porque São Paulo, até 2012, vai acabar com o

¹²⁷ Essa fala do presidente ocorreu menos de dois meses depois da substituição de Marina Silva por Carlos Minc no Ministério do Meio Ambiente. Apesar de o presidente não admitir, Marina estava sendo pressionada por adotar uma postura muito rígida na concessão de licenciamentos, dificultando, na visão de alguns, o desenvolvimento sustentável da Amazônia.

corte manual. O nosso desafio não é apenas acabar com o corte manual, é saber o seguinte: o que nós vamos fazer com 800 mil trabalhadores que cortam cana? Se eu não tomar cuidado, eles deixarão de ser cortadores de cana e irão ser mendigos nas periferias dos grandes centros urbanos deste País”.

Ainda nessa entrevista, Lula citou mais um exemplo de sua preocupação com as camadas mais baixas. Perguntado sobre o que ainda falta ser feito no País, o presidente respondeu o seguinte: “No Brasil, sempre faltará fazer alguma coisa... Nós queríamos fazer laqueadura para as mulheres que quisessem fazer o ligamento das trompas. Nós queríamos fazer uma política de planejamento adequada, porque no Brasil quem tem mais filhos são os pobres. A classe média já tem esse planejamento familiar. A classe média se casa e já sabe: vou ter um filho ou dois filhos, e acabou. Mas os pobres, não: não têm formação, não têm as informações corretas, não têm dinheiro para comprar preservativos”, afirmou o presidente.

Na cerimônia de assinatura de atos relativos a obras do PAC em Santo André, na Grande São Paulo, em 20 de maio, o presidente voltou a mostrar sua preocupação maior com os pobres ao falar das ameaças inflacionárias. “Então, nós, agora, no governo, trabalhamos para manter esse equilíbrio, combinar a taxa de consumo da sociedade com a taxa de crescimento da economia, para que haja o equilíbrio entre oferta e demanda, entre a vontade de comprar e o que a gente tem disponível para vender¹²⁸. Esse é um trabalho que certamente preocupa todo mundo. Preocupa a mim, porque uma coisa que eu quero garantir para o povo brasileiro é o direito de comer. E quando aumenta o preço do alimento, significa que o pobre sofre mais, o pobre paga mais a conta”, afirmou.

O argumento de que o pobre já está comendo ou precisa comer mais foi utilizado diversas vezes pelo presidente ao longo dos três meses analisados nesse trabalho. Vários desses episódios ocorreram no exterior:

Em São Salvador, El Salvador, no dia 29 de maio, Lula afirmou: “Nos últimos 20 anos, quantos milhões de seres humanos voltaram a comer? Eu tenho certeza de que no Panamá, tenho certeza de que em Belize, tenho certeza de que em todos os países

¹²⁸ Nota-se que o presidente explica o que é o “equilíbrio entre oferta e demanda”. Essa prática de “traduzir” o *economês* para a população é muito presente nos discursos de Lula, que utiliza-se bastante de metáforas para esse fim. O tema será analisado mais adiante no trabalho.

daqui – porque no Brasil aconteceu isso – o povo está comendo mais, o pobre está tendo acesso a alimentos que ele não tinha há 30 anos”.

Presente à reunião de Alto Nível da FAO¹²⁹ sobre Segurança Alimentar, Mudanças Climáticas e Bionergia, em 3 de junho, em Roma, na Itália, Lula abriu seu discurso da seguinte forma: “Estamos aqui reunidos para debater soluções para o problema da segurança alimentar mundial. A segurança alimentar sempre foi uma preocupação central do meu governo. Em 2003 lancei um programa pioneiro, o Fome Zero, que permitiu que milhões de brasileiros, antes submetidos à condição de miseráveis, tenham passado a comer três refeições por dia. Fiz do combate à fome e à pobreza uma prioridade da ação internacional do Brasil”.

Em 12 de julho, durante declaração à imprensa em Jacarta, na Indonésia, o presidente disse que “neste momento em que há a volta da inflação causada pelo preço dos alimentos, causada pelo preço do petróleo, os países em desenvolvimento, com as características da Indonésia e do Brasil, não têm que ver nessa crise apenas um problema. Nós temos que ver uma grande oportunidade. Nós temos terra, temos sol, temos água, temos tecnologia. Graças a Deus, os pobres do mundo começaram a comer três vezes por dia. Portanto, isso vai exigir mais produção de alimentos, e nós temos condições de fazer com que, o que para alguns é uma crise, seja uma oportunidade de produzirmos muito mais”.

O tema da fome também foi abordado pelo presidente na edição do dia 7 de julho do programa de rádio “Café com o Presidente”: “Acho que o século XXI é o século em que o pobre precisa deixar de ser muito pobre e virar cidadão: ter direito a moradia, a educação, a comer três vezes ao dia, ter acesso ao lazer, à cultura. É para isso que nós vamos trabalhar. E eu estou convencido que nós estamos no caminho certo”, disse Lula.

O presidente retomaria o assunto em 23 de julho, durante entrevista no Itamaraty: “Lamentavelmente, alguns setores aproveitam o momento em que o povo está consumindo para aumentar preço e nós precisamos cuidar disso com muito carinho. Eu não vou diminuir o consumo neste País, porque se tem uma coisa que o povo pobre passou a vida inteira esperando é o direito de comer três vezes ao dia, o

¹²⁹ *Food and Agricultural Organization*, órgão da ONU responsável pelas questões de agricultura e alimentação.

direito de entrar num shopping e comprar uma roupinha, comprar alguma coisa e isso nós vamos garantir. Vamos garantir, custe o que custar”.

Há ainda diversos outros trechos de discursos do presidente em que ele cita questões ligadas à pobreza e se coloca, nitidamente, ao lado dos pobres e, algumas vezes, contra os ricos. Mais adiante no trabalho iremos analisar os episódios em que Lula relembra o próprio passado de dificuldades. Por enquanto, veremos momentos em que o presidente assume a postura de defensor dos oprimidos.

Em 5 de maio, discursando em Teresina, no Piauí, Lula disse que “alguns são contra o Bolsa Família, dizendo que é esmola. É esmola para quem pode dar cem reais de gorjeta no uísque que toma, mas para uma dona de casa comprar feijão e fubá para o seu filho é quase que uma coisa sagrada”.

No dia 9 de maio, em Lauro de Freitas, na Bahia, o presidente voltou a cutucar a elite, ao falar do destino da verba que seria investida na região por meio de obras do PAC: “Esse dinheiro que está vindo para cá, parte dele vai ser enterrado embaixo da terra para fazer coleta de esgoto, para as nossas crianças não ficarem mais doentes. Parte dele vai levar água à torneira. É que quem já nasceu no asfalto, quem já nasceu com água encanada não sabe o que é uma pessoa não ter água em casa, não sabe o que é uma mulher tomar banho de bacia, não sabe o que é uma criança tomar banho em uma bacia, quando todo mundo tem direito de ter água encanada e um chuveiro para tomar um banho. Ninguém está pedindo nada, nem água mineral a gente quer para tomar banho, a gente quer água comum e tratada. É muito pouco o que nós queremos”, disse Lula.

No mesmo dia, ainda acrescentou: “Aliás, tem uma coisa importante, gente, que vocês também têm que aprender: pobre só tem valor no dia da eleição. No dia da eleição, se tiver um pobre descalço na fila e tiver um banqueiro de gravata, o candidato vai lá abraçar o pobre e esquece o banqueiro, porque é o único dia em que o pobre vale tanto quanto o rico. O dedinho dele, na hora em que vai na maquininha, vale. O que tem um tostão vale mais do que um que tem milhões, porque esse do tostão é a maioria do País. Agora, nem sempre, depois das eleições, o candidato se lembra dos pobres”.

Em Santo André, na Grande São Paulo, em 20 de maio, durante discurso ao lado da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, Lula ressaltou a falta de opções de

lazer para as camadas mais pobres da população. “Essas pessoas aqui, Dilma, embora seja a região mais desenvolvida do País, essas pessoas se quiserem ter um pouco de lazer, eles têm que ir para a praia ou viajar para o interior, se tiver uma casa de campo ou alguma coisa. Se não, aqui, essa região chama-se trabalho, trabalho e trabalho. São pouquíssimas as áreas de lazer. Além de trabalhar que nem um desgraçado, o cara ainda morar em uma favela, aí já é demais”, afirmou o presidente.

Mais à frente, no mesmo discurso, disse: “Antes, um companheiro para comprar um carro, eram 24 meses. Depois, passou para 36 meses. Nós fizemos reunião com a indústria automobilística e nós dizíamos: ‘Querem vender mais carro? Então vocês aumentem o número de prestações’”.

É possível que o presidente realmente acredite que esteja ajudando os pobres ao pedir ao setor automobilístico que aumente os prazos para compra de carros. Porém, ao analisarmos a taxa de juros que vigorava no País na ocasião, chega-se à conclusão de que, quanto mais longo o financiamento, maior será o valor pago e menos vantajosa será a transação. Pouco mais de duas semanas depois desse pronunciamento do presidente, o Banco Central elevou a taxa básica de juros, Selic, em meio ponto percentual, para 12,25% ao ano, mantendo o Brasil na vergonhosa posição de líder mundial no ranking dos juros altos.

Ainda no dia 20, em visita à favela de Heliópolis, em São Paulo, Lula aproveitou o anúncio de investimentos do PAC na região para fazer uma sugestão ao prefeito da capital paulista, Gilberto Kassab. O presidente disse o seguinte: “Vocês vão ver o que essas obras do PAC vão gerar de empregos aqui na região. Kassab, uma sugestão: as empresas com as quais você fizer licitação – e aí vale para todos os prefeitos – na hora que tiver que contratar gente para fazer obras aqui em Heliópolis, seria importante que a gente fizesse um mapeamento de quem está desempregado aqui, para a gente contratar as pessoas daqui. Porque isso que nós estamos fazendo, sabe o que significa? É a presença do Estado dentro dos lugares mais pobres do País”.

Em 26 de maio, depois de inaugurar um grande complexo de saúde em Diadema, na Grande São Paulo, o presidente disse o seguinte: “Isso, meu querido Filippi¹³⁰, é uma revolução que um dia a história vai contar. O começo da criação de

¹³⁰ José de Filippi Júnior, então prefeito de Diadema.

uma sociedade onde as pessoas não sejam tratadas em função da origem de berço, onde as pessoas não sejam tratadas melhor em função da sua cor, onde as pessoas não sejam tratadas melhor em função da sua profissão, mas onde todos sejam tratados em igualdade de condições, porque todos são iguais perante a lei de Deus e perante a lei dos homens que está escrita na nossa Constituição”.

O presidente Lula voltou a sair em defesa dos pobres no dia 6 de junho, em discurso no Palácio do Planalto, em Brasília. “Quem nunca morou numa rua sem asfalto não sabe o valor de uma guia, de uma sarjeta, que alguns Estados chamam de meio-fio. Quem nasceu no centro da cidade, não sabe o que é uma casa sem luz”, disse o presidente.

Em 9 de julho, em Tókyo, no Japão, a defesa dos menos favorecidos estendeu-se aos imigrantes: “Os países ricos acham que os pobres incomodam, quando na verdade, os pobres ajudaram esses países a se desenvolver. São 35 milhões de hispânicos nos Estados Unidos, que certamente contribuíram muito para que os Estados chegassem ao ponto de ser uma nação importante. E assim, na Europa, os turcos devem ter ajudado muitos países a se desenvolverem”, afirmou Lula.

3.10 – Lula faz questão de lembrar que também foi pobre

O estudo aprofundado de todas as falas do presidente ao longo do período estabelecido para esse trabalho revela 45 episódios em que Lula retoma sua condição de pobre, retirante ou metalúrgico. O presidente não demonstra rancor. Na maioria das vezes, lembra de fatos ou circunstâncias com o bom humor que lhe é peculiar.

Em 5 de maio, durante discurso em Teresina, no Piauí, Lula disse o seguinte: “É com muito orgulho que eu venho hoje, aqui, anunciar obras do PAC e entregar aquelas 280 casas. Eu quero te dizer, Hereda¹³¹, você que é o homem da Caixa Econômica Federal; eu quero te dizer que eu acho as casas pequenininhas. Mas deixa eu falar para vocês: quando eu comprei minha primeira casa, em 1976, ela tinha 33 metros. Eu me lembro de que, nas greves de 80, quando iam mais que três pessoas lá em casa, era obrigado a tirar a Marisa e as crianças, porque não cabia. A Marisa, um dia, inventou de comprar uma geladeira nova e eu falei: ‘A bicha¹³² é tão grande, que tem que tirar o fogão para ela caber’. E aí, aos poucos, você vai levantando uma paredezinha, mais uma paredezinha, aí você constrói a casa dos seus sonhos. Isso aqui é apenas o começo da independência de um homem e de uma mulher”.

Quatro dias depois, em Salvador, na Bahia, o presidente lembrou mais uma vez dos tempos difíceis ao contar uma passagem, dirigindo-se à mulher do governador Jaques Wagner, Maria de Fátima: “Eu lembro, Fátima, o meu filho caçula está com 23 anos, quando ele era pequeno, passavam aquelas mulheres vendendo Danoninho, a gente só tinha dinheiro para comprar para o caçula e era uma desgraça. Quem é mãe e pai sabe, você comprar um Danoninho, um filho de dez anos pedir, e você falar: ‘eu não vou dar, não, é para o rabugento menor’”.

A história do iogurte voltou a ser lembrada por Lula durante visita à favela de Heliópolis, em São Paulo, em 20 de maio. Dirigindo-se ao governador de São Paulo, José Serra, afirmou: “Eu lembro, Serra, naquele tempo, eu tinha os meus quatro filhos em casa, e a gente para comprar Danoninho, passava umas mulheres vendendo Danoninho, a situação era tão difícil que a gente só comprava para o pequeno”.

¹³¹ Jorge Hereda, então presidente interino da Caixa Econômica Federal.

¹³² Mais um exemplo do uso da chamada linguagem popular.

No mesmo dia, mas em Santo André, na Grande São Paulo, Lula nos fez lembrar do ex-ministro do Trabalho e Previdência Social do governo Fernando Collor, Antônio Rogério Magri, que afirmou, no início da década de 90, que cachorro também é gente¹³³. Depois de ter dito que o carro, para um companheiro trabalhador, era uma paixão, o presidente acrescentou, dirigindo-se à ministra Dilma Roussef: “Quantos domingos à tarde eu passei lavando a calotinha do meu carro. Porque, Dilma, a gente quando é pobre, que a gente tem um carro, a gente cuida do carro que nem cuida do bumbum do filho da gente. Limpa direitinho, passa flanela, alisa, deixa brilhando, é assim mesmo. Pode ser que alguém rico não trate o carro, mas o pobre trata. É um membro da família, não é?”, perguntou o presidente.

No dia 10 de junho, durante cerimônia de inauguração do Complexo Hospitalar Ouro Verde, em Campinas, interior paulista, Lula, ao iniciar sua fala, voltou a brincar com o passado humilde: “O discurso que eu trouxe por escrito, na verdade, já foi superado, porque quatro pessoas falaram de saúde antes de mim. Não vou ser eu, um torneiro mecânico, que vou falar de saúde aqui”.

Em discurso no Palácio do Planalto, em 12 de junho, o presidente disse o seguinte: “Quando eu morava na cidade do Guarujá, não no Guarujá, eu morava em um bairro muito pobre do Guarujá, chamado Itapema, hoje Vicente de Carvalho, que todo domingo eu saía com meu pai e meus irmãos para o mangue, eu tinha dez anos de idade. Andar no mangue, descalço, não é brincadeira. A gente ia catar marisco, catar caranguejo e cortar lenha para vender para as padarias. E carregava na cabeça. Acho que é por isso que meu pescoço não cresceu o tanto que deveria ter crescido”, disse Lula, rindo junto com a platéia.

Prosseguindo o discurso, Lula ainda lembraria, naquele dia, mais duas histórias do passado de dificuldades: “Depois de ir para o mangue, fui morar em São Paulo, na Vila Carioca, outro bairro bem pobrezinho que dava enchente e, para sobreviver, a gente tinha que engraxar sapatos. Se eu quisesse ir ao cinema no domingo à tarde, eu tinha que engraxar sapatos no sábado de manhã. Quando o cara pagava era ótimo, mas às vezes o cara tirava o pé da caixa, ia embora, não me pagava e eu não podia fazer nada”, disse.

¹³³ O ministro soltou essa pérola ao ser flagrado transportando sua cachorra, Orca, em um veículo oficial.

Mais adiante, a última história do dia: “Depois eu fui trabalhar como tintureiro, aos 12 anos, e carregava um cabo de vassoura nas costas com um monte de ternos pendurados de cada lado. Eu me lembro como se fosse hoje. Eu tinha um companheiro, Paulinho, que encontrei na Ford depois de muitos anos, que era muito grandão. Eu fui entregar um terno dele, e o terno estava arrastando no chão, porque era um paletó grande. Eu cheguei para entregar o terno (Lula ri bastante enquanto relata o fato), a mulher dele pegou o paletó, levantou, e a parte debaixo estava toda suja de terra porque saiu arrastando durante todo o trajeto. Certamente que se eu tivesse condições de não trabalhar e estar na escola, seria infinitamente melhor”, concluiu o presidente.

O costume do presidente Lula de lembrar o passado pobre em seus discursos é visto com bons olhos pela maioria das pessoas ouvidas, nas ruas de São Paulo, para esse trabalho. Entre os 41 entrevistados, 28 disseram considerar importante que o presidente faça esse resgate. Sete qualificaram a prática como demagógica, quatro disseram não ver motivo para que ele aja dessa forma e dois não responderam.

“Eu acho que é para o povo saber que não tem ninguém melhor do que ninguém. Às vezes o povo critica porque o Lula é da roça, o Lula foi isso, foi aquilo, mas é um cara que sabe trabalhar, é um cara inteligente. Igual a ele eu nunca vi até hoje”, diz o pintor Deraldino. “Eu acho importante porque a gente percebe que neste País alguém do povo conseguiu chegar lá. Independente de escolaridade, ele chegou lá porque ele tem condição de ter chegado. Eu acho legal isso”, afirmou a assistente administrativa Edilene, de São Bernardo do Campo. Outros dois entrevistados também acreditam que, fazendo isso, Lula está ajudando a melhorar a auto-estima do brasileiro. O auxiliar de encarregado José, morador de Guarulhos, diz: “O pessoal, hoje em dia, também passa o que ele passou. Eu acho que isso aí serve de incentivo para o pessoal não desistir dos seus princípios, da sua vontade de crescer”. O estudante Vinicius tem a mesma opinião: “Aumenta a auto-estima do povo, o povo pobre do Brasil”, afirma.

O limpador de vidros José Miguel, que mora na Penha, zona leste da capital paulista, defende a atitude do presidente com unhas e dentes: “Isso qualquer um relembra, gente boa. Qualquer um relembra. Você pode lembrar, esse senhor também pode lembrar (aponta para o colega), qualquer um. Quem não lembra a

infância? Eu relembro minha infância. A minha infância foi boa, muito boa. A dele foi sofrida, a minha também foi. Qual a infância do nortista que não foi ruim? Só que tem uma coisa: para chegar no auge que ele chegou, ele lutou muito. Ele é um cara humano. Ele é humano, cara. Só que tem uma coisa: tem pessoas que tem mais estudo do que ele e tem inveja dele. Inveja! Você sabe o que significa inveja? Inveja é uma coisa ruim, dolorosa. Ele realmente é muito bom, inteligente”, afirma José.

A médica Ceuci, de Salvador, na Bahia, também acha importante que o presidente lembre do passado pobre nos discursos. Para ela, “é essa trajetória dele que o diferencia dos políticos tradicionais”. O taxista Evandro, que mora no Capão Redondo, periferia da capital, concorda: “Hoje ele está lá em cima, mas ele não esqueceu o que ele passou. É muito importante. Você não pode esquecer quem você foi. Não pode ter orgulho que ele está na presidência. Ele tem que ter orgulho que ele já foi um peão também, e graças a Deus que ele chegou onde que ele chegou”. Petrônio, porteiro na Vila Mariana, complementa: “É bom ele resgatar o que é ... para representar o que ele era antes, né. Para passar para o povão o que ele era e o que ele é hoje, porque de um simples trabalhador, assim, humilde, chegar onde ele está hoje, não é para qualquer um, né”?

O cabeleireiro Vagner, morador de Santana, concorda, mas faz uma ressalva: “Eu acho que é legal falar da humildade dele, do que ele passou, acho que muita gente passou, né? Não é o que todo mundo passa. Tem muita gente que nasce em berço de ouro, que não sabe o que é isso. Agora, também não adianta ele ficar a vida inteira falando isso aí, né”? Carroceiro, morador da Saúde, na zona sul da capital paulista, Paulo também pondera: “Eu acho importante, mas como ele vem da classe baixa, ele devia dar mais apoio para a classe baixa, para a classe pobre, entendeu? O que está acontecendo hoje na rua, os carroceiros já não podem mais trabalhar com papelão a cinco centavos, o ferro, sete centavos”, reclama.

Entre os que desaprovam a atitude do presidente está o empresário Mário, morador de Moema, bairro nobre da capital paulista. “Acho que isso é um meio de *merchandising* dele. É um meio de mostrar a simplicidade dele, falando das dificuldades que ele passou na vida para convencer as pessoas que ele é uma pessoa honesta, que ele é uma pessoa correta. Mas eu acho que isso não é o mais importante, a dificuldade

que ele passou. Acho que o importante é o que ele pode fazer”. O médico Ricardo pensa parecido: “Eu acho que é um discurso um pouco populista. Na verdade, é um pouco para dizer: ‘Eu vim do povo, eu sou do povo’. Na verdade, somos todos do povo. Eu acho que é um discurso para ganhar voto de uma população que é mantida muito à parte da educação e do ensino”.

O professor de música Marcelo, do Rio de Janeiro, também critica: “Eu acho que não é resgate. É apenas uma forma dele se aproximar das pessoas, visto que esse passado para ele não interessa mais nada. Foi uma escada para ele chegar aonde chegou. Eu sou uma pessoa completamente anti-lulista, de verdade, então eu acho que, realmente, ele atua de acordo com a situação, com a ocasião que interessa, o que melhor convier a ele”. Empresária em Moema, a jovem Pamela também é contrária à atitude do presidente: “É engraçado ele lembrar esse passado humilde dele e ele estar levando a vida que ele está levando hoje, né? Acho que de certa forma ele acaba usando esse passado humilde dele para atrair as pessoas que, na verdade, são de uma classe social mais baixa, que são a grande maioria, e onde ele vai conseguir o maior número de votos”, afirma.

Para a manicure Zenaide, “o importante é o futuro, e só. Tem que pensar no futuro e não no passado. O passado que ele viveu não volta mais”. A dona de casa Ruth, da Lapa, zona oeste de São Paulo, concorda: “Eu acho que ele devia procurar ir para frente e esquecer esse pedaço da vida dele, porque todo mundo já conhece. Todo mundo sabe a origem dele. Não precisa ele ficar lembrando sempre o que ele foi”.

Mas como ele continua lembrando, e quase sempre, seguimos com mais alguns episódios¹³⁴ em que Lula resgata o passado pobre nos meses de maio, junho e julho de 2008:

Em 9 de maio, durante discurso em Ilhéus, na Bahia, depois de falar sobre os programas educacionais do governo federal, como ProUni e Reuni, Lula acrescentou: “E por que estamos fazendo isso? Porque eu quero que os meus filhos tenham a oportunidade de estudar, que eu não tive. Eu quero que o meu filho seja um doutor, e os filhos de vocês sejam os doutores que nós não tivemos chance de ser”.

¹³⁴ Agora, sem fazer brincadeira.

Depois de ouvir, no Palácio do Planalto, a apresentação de uma orquestra formada por crianças de uma favela do Recife, Pernambuco, em 15 de maio, o presidente afirmou: “Eu digo sempre, maestro, que eu poderia ter me transformado em um menino de rua, eu poderia ter me transformado em uma coisa qualquer, menos em presidente da República. Por que eu me transformei em presidente da República? Porque eu tinha uma mãe, mesmo que pobre, sozinha, que cuidou de oito filhos¹³⁵. Eu penso que é um pouco o que acontece com eles: tem um avô, tem uma mãe, tem uma tia, sempre tem alguém a olhar pela gente. Vocês apareceram na vida destes meninos e deram a eles uma chance enorme”.

Em 20 de maio, durante discurso em Heliópolis, a maior favela da cidade de São Paulo, Lula lembrou de um episódio em que sentiu vergonha de demonstrar a pobreza em que vivia. Depois de afirmar que já tinha morado em bairros próximos dali, o presidente acrescentou: “Aqui, Serra¹³⁶, eu passei alguns momentos tristes. Eu trabalhava na firma Moldu-Car, quando ela era pequenininha, lá perto do Senai. A minha primeira esposa trabalhava em uma fábrica depois da minha, numa tecelagem. Normalmente, a gente pegava um ônibus. Eu esperava ela passar e pegava o ônibus em que ela estava, para vir junto com ela. Eu morava na Ponte Preta. Mas tinha semana que eu não tinha a maldita moeda para pagar o ônibus e eu não queria que a minha mulher soubesse, que a minha noiva soubesse, que eu não tinha dinheiro. Então, eu vinha a pé, com a minha marmita embaixo do braço. Como o ônibus passava aqui na Estrada das Lágrimas, eu atravessava todos esses campos, desde o Campo da Portuguesinha do Sacomã, lá no começo, até o último campo aqui, onde era a garagem de lixo da Prefeitura, onde tinha as carroças, perto da igreja. Eu vinha a pé para que a minha namorada não passasse de ônibus e me visse andando a pé porque eu não tinha uma simples moeda para pagar o ônibus”, afirmou Lula.

¹³⁵ No livro “Lula – O Início”, de Mário Morel, o presidente relatou os apertos que passou na infância, ainda em Pernambuco. “A gente levantava de manhã, não tinha pão nem dinheiro para comprar. Nem forno, nem farinha para fazer. Então a gente pegava uma xícara de café, enchia de farinha de mandioca, botava água, misturava, e era o café da manhã. A água não era fácil de pegar nem era limpa. Quando chovia, a enxurrada descia pela estrada e meus irmãos faziam cerca de areia para juntar água. Ou então era aquela água de açude, onde os animais faziam as necessidades, aquela água cheia de caramujo. Coloca-se num pote, espera a água sentar – a gente usa muito a palavra sentar -, a sujeira desce, mas a água fica cinzenta. O mínimo que a gente devia fazer era ferver a água. Mas não existia nenhuma educação, nenhum conhecimento”, afirmou.

¹³⁶ José Serra, governador de São Paulo.

O presidente ainda acrescentou: “Eu fico me lembrando de quantas vezes eu sentei no chão e fiquei chorando a maldição de trabalhar das 7 da manhã às 5 da tarde e, mesmo trabalhando, no final do mês não me sobravam 50 centavos para pagar o ônibus para vir para casa. E a gente tinha vergonha de pedir para um companheiro; a gente não gostava que as pessoas soubessem que a gente não tinha dinheiro, porque a gente tem uma frescura de orgulho que não quer contar para ninguém. Não pedia, vinha a pé, e no dia seguinte não reclamava da vida. Minha mãe, às vezes, me dava uma moeda, achando que eu ia arrumar moeda para voltar, e eu ia de ônibus e voltava a pé”.

No dia 26 de junho, em solenidade no Palácio do Planalto em homenagem aos jogadores da seleção brasileira de 1958, Lula deu mais um exemplo do passado humilde. O presidente falava da Copa de 74: “Eu estava no sindicato, Pelé, ali em São Bernardo do Campo, e o Brasil ia jogar com a Holanda. Foi a primeira vez que eu vi televisão em cores na vida. Um médico do sindicato, que tinha uma televisão em cores, levou a televisão para o sindicato, instalou, liberamos o sindicato, e ninguém trabalhou, para ver o jogo”.

Na entrevista à revista Exame, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, Lula disse: “Eu passei 30 anos da minha vida do outro lado, sendo vítima da inflação, e eu tenho a exata noção do que é um trabalhador sem conta bancária, vivendo do salário, sem conta remunerada, vítima de uma inflação de 15%, 20%, 30%”. O mesmo discurso foi repetido em 23 de julho em entrevista no Itamaraty: “Eu tenho dito todo santo dia que combater a inflação é quase uma questão de honra para o governo. Porque eu estive do outro lado durante toda a minha vida, vivendo como trabalhador, e eu sei que a inflação prejudica exatamente as pessoas que ganham menos”, afirmou o presidente.

Em 18 de julho, falando em Riberalta, na Bolívia, Lula fez nova referência ao passado, ao dirigir-se ao presidente daquele país: “Para terminar o meu pronunciamento, gostaria de dizer ao companheiro Evo Morales do meu mais profundo sentimento, da minha mais profunda alegria, quando vi o povo boliviano eleger um índio para ser o presidente deste país. Tenho, companheiro Evo Morales, a mesma convicção de que a importância da sua eleição na Bolívia talvez tenha sido muito mais significativa do que a eleição de um metalúrgico para presidir o Brasil”.

Joelmir Beting acredita que o fato de Lula lembrar constantemente de seu passado tem um efeito político eleitoreiro ostensivo. “Ele leva vantagem, pois são milhões de brasileiros nessa condição”, afirma. O jornalista diz, no entanto, que no começo, Lula não emplacou justamente por causa disso. “Ninguém achava ele preparado para ser vereador de Pirituba¹³⁷, mas depois ele foi se impondo”. Para Joelmir, o capital político de Lula deve-se mais à condição de líder sindical vencedor e menos à origem de migrante nordestino. “Na liderança sindical, ele foi um diferenciado, um fora de série, até pelo momento político desagradável que ele acabou enfrentando. Não era fácil fazer o que ele andou fazendo, e numa situação de relações de trabalho de ponta, que era a área das montadoras e das indústrias de autopeças e de metalurgia moderna no ABC”, conclui Joelmir Beting.

Para o cientista político Roberto Romano, o que é determinante não é o fato de Lula ter uma origem humilde, já que segundo o professor, “há muitos políticos brasileiros, administradores, que partiram do zero, da mesma situação em que ele estava, mas que não utilizaram sistematicamente isso para captar benevolência da população”. Segundo Romano, o grande diferencial é que o presidente da República se aproveita demais dessa situação. “É claro que quando você usa e abusa desse recurso, o primeiro passo que você consegue, numa sociedade como a nossa onde existe exclusão, violência, onde existe o pé firme dos patrões em cima do pescoço dos empregados, a primeira coisa que você consegue é que o ressentimento venha à tona”. Para o cientista político, “Lula seria uma espécie de grande vingador das massas, assim como Getúlio Vargas foi o grande pai dos pobres. Ele estaria lá, portanto, como um representante daqueles que são humilhados no cotidiano, e isso é muito difícil de quebrar”, diz Romano.

Ricardo Kotscho afirma que sempre insistiu com Lula para que ele falasse mais do passado em seus pronunciamentos. “Houve um momento, não sei se foi na campanha das Diretas ou para governador, que ele estava fazendo um discurso muito econômico, ele atropelava os números, e eu achava aquilo chato”, disse o jornalista. “Eu falava, Lula, é mais legal você contar história, contar tua vida, que é aí que o povo se identifica”. Kotscho disse que insistia muito nesse aspecto porque o tipo de trabalho

¹³⁷ Pirituba, na verdade, é um dos bairros mais populosos da capital paulista, com cerca de 400 mil habitantes.

que ele faz, como repórter, também é sempre muito mais voltado para histórias, para pessoas. “Eu acho que isso rende mais jornalisticamente. Eu sempre ficava pensando o que ia render no dia seguinte no jornal, rádio e televisão”, admite o ex-secretário de Imprensa da Presidência da República.

3.11 – Lula é um homem do povo

Uma das características mais marcantes do discurso de Lula é, sem dúvida, a utilização de exemplos ligados à família, dele ou outra qualquer, e ao cotidiano em geral. Em vários de seus pronunciamentos, o presidente apresenta-se como um cidadão comum, que gosta de futebol, bate-papo, bebidas alcoólicas, pescaria e que, às vezes, se sente deprimido, ou que tem remorso por não ter acompanhado mais de perto o desenvolvimento dos filhos. No período analisado, identifiquei 61 episódios¹³⁸ relacionados a esses aspectos.

Iniciemos com os trechos ligados ao cotidiano e à vida familiar:

Em 9 de maio, discursando em Ilhéus, na Bahia, ao falar sobre os programas educacionais do governo federal, Lula destacou a participação das mulheres. E justificou: “Por que formar a mulher? Porque a mulher sofre duas vezes. A mulher, na verdade, é quem tem uma dupla jornada. Ela trabalha na fábrica, no escritório ou na loja, mas é ela quem levanta de manhã para fazer café para o marido, para fazer café para as crianças, para mandar a criança para a escola. É ela que arruma a cama, é ela que faz o jantar, ela que coloca as crianças para deitar. É esse o papel da mulher. E a mulher que tem profissão é mais respeitada, não apenas na rua, mas dentro de casa”.

Em discurso no Rio de Janeiro, em 12 de maio, após destacar os bons números na criação de empregos com carteira assinada¹³⁹, Lula afirmou: “É isso que resgata a cidadania. É isso que dá orgulho a um chefe de família. É isso que permite que a gente garanta para o nosso filho, dignidade, respeitabilidade e decência. É isso que permite que a gente tenha harmonia; a família vivendo em harmonia. Porque sem emprego, sem salário, sem café da manhã, sem almoço e sem janta, não há homem ou mulher que faça o milagre de viver em harmonia”.

No dia 20 de maio, em Santo André, na Grande São Paulo, o presidente mais uma vez abordou o cotidiano familiar para destacar exemplos de pobreza: “Quem é do Nordeste sabe o que é uma palafita. Aquelas pessoas que moram naquelas casinhas

¹³⁸ Não estão computados os momentos em que Lula utiliza metáforas ligadas à família, ao cotidiano ou ao futebol. Isso será abordado mais à frente.

¹³⁹ Segundo Lula, “nos últimos 12 meses foram criados no Brasil 1,772 milhão de empregos, todos com carteira assinada”.

em cima do mangue, cheias de trapiches, um quarto e cozinha, ali tem um buraco, ali eles fazem as necessidades, ali eles cozinham, ali eles dormem, ali o casal namora. É uma desgraça”, disse Lula.

Em 27 de maio, durante discurso na cerimônia de posse do novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, no Palácio do Planalto, afirmou: “Eu sempre digo que eu não tenho depressão, mas, às vezes, eu fico assim meio deprimido. Não chega a ser uma depressão, não preciso de analista, não preciso de nada. O meu analista é o dia seguinte, é a verdade que demora um pouco, mas aparece¹⁴⁰”. No mesmo dia, relatou: “Lembro que, um dia, minha mãe disse para mim: ‘Meu filho, você só descobre o valor da pessoa quando a pessoa não existe mais’. Isso, na vida cotidiana de quem tem filho é a coisa mais natural. O filho, quando é solteiro, dá pouca importância para o pai ou para a mãe, porque ele tem uma vida toda pela frente. Quando ele casa, que tem um filho, ele volta para casa ligeirinho, todo final de semana”.

Em 10 de junho, em Campinas, o presidente usou exemplo próprio para destacar a importância da atividade física para a saúde. Lula já havia citado a realização de exames preventivos como fundamental. “A segunda coisa que eu acho importante e que o Temporão¹⁴¹ não fala, porque eu acho que ele não faz, é o seguinte: é andar. Olhe, eu sou testemunha viva, Santa Rosa, você que está com cara de quem não anda, eu quero dizer o seguinte: se o ser humano soubesse o bem que faz para a saúde, sobretudo para a sua pressão; não estou nem dizendo para emagrecer, porque tem gente que só pensa em andar quando a barriga está maior do que o resto do corpo. Andar não é uma questão de gordura, é uma questão de você estar bem fisicamente, é uma questão de você ter a sua pressão controlada e é um santo remédio... Está cheio de gente que, por preguiça fala: ‘Eu não tenho tempo’. Mas pára no bar para tomar uma cerveja e fica lá duas horas. Senta no sofá para ver a novela das oito e fica duas horas. Às vezes fica com conversa fiada três horas... Eu digo isso, gente, porque quando eu cheguei à Presidência, eu me cuidava muito pouco. E depois que eu assumi a Presidência que eu comecei a saber que eu tinha um mandato para cumprir e que eu tinha que ter saúde. Hoje, eu posso dizer para vocês que eu sou um cidadão altamente

¹⁴⁰ Lula referia-se à polêmica em torno dos motivos que levaram à saída de Marina Silva do Ministério do Meio Ambiente.

¹⁴¹ José Gomes Temporão, ministro da Saúde.

saudável com alguns probleminhas, que eu não posso dizer aqui. Mas é sagrado. Todo santo dia eu ando. Eu e Marisa fazemos disso uma profissão de fé, porque depois dos 60 nós precisamos muito mais andar, porque o céu está mais próximo, então a gente tem que se cuidar”, disse o presidente.

No mesmo dia, em São Paulo, Lula resgatou mais uma vez as questões familiares ao elogiar duas personalidades que recebiam a medalha do mérito Oswaldo Cruz. Ele dirigia-se às filhas de um dos homenageados, o médico Roberto Kalil Filho: “Antes de falar bem do Kalil e do Antônio Ermírio de Moraes, eu só queria que vocês duas tivessem consciência do seguinte: um cidadão normal não vence na vida. Todas as pessoas que se sobressaem têm alguma anormalidade, e uma das anormalidades é trabalhar mais que os outros. E esse que trabalha mais que os outros, normalmente, tem menos tempo para a família. Eu penso que, aqui, todos passaram por esses problemas, mulheres e homens. Para contentar vocês, para o Kalil não ficar com remorso, eu não estive presente no nascimento de nenhum dos meus filhos. Nunca estava em casa. Não sei se vou carregar isso com algum remorso, mas eu acho que isso é um consolo para vocês duas, quando pensarem que o seu pai estava ausente, saberem que tem muita gente que fica ausente, às vezes mais do que o Kalil. E ele não seria o que é se não fosse a dedicação dele. Eu tenho certeza de que criança não tem bronca, criança não tem ódio, a criança fica mal-humorada momentaneamente. Tudo que vocês pensaram dele quando eram mais jovens, irão ser gratificadas agora. Por isso, muito carinho com este baixinho”, brincou o presidente.

No programa de rádio “Café com o Presidente”, em 23 de junho, Lula usou um exemplo doméstico ao afirmar que a melhora dos índices de emprego teria outros reflexos positivos no País: “Ganha o Brasil, porque na medida que o povo começa a ganhar mais salário, o povo começa também a arrumar sua vida. Ele vai comprar mais geladeira, ele vai comprar mais televisão, vai comprar mais sapato, vai comprar mais comida, vai reformar sua casa, vai comprar sua casa”, disse.

No dia seguinte, em discurso no Palácio do Planalto, Lula dá mais uma demonstração de que é um homem do povo: “Quando terminar o meu mandato eu quero voltar a andar com os meus amigos na porta das fábricas, quero visitar os

trabalhadores rurais, quero visitar os catadores de papel, porque eu estou presidente, mas não me esqueci de onde vim e não me esqueci para onde devo e quero voltar”.

Em 30 de junho, na edição seguinte¹⁴² do “Café com o Presidente”, Lula voltou à questão da repercussão do emprego na família: “Não tem nada mais sagrado para um chefe de família ou para uma mulher do que trabalhar e no final do mês levar para sua casa o sustento para a sua família com o dinheiro ganho com o seu suor”.

No dia 29 de julho, em Salvador, na Bahia, durante formatura de um programa de alfabetização de adultos, criticou o próprio pai e defendeu mais uma vez as mulheres: “Com 63 anos de idade, eu sou de uma geração que ouviu, muitas vezes, o pai dizer para as irmãs e para a mãe que as irmãs não iriam à escola, porque senão iriam aprender a escrever cartas para os namorados. Não faz muito tempo. Faz um pouquinho mais de 50 anos, ou seja, meio século, já em São Paulo e não mais em Pernambuco, que eu vi muitas vezes minhas irmãs querendo ir à escola e meu pai não deixava. Os homens podiam ir¹⁴³, as mulheres não. Não sei se ainda hoje existe isso, mas eu penso que, em muitos lugares do Brasil, pouca coisa mudou nesses 50 anos. Ainda tem muita gente ignorante. Por que proibir alguém de escrever uma carta ao namorado? Tem coisa mais bonita que ver uma carta do namorado ou da namorada?”, perguntou Lula.

No mesmo discurso, emendou: “Na hora de fazer a lição com os filhos, quantos de vocês viam o filho chegar em casa e perguntar: ‘Mãe, o que é isso?’, ‘Pai, me ensina a fazer a lição’. O pai e a mãe não podiam sequer pegar no caderno dos filhos porque sabiam que não tinham como ensiná-los”.

Exemplos em que Lula cita o futebol¹⁴⁴ também são diversos. Vejamos alguns:

No discurso que fez em 20 de maio na favela de Heliópolis, em São Paulo, depois de ter relatado os tempos difíceis vividos naquela região, Lula complementou: “De qualquer forma, eu estou aqui hoje, depois de jogar muita bola nesse campo. Aqui,

¹⁴² O programa é disponibilizado, toda segunda-feira, às rádios do País.

¹⁴³ Em entrevista feita em julho de 1980 e publicada no livro “Lula – O Início”, de Mário Morel, o presidente conta que ele mesmo sofreu resistência do pai para ir à escola. “Meu pai era aquele tipo de pai que o filho não tinha prazer de ver chegar em casa, porque só batia, gritava, não tinha uma palavra de carinho com a gente. Eu me lembro que minha mãe me colocou na escola e ele não queria. Xingou minha mãe. E no primeiro dia que eu fui na escola, quando eu estava chegando, ele estava em pé no portão como se fosse um todo-poderoso, para me dar bronca porque eu tinha ido para a escola. Eu cheguei meio escondido, atrás de uns pés de cará, com medo de chegar perto dele, um negócio assim que hoje não tem mais sentido”, disse Lula.

¹⁴⁴ Alguns já foram citados nesse trabalho quando tratávamos de outros temas.

Serra, nós tivemos o Copa Rio, que era um grande time de futebol. Aqui nós tivemos a Portuguesa do Sacomã, a Flor de São João Clímaco, que tinha aqui, que era muito importante. Aqui vi muitas brigas. Era uma coisa impressionante”, lembrou o presidente.

Mais à frente, no mesmo dia, ao recordar um episódio envolvendo o filho, voltou a falar em futebol: “Eu me lembro, não faz muito tempo, o meu filho caçula, que trabalha no Palmeiras; aí é a parte profissional¹⁴⁵. Ele tinha que escolher entre um técnico qualquer e o Luxemburgo¹⁴⁶, e o Luxemburgo é melhor, então ele foi trabalhar com o Luxemburgo”.

Ainda no dia 20, mas em Santos, onde participou de cerimônia de assinatura de atos do PAC na Baixada Santista, Lula disse: “Eu quero dizer aos portuários que o helicóptero baixou no campo dos portuários, e a grama está tão boa que eu acho que faz tempo que os portuários não jogam uma bolinha ali. Possivelmente, por isso o Santos não tenha conseguido renovar o seu elenco de futebol há muito tempo”.

Em 26 de maio, em Niterói, no Rio de Janeiro, Lula abriu o discurso na cerimônia de lançamento do Programa de Modernização e Expansão da Frota e de Embarcações de Apoio da Petrobras da seguinte forma: “Prometo não falar do Corinthians, nem do Vasco e nem do Flamengo. Eu quero falar de nós mesmos”.

Na entrevista coletiva em 10 de junho, após a cerimônia de abertura da 15ª Feira Hospitalar, em São Paulo, Lula se antecipou às perguntas e afirmou: “O Corinthians está ...” Um repórter, então, perguntou:

- Já que o senhor ia falar do Corinthians, também, se quiser dar uma palavrinha sobre o Corinthians, já que começou. Amanhã é o dia definitivo, não é presidente?

- Olha, primeiro, falando do Corinthians é o seguinte: é uma das poucas decisões em que o time que tem a vantagem do gol não tem que jogar na retranca porque um gol marcado lá vale por dois marcados aqui. Então, se o Corinthians partir para o ataque, nós vamos voltar campeões¹⁴⁷. Segundo, a questão do PIB, eu penso que ...

¹⁴⁵ Lula dá essa explicação pelo fato de ser corinthiano roxo. Corinthians e Palmeiras têm, em São Paulo, uma das maiores rixas do futebol brasileiro.

¹⁴⁶ Vanderlei Luxemburgo, ex-técnico da seleção brasileira, dirige atualmente o Palmeiras.

¹⁴⁷ Lula refere-se à partida final da Copa do Brasil de 2008, disputada no dia seguinte entre Sport e Corinthians na Ilha do Retiro, em Pernambuco. Como havia vencido o primeiro confronto, no Morumbi, em São Paulo, por 3 a 1, o Corinthians poderia perder até por 1 a 0 que seria campeão. Mas o time pernambucano fez 2 a 0 e ficou com o título, para tristeza do presidente da República e de milhões de corinthianos.

Ciente de que teria de dar “explicações” sobre a derrota do dia anterior, Lula já abriu a entrevista coletiva do dia 12 de junho, no Palácio do Planalto, da seguinte forma:

- Primeiro, é o seguinte: não vale pergunta sobre futebol.
- É o Corinthians, presidente, o Corinthians – disse um repórter.
- Foi pênalti ou não foi? – perguntou outro jornalista.
- O Múcio¹⁴⁸ ficou feliz, presidente – brincou outro repórter.
- Eu acho que o Sport mereceu ganhar. O Sport jogou melhor. Futebol é isso: quem joga melhor, ganha o jogo – disse Lula, resignado.

No dia seguinte, o assunto voltou a ser comentado em entrevista ao Jornal do Brasil e à Gazeta Mercantil, no Palácio do Planalto:

- Eu sou corinthiano, sofri muito na quarta-feira à noite.
- Mas o senhor não pode falar mal do Sport Recife, porque se o senhor quiser se candidatar ao Senado por Pernambuco.
- Não, lógico que não falo. Não falo mal do Sport. Nem mais do Palmeiras eu posso falar mal, porque meu filho trabalha lá. Então, acabou, não tem mais adversário.
- Há essa hipótese em Pernambuco?
- Eu sou torcedor do Náutico – desconversa o presidente.

No dia 23 de junho, durante cerimônia de comemoração dos 50 anos do Parque Industrial da Bayer, em Belford Roxo, no Rio de Janeiro, Lula iniciou assim sua fala: “O Brasil tem boas recordações do ano de 1958. O País vivia um momento de rápida industrialização e forte crescimento econômico. O Esquadrão de Ouro, de Pelé e Garrincha, ganhava pela primeira vez a Copa do Mundo”.

Três dias depois, ao receber, no Palácio do Planalto, os ex-integrantes da seleção brasileira de 58, o presidente, é claro, se esbaldou. Em determinado momento, provocou risadas ao criticar a falta de habilidade dos atuais jogadores. “O nosso querido Pepe que, possivelmente, deveria ter uma função na seleção, Ricardo Teixeira¹⁴⁹: ensinar aquela menina a bater faltas e escanteios. Não precisava de mais nada. É impressionante. Agora, como torcedor – aqui não é o presidente da República

¹⁴⁸ José Múcio Monteiro, ministro das Relações Institucionais, que é do Estado de Pernambuco.

¹⁴⁹ Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

que está falando -, é impressionante. Tem um monte de homens brigando dentro de um espaço de três metros quadrados, dando cotoveladas, esperando uma maldita bola que alguém vai chutar para a cabeça deles e, muitas vezes, Pelé, não conseguem fazer a bola chegar até a cabeça de ninguém. Ela vai quase que rasteira. Acho que, com meus 62 anos, eu sou capaz de fazer uma bola chegar à cabeça. Imaginem se o Pelé não tivesse o Durval, o Garrincha ou o Pepe cruzando bem as bolas, como é que iria marcar gols de cabeça?”, perguntou Lula.

No dia 30 de junho, Lula participou da cerimônia de lançamento do Pólo Aeronáutico de Helicópteros de Grande Porte em Itajubá, Minas Gerais. O projeto foi idealizado em parceria com o governo da França. O presidente, então, comentou: “Agora vamos ter o Ano da França no Brasil, e temos que provar o quanto os brasileiros gostam dos franceses e das francesas, sobretudo de Paris e do vinho. Não gostamos muito do time de futebol da França porque nos derrotou em 98 e nos tirou da Copa em 2006, mas, de qualquer forma, não será um jogo da seleção francesa com a seleção brasileira que irá criar qualquer problema na relação entre esses dois países-irmãos”.

Na cerimônia de despedida dos atletas que representariam o Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, Lula voltou a falar de futebol. Na saudação aos presentes, brincou com o novo presidente eleito do Vasco da Gama: “Meu caro Roberto Dinamite, parabéns pela presidência do Vasco da Gama. Se isso aconteceu, nada mais é impossível de acontecer¹⁵⁰”, disse o presidente, provocando risos entre os convidados.

Em Toya, no Japão, em 9 de julho, Lula mostrou otimismo em relação à possibilidade de o Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Foi, então, provocado por um repórter:

- E aí o senhor abre as Olimpíadas no Rio de Janeiro. É isso? É essa a idéia?

O jornalista, que tinha a intenção de arrancar uma declaração que demonstrasse uma inclinação de Lula para retornar ao Palácio do Planalto, em 2015, não contava com a astúcia do presidente:

- Não. Eu estarei lá como esportista, se Deus quiser – brincou Lula.

- Como esportista?

¹⁵⁰ Roberto Dinamite venceu, nas eleições, Eurico Miranda, que era presidente do Vasco desde 2001.

- É. Eu fui medalhista de ouro em futebol de salão, fui de handebol. Só não joguei basquete porque a minha bursite não deixou. Essa minha bursite, eu acho que é do tempo em que eu joguei handebol no Senai.

Antes de abrir o discurso na cerimônia de assinatura de acordos entre países da América do Sul, em 18 de julho, em Riberalta, na Bolívia, Lula afirmou: “Penso que se tivesse tempo, além de assinar os documentos, iria desafiar o companheiro Evo Morales¹⁵¹ para uma partida de futebol. Não faltará oportunidade, Evo. Não vou desafiar o Chávez para jogar futebol, porque Chávez é especialista em beisebol. Apesar de a Venezuela ter ganho do Brasil de 2 a 0, isso porque estávamos jogando nos Estados Unidos”.

O interesse pela pescaria, já citado em alguns trechos relatados anteriormente, também surge como mais um fator de identificação do presidente com o cidadão comum.

Em 20 de maio, Lula falou sobre o assunto duas vezes. Em São Paulo, durante assinatura de contrato para despoluição de mananciais, o presidente afirmou: “Eu vou dizer para vocês uma outra alegria que eu tive aqui, hoje, que é a recuperação da represa Billings e da represa Guarapiranga. Eu, nesses últimos 45 anos ou 50 anos, parte dos peixes que eu comi foram as tilapinhas que eu peguei na represa Billings e na represa Gurapiranga... Daqui a três anos termina o meu mandato, eu volto para São Bernardo, vou pescar minha tilapinha, e eu quero que a água esteja boa para eu poder pegar uma tilápia que não esteja contaminada”.

Em Santo André, no mesmo dia, Lula voltou ao assunto ao comentar a falta de opções de lazer na região. “Aqui, numa cidade como o ABC, em que não tem área de lazer, aqui ou a pessoa tem dinheiro para ir numa pizzaria, num boteco, tomar uma cervejinha à noite, ou a pessoa sabe pescar, como eu, ia na represa Billings pegar uma tilapiazinha de 30 gramas, uma tilapiazinha sem vergonha, que hoje eu acho crime, mas eu cansei de pegar tilapiazinha deste tamanho assim, porque não tinha peixe maior”, disse o presidente.

¹⁵¹ O presidente da Bolívia, Evo Morales, que tem 48 anos, inscreveu-se em 2008 para jogar por um time da segunda divisão do futebol boliviano, o Litoral. A iniciativa fez parte de uma campanha contra a Fifa, que queria vetar partidas em locais com mais de 3 mil metros de altitude.

No dia 29 de julho, durante lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aqüicultura, em Salvador, na Bahia, Lula voltou a destacar seus dotes de pescador. “Uma vez, meu caro governador, eu fiquei dez dias em Ilha Grande, lá em Angra dos Reis. Todos os dias, durante dez dias – às 6 horas da manhã, às 10 horas da manhã, às duas e às seis horas da tarde – eu ia com os canoeiros tirar o cerco. Teve dia que tinha bastante tainha ou peixe-espada, teve dia que tinha sardinha, mas tinha muitas vezes de a gente atirar e não ter absolutamente nada. Nada! Para esse companheiro, voltar para casa sem nada, significa que naquele dia está faltando pão, está faltando leite para as crianças, está faltando dinheiro para pagar energia. Eu falo como pescador, companheiros. Sou capaz de matar muitos de vocês de inveja, porque eu tenho lá no Palácio do Alvorada – eu coloquei, não achei lá, não – um pintado de 15 quilos, tenho um pacu de 12 quilos, tinha um jaú de 60 quilos, tenho pirara de mais de 20 quilos, tenho dourado, tenho piraputanga. Tudo isso eu tenho lá”, disse Lula.

Outro tema que aparece com certa freqüência nos discursos de Lula é o gosto pela bebida alcoólica. O presidente admite até que bebia, escondido, durante as assembleias, no tempo de sindicalista. Vejamos alguns exemplos:

No dia 30 de abril, em discurso, no Palácio do Planalto, durante cerimônia de lançamento da carteira de trabalho informatizada e do Cartão de Identificação do Trabalhador, Lula demonstrou que o hábito vem desde a adolescência: “Antigamente, mostrar a carteira de trabalho era um quesito extremamente importante. Eu me lembro que antes de completar 18 anos – e naquele tempo a gente não podia ficar em bar depois das 10 da noite. Se passasse uma batida policial e tivesse um menor no bar, você era escorraçado para casa. Eu, então, não via a hora de completar 18 anos e tirar a minha carteira profissional. No dia em que eu tirei a minha carteira profissional, lá na rua Martins Fontes, em São Paulo, eu fiquei no bar esperando a polícia chegar. Demorou. No terceiro dia, a polícia apareceu, eu estava no balcão e a polícia chegou: ‘Documento’. Com muito orgulho eu tirei a minha carteira profissional: está aqui a minha carteira profissional”, lembrou o presidente.

Em 12 de maio, durante discurso em São Bernardo do Campo, Lula disse o seguinte: “Então eu, vira e mexe estava convidando o Possidônio para ir lá para casa, para prosear um pouco. Ele, sempre com muito medo, porque ele comprou um

fusquinha e ele não sabia sequer manusear a chave para trocar a roda do carro. Mas sempre que a gente tinha dificuldades aqui, eu levava o Possidônio, ou para um bar, para tomar “51” com limão, ou lá para casa, para a dona Marisa ofertar para ele uma pinguinha com cambuci”.

Mais adiante, no mesmo dia, o presidente usou outro exemplo “etílico” para se colocar como um cidadão comum. “Eu queria dizer para vocês que eu sou um pouco o resultado daquilo que cada um de vocês representa ou representou neste País. Eu sempre disse que a minha consciência era resultado do estágio da evolução política da classe trabalhadora. Eu nunca me considerei mais, nunca me considerei menos. Eu me considerava uma média, sobretudo quando a tia trazia aqui, para mim, uma latinha de Coca-Cola, que dentro não tinha Coca-Cola *coisíssima* nenhuma. Tinha um conhaquezinho Domecq, que era para esquentar a goela. Porque hoje as pessoas podem achar ruim esse negócio de beber, mas fazer uma assembléia às 4 horas da manhã, na porta da Volkswagen, com um frio desgraçado desses, se você não toma um copinho de ‘baba’, você não conseguiria falar”, justifica-se Lula.

Em 13 de junho, ao falar, durante entrevista no Palácio do Planalto, sobre o ritmo de trabalho na Presidência da República, Lula mostrou uma certa saudade do passado de metalúrgico. “Quando você trabalha numa fábrica, você sabe que vai entrar às 8 e sabe que vai sair às 6, e sabe que na sexta-feira à noite você pode ir para o Amarelinho tomar cerveja, tomar um *choppzinho*. Você sabe que tem o sábado e o domingo livres. Aqui você não tem horário para começar, horário para sair, não tem sábado, não tem domingo, porque se tiver um problema, as pessoas te localizam às 10 horas da noite, às 11 horas da noite, é assim”, afirmou o presidente.

No discurso durante homenagem aos ex-jogadores da seleção de 58, no Palácio do Planalto, em 26 de junho, Lula disse que a última vez que ele bebeu exageradamente foi no jogo do Brasil contra a Holanda, em 1974. O presidente e os colegas estavam na sede do Sindicato dos Metalúrgicos. Segundo Lula, o expediente foi encerrado e todos os funcionários, liberados. “Aí, se comprou – naquele tempo, conhaque bom era Domecq, Palhinha. É uma questão de época”, explicou, rindo. “E estávamos lá, todos os funcionários do sindicato, todo mundo lá, e entra aquela desgramada daquela laranja mecânica, aquele tal de Cruyff, que acabou com a gente.

O Zagallo não estava jogando¹⁵². Estavam jogando Paulo César Caju, Rivelino, Jairzinho, Luis Pereira, Leão, que era o goleiro, Marinho, que era o lateral esquerdo e brigava muito com o Leão. Mas o fato concreto é que a gente tinha comprado aquelas bebidas para beber de alegria. Depois, quando nós perdemos, todo mundo se achou técnico da seleção, e foi a razão para a gente beber”.

Em 16 de julho, o presidente abriu o discurso no Palácio do Planalto com as seguintes palavras:

- Vejam, Arlindo¹⁵³ e *Garibaldi*¹⁵⁴, a diferença de ser presidente e não ser parlamentar. É que se eu falar aqui que estava embriagado, a manchete é a seguinte: ‘Lula confessa que estava embriagado’. Então, eu não posso nem brincar com isso – diz Lula, em meio a risadas e aplausos.

- Meu ca... – o presidente tenta falar, mas continua rindo.

- Meu caro senador *Garibaldi*¹⁵⁵ Alves, presidente do Senado Federal.

Para Ricardo Kotscho, o fato de Lula falar abertamente sobre bebida é próprio da personalidade do presidente. “Ele não esconde as coisas. O que ele tem vontade de falar, ele fala”. Segundo o jornalista, “da mesma forma que ele faz questão de dizer que gosta da cervejinha, do uísque, cachaça e tal, ele fala do churrasco que ele comeu, do peixe que assou, como uma pessoa comum. Ele é uma pessoa comum”, reforça Kotscho. O ex-secretário de Imprensa da Presidência da República ainda sai em defesa do amigo: “Eu conheço vários ex-presidentes da República, e o Lula é dos que bebe menos”, afirma. Kotscho ainda arremata: “E eu conheço muitos jornalistas, meus amigos, que bebem muito mais do que ele”.

O professor do Departamento de Filosofia da Unicamp Roberto Romano afirma que a naturalidade com que o presidente fala da bebida é típica da cultura brasileira. “Acho que é uma questão de ética religiosa e do ponto de vista das condições morais, muito própria de uma sociedade católica”, afirma. Segundo Romano, o costume é assim. “Aqui não há essa condenação da bebida alcoólica como existe em outras religiões”.

¹⁵² Zagallo foi o técnico da seleção brasileira na Copa de 74, na Alemanha.

¹⁵³ Arlindo Chinaglia (PT-SP), então presidente da Câmara dos Deputados.

¹⁵⁴ Garibaldi Alves (PMDB-RN), então presidente do Senado.

¹⁵⁵ Lula mais uma vez confunde o nome do senador com o do personagem da Vila Sésamo, seriado infantil de grande sucesso na década de 70. A transcrição, na página da Presidência na internet, foi feita na forma correta.

O cientista político lembra que nos Estados Unidos, onde “há uma tradição puritana de vida religiosa e ética”, a situação é bastante diversa. “Lá, o Bush só podia aparecer como arrependido por ter bebido, caso contrário, não teria sido eleito”, afirma. Romano cita ainda o caso extraconjugal de Bill Clinton, que quase o derrubou da presidência. “Aqui, quando o Collor falou da filha do Lula¹⁵⁶, aquilo resultou contra o Collor muito rapidamente”, disse o professor.

Para o jornalista Joelson Beting, essa condição de “homem do povo” só surgiu para Lula depois que ele assumiu a presidência da República. “Antes, ele tinha medo de ser tratado como despreparado. O partido fazia blindagem do despreparo dele, mas uma vez instalado no ‘trono’ e vendo que o bicho não era tudo aquilo que se falava, nem ele era para o povo aquilo que se dizia, ele aí deslançou e assumiu esse perfil”, afirmou Joelson. Segundo o comentarista econômico, o perfil de Lula está muito próximo de um mito político recorrente, como o de Getúlio Vargas, Leonel Brizola ou Juscelino Kubitschek. “Nós temos, hoje, um Lulismo de padrão Getulismo, ou seja, é um mito acima do bem e do mal”. Joelson vai além: “Você pode fazer a maior bobagem do mundo na gestão de um País como o nosso porque o povo releva, vai relevando”, conclui.

Outro aspecto recorrente do discurso do presidente são as referências que ele faz a Deus. Essa característica também pode ser interpretada como popular, já que a maioria dos brasileiros tem vínculos com algum tipo de religião. De acordo com o último Censo, realizado pelo IBGE em 2000, somente 7,35% dos brasileiros declararam-se “sem religião”¹⁵⁷.

Nos três meses analisados, o presidente fez 86 discursos. Em 31 deles, Lula encerrou o pronunciamento falando em Deus. Se incluirmos as entrevistas e os programas “Café com o Presidente”, há diversas outras passagens em que Lula faz

¹⁵⁶ Romano refere-se ao chamado “caso Lurian”. No segundo turno das eleições presidenciais de 1989, a auxiliar de enfermagem Miriam Cordeiro apareceu no programa político de Fernando Collor de Mello afirmando que era mãe de uma filha de Lula, então com 15 anos, e que o candidato petista tinha a aconselhado a abortar. Lula, então, assumiu publicamente a paternidade da jovem, que havia nascido no período em que ele era viúvo. O caso prejudicou a campanha de Lula, mas a equipe de Fernando Collor de Mello foi acusada de ter pago Miriam Cordeiro para que ela fizesse o depoimento na TV.

¹⁵⁷ De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2000 o Brasil tinha 169.872.856 de habitantes. Desses, 124.980.132 declararam-se católicos; 26.184.941, evangélicos; 12.492.403 responderam não ter religião; 5.831.426 disseram seguir outras religiões e 383.953 não se declararam.

menção ao Criador. Somente nos trechos destacados até agora nesse trabalho, contam-se 13 episódios em que o presidente cita Deus. Vejamos mais alguns:

Em 6 de maio, em Manaus, Amazonas, depois de reclamar de ter sido duramente criticado no início do primeiro mandato, Lula afirmou: “Não foi fácil, não. Eu tinha até medo do segundo mandato, porque eu achava: se eu apanhar tanto, como eu apanhei no primeiro, eu vou morrer de pancada. Mas, graças a Deus, nós aprendemos uma lição: das coisas ruins da vida da gente, a gente precisa tirar proveito. Eu acho que, de vez em quando, Deus faz as coisas conosco de propósito, para saber se a gente vai passar na aprovação¹⁵⁸”.

No dia 26 de maio, durante inauguração de um complexo hospitalar em Diadema, na Grande São Paulo, o presidente disse o seguinte: “... eu, como presidente da República, quando venho aqui, eu não venho pedindo para vocês freqüentarem, porque se eu pudesse fazer um pedido para vocês ou para Deus, eu ia pedir: Deus, faça com que nenhuma dessas mulheres e desses homens precise entrar neste hospital, para eles nunca ficarem doentes”. Lula ainda prosseguiu, dando mais um exemplo de bom humor, mesmo quando aborda assuntos mais delicados: “Mas eu sei que não é assim. Eu sei que neste País muita gente ainda vai a um hospital e, quando precisa de um especialista, ainda é obrigado a esperar meses e meses, como se a gente pudesse pedir para a doença: ‘Espera que o meu médico só vai poder me atender daqui a oito meses. Espera um pouco, doença’”, brincou o presidente.

Lula voltaria a citar Deus no dia seguinte, em Contagem, Minas Gerais, durante cerimônia de entrega da primeira locomotiva de grande porte produzida no Brasil pela empresa General Electric. “Podem ter certeza de que eu pretendo viver ainda uns 30 anos, se Deus for condescendente comigo, e nós nos encontraremos daqui a uns dez anos para ver o que aconteceu nesta fábrica da GE em Contagem, e o que aconteceu no sistema ferroviário brasileiro”.

Em 29 de maio, em São Salvador, El Salvador, Lula comemorou da seguinte forma a descoberta de novos campos de petróleo na área do pré-sal: “Então, eu acho que realmente Deus resolveu passar no Brasil e ficar. Não foi embora, passou e ficou”.

¹⁵⁸ Lula quis dizer, na verdade, “provação”, que, segundo o Houaiss, quer dizer “dificuldade, situação aflitiva ou sofrimento muito grandes, que põem à prova a força moral, a fé religiosa, as convicções de um indivíduo”.

No dia seguinte, em Belém do Pará, depois de contar que, dias antes havia recebido o abraço de uma mulher de 50 anos que, pela primeira vez na vida, tinha tomado um banho de chuveiro, afirmou: “Pois bem, meus companheiros e companheiras, eu agradeço a Deus por este dia. Agradeço a Deus porque o Brasil está vivendo um momento em que a gente já não discute mais, como discutíamos há 20 anos sobre a questão da dívida externa”.

Na cerimônia de assinatura de atos do PAC em 24 de junho, no Palácio do Planalto, o presidente disse: “Este País precisa ser compreendido, e não precisam depositar o mérito nas costas do governo. Depositem na sorte ou digam que Deus é brasileiro, mas façam um favor: compreendam o que está acontecendo neste País¹⁵⁹; compreendam a atuação da Polícia federal, que nós reaparelhamos, que fizemos concurso; compreendam o trabalho da CGU¹⁶⁰, que botamos para funcionar”.

Em 26 de junho, em Brasília, Lula retomou a história de que Deus é mais do que brasileiro. O presidente falava mais uma vez das novas descobertas de petróleo: “Eu penso que é um bom sinal para o Brasil. Alguém disse que Deus é brasileiro e eu disse: ‘Deus não apenas é brasileiro, como está morando aqui no Brasil agora, e parece que veio para ficar’”.

No “Café com o Presidente” de 30 de junho, Lula disse: “Agora, graças a Deus a economia está em ordem. As pessoas estão fazendo investimento e o emprego está crescendo. É tudo o que o trabalhador deseja”. Na segunda-feira seguinte, em 7 de julho, também no programa de rádio, o presidente destacou a queda nos índices de desnutrição infantil no Brasil: “Se Deus quiser, logo logo nós vamos ter índices iguais aos países mais desenvolvidos do mundo”.

O mesmo assunto foi retomado no dia 9 de julho, em Toya, no Japão. Durante a entrevista coletiva, Lula voltou a falar em Deus: “Quando eu vejo a pesquisa mostrando que no nordeste brasileiro, a desnutrição teve uma redução de 74%, eu peço a Deus que o povo possa comer mais e que tenha zero de desnutrição”, afirmou o presidente.

¹⁵⁹ O tom de Lula é de indignação pelas críticas sofridas pelo governo. Mais um exemplo de combate ao pessimismo, prática recorrente nos discursos do presidente, analisada anteriormente nesse trabalho.

¹⁶⁰ Controladoria Geral da União, órgão do governo federal responsável, no âmbito do Poder Executivo, pela defesa do patrimônio público e da transparência da gestão por meio de atividades de controle interno, auditoria pública, prevenção e combate à corrupção.

Em 25 de julho, na entrevista concedida na residência da embaixada do Brasil em Portugal, em Lisboa, o presidente disse o seguinte: “Nós temos uma inflação com forte conteúdo internacional. É uma inflação que atingiu praticamente todos os países do mundo. Graças a Deus, o Brasil é o país onde menos tem crescido a inflação. Dos países emergentes, tipo¹⁶¹ Rússia, China e Índia, o Brasil é o que tem a inflação mais controlada”.

No dia seguinte, ainda em Portugal, durante entrevista à TV portuguesa RTP, o presidente afirmou: “Graças a Deus o povo pobre está comendo mais. Tem mais africanos comendo, mais brasileiros comendo”.

Vale destacar que a postura de Lula em relação à religiosidade é oposta à do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Há quem diga que FHC perdeu as eleições para a prefeitura de São Paulo, em 1986, para Jânio Quadros, porque declarou em entrevista que não acreditava em Deus.

¹⁶¹ Mais do que uma linguagem meramente popular, Lula utiliza aqui um linguajar típico da juventude atual.

3.12 – Lula adora metáforas

Na análise dos pronunciamentos do presidente ao longo do recorte temporal desse trabalho foram encontrados 82 episódios em que Lula utiliza uma metáfora ou faz outro tipo de comparação, muitas vezes, com o objetivo claro de facilitar a compreensão do que ele está dizendo por parte dos interlocutores. Há exemplos de todos os tipos, mas os mais recorrentes são de expressões ligadas à economia, à vida cotidiana, à família e ao futebol. Além dessas figuras de linguagem, também identifiquei outros 14 momentos em que o presidente explica questões econômicas de forma didática, procurando atingir a parcela menos esclarecida da população.

Iniciemos com alguns exemplos de metáforas ligadas ao futebol:

Em 30 de abril, em Maceió, Alagoas, o presidente retomou a questão da sorte: “Deus queira que nunca mais o Brasil eleja um governante que não tenha sorte. Deus queira porque, no meu caso, não ter sorte, chega a ser corinthiano, porque estamos numa situação...”.

Durante entrevista à TV Cultura, em 2 de maio, no Palácio do Planalto, ao ser perguntado se o governo recebia com euforia ou cautela a notícia de que o Brasil tinha sido alçado ao grau de investimento pela Standard & Poor's: “Primeiro, nós temos que ter uma euforia comedida, porque o jogo tem muito tempo pela frente e nós sabemos que estamos construindo um processo de macroeconomia neste País que vai levar algum tempo ainda para a gente poder estar consolidado definitivamente como uma grande nação e como uma grande economia”.

Em 27 de maio, durante cerimônia de posse do novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, no Palácio do Planalto, Lula comparou a ministra que saía, Marina Silva, ao rei do futebol: “Minc, sabe como é que eu me sinto aqui, hoje? Você está lembrado de um jogo, na Copa de 62, quando o Pelé foi tirado de campo? Você lembra quando o Pelé foi tirado de campo? Você devia ser muito jovem; eu já tinha idade para ver. O Pelé se machuca, tiram o Pelé de campo, e todos os brasileiros, otimistas como sempre¹⁶²: ‘Acabou, o Brasil perdeu’. E aí, colocaram um menino chamado Amarildo, e ele fez os dois gols brasileiros”.

¹⁶² Mais um exemplo de ironia na fala do presidente Lula.

No mesmo dia, mas em Contagem, Minas Gerais, Lula voltou à metáfora futebolística durante cerimônia de entrega da primeira locomotiva de grande porte produzida no Brasil: “Eu acho que a GE¹⁶³ – e queria que vocês marcassem o dia de hoje – marcou um gol extraordinário, acreditando no potencial ferroviário brasileiro”.

No dia seguinte, em Porto Príncipe, Haiti, durante formatura do Batalhão Brasileiro da Minustah¹⁶⁴, o presidente afirmou: “Acredito que nossa presença no Haiti pode ser comparada a um jogo de futebol. Em 2004, vivíamos o primeiro tempo. Agora, estamos começando o segundo tempo desse jogo. O primeiro tempo foi uma etapa complicada, de ir conhecendo aos poucos as ‘manhas’ do adversário, de fechar uma defesa segura e não deixar passar nenhum gol. No segundo tempo é hora de tomarmos a iniciativa. E a tática de jogo, aqui, é o fortalecimento cada vez maior da nossa presença solidária. É o que vocês já começaram a fazer de maneira tão exemplar, chegando perto do povo haitiano, mostrando que os resultados, em matéria de segurança, podem ser atingidos com amizade e companheirismo”.

Um dia depois, ainda em Porto Príncipe, repetiu a dose durante assinatura de atos: “No mais, meu caro presidente Préval¹⁶⁵, eu quero agradecer mais uma vez o tratamento carinhoso. Como lhe disse na reunião particular, não trouxe desta vez nenhum jogador da seleção brasileira¹⁶⁶, nem o Ronaldo, nem o Ronaldinho, mas trouxe uma equipe de brasileiros, jogadores do meu governo, que estão me ajudando a ganhar o jogo no Brasil. São esses homens que me ajudaram no Brasil que irão nos ajudar aqui no Haiti”.

Em 10 de junho, durante cerimônia de abertura de uma feira de produtos hospitalares, em São Paulo, Lula disse: “Eu fico vendo a cara de vocês, fico ouvindo o discurso de vocês, e eu me lembro do Corinthians quando terminou o Campeonato

¹⁶³ General Electric.

¹⁶⁴ Criada pela ONU em abril de 2004, a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti é liderada pelo Brasil e conta com militares de diversos outros países: Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Croácia, Equador, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, França, Guatemala, Iêmen, Jordânia, Malásia, Marrocos, Nepal, Paraguai, Peru, Sri Lanka e Uruguai.

¹⁶⁵ Eleito, René Préval assumiu a presidência do Haiti em maio de 2006.

¹⁶⁶ A pedido do presidente Lula, a seleção brasileira de futebol enfrentou a equipe do Haiti em amistoso no dia 18 de agosto de 2004. O evento teve como objetivo reforçar as boas intenções do Brasil em relação aos haitianos. O trajeto dos jogadores, entre eles Ronaldo e Ronaldinho, entre o hotel e o estádio, em Porto Príncipe, foi feito em veículos blindados do Exército Brasileiro. Multidões acenaram para os jogadores durante o percurso. A partida terminou em 6 x 0 para o Brasil.

Paulista, ou o Brasileirão do ano passado, e todo mundo triste, todo mundo amargurado, e veja agora o Corinthians chegando à final da Copa Brasil, bem na série 'B' e os corinthianos voltando a ter orgulho de serem corinthianos”.

No dia 16 de junho, em cerimônia na Bolsa de Valores de São Paulo, o presidente voltou a utilizar o futebol para fazer comparações: “Quando nós falamos que um presidente da República, depois de eleito, não tem partido, a única coisa de que eu não abro mão é de time de futebol. Se bem que se o Corinthians estivesse na Bolsa, na série B, estaria dando um alto crescimento na Bolsa, e se o Brasil¹⁶⁷ estivesse na Bolsa, a gente estaria hoje com o pregão em baixa. De qualquer forma, nós queremos que a derrota não mexa com a expectativa dos investidores brasileiros, porque foi uma derrota eventual”.

Na entrevista à revista Exame, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, o presidente usou uma metáfora para explicar como o governo estava trabalhando para conter as pressões inflacionárias: “Nós temos que trabalhar de forma muito tranqüila e sem tomar muitas medidas atabalhoadas, porque quando você toma muita medida atabalhada, é como aquela jogada em que vão quatro ou cinco jogadores em cima da bola ao mesmo tempo, e a bola termina ficando para o adversário”.

No mesmo dia, ao tentar incentivar os atletas que iriam para a Olimpíada de Pequim, Lula mais uma vez recorreu ao futebol: “Vocês viram o time do Fluminense, na hora de bater pênalti¹⁶⁸. O melhor jogador¹⁶⁹, que marcou três gols, perdeu o gol mais fácil, que era o pênalti. E não perdeu porque não sabia chutar, porque ele é um bom jogador. Perdeu porque o estado psicológico devia estar numa pressão muito grande. Vocês vão disputar sob pressão: pressão dos adversários, pressão dos familiares, pressão da imprensa, pressão de todo mundo que fica imaginando que todos os dias a gente tem que ganhar tudo, a todo instante, sem levar em conta que a gente pode não estar bem naquele momento, que pode aparecer alguém melhor do que a gente. Eu mesmo perdi três eleições antes de ganhar a primeira”, afirmou o presidente.

¹⁶⁷ Lula refere-se à seleção brasileira de futebol, que na véspera havia perdido para o Paraguai, por 2 x 0, pelas eliminatórias da Copa do Mundo de 2010.

¹⁶⁸ Lula refere-se à final da Copa Libertadores da América, realizada dois dias antes no Maracanã, em que a LDU, do Equador, sagrou-se campeã, ao derrotar o Fluminense, nos pênaltis, por 3 a 1, depois de ter perdido a partida pelo mesmo placar. No primeiro jogo, a equipe equatoriana havia vencido por 4 a 2.

¹⁶⁹ Thiago Neves.

Seguimos com alguns episódios em que Lula utiliza metáforas ou comparações em geral, muitas delas relacionadas ao cotidiano e à vida em família:

Em 2 de maio, durante entrevista exclusiva à TV Cultura, no Palácio do Planalto, Lula foi perguntado se vetaria um projeto que previa o aumento do salário dos aposentados, caso o texto, já aprovado no Senado, passasse na Câmara. Lula respondeu: “Eu penso que a Câmara deve agir com a sobriedade e com a autonomia que lhe é de direito. Tudo que eles aprovarem, tudo o que for aprovado na Câmara ou no Senado, que vier para o presidente da República sancionar, e aquilo não for compatível com a possibilidade de o governo pagar, eu, como presidente da República, vetarei. Nessas coisas eu não brinco. Primeiro, porque o dinheiro não é meu, é do próprio trabalhador. Segundo, eu só dou um presente para o meu filho, em casa, se eu tiver dinheiro para dar. Se eu não tiver, prefiro falar que não vou dar, do que fazer uma promessa *incumprível*, como diria o Magri¹⁷⁰, para o meu filho”.

No programa “Café com o Presidente” do dia 5 de maio, ao comemorar os bons resultados da economia do País, Lula afirmou: “Os números da economia são os melhores dos últimos 30 anos. É um conjunto de fatores que estão funcionando entre si como se fosse uma orquestra, muito bem treinada”.

A mesma imagem foi usada em 26 de maio, no Rio de Janeiro: “Administrar o governo não é tão simples como administrar uma empresa, porque os componentes políticos que fazem parte da governança de um governo, são infinitamente mais complicados do que a relação do dono de uma empresa com os seus subordinados. E nós, com a graça de Deus, encontramos um jeito de fazer com que as coisas funcionassem como se estivéssemos regendo uma orquestra, que ainda precisa de ajustes, quem sabe contratar novos músicos, quem sabe melhorar a partitura, mas o dado concreto é que os ouvidos do povo, que antes eram chamados de ouvidos *mocos*¹⁷¹, porque os governos não davam atenção ao povo, já estão sentindo a beleza

¹⁷⁰ Antônio Rogério Magri, ex-ministro do governo Fernando Collor, já citado nesse trabalho, que além de ter afirmado que cachorro também é gente, ficou famoso pelo uso de neologismos, como “imexível”. Vale ressaltar que a palavra já consta do dicionário Houaiss, como algo “em que não se pode mexer, inalterável”.

¹⁷¹ Tanto o presidente da República quanto a equipe que faz as transcrições cometeram erros. Lula diz que os ouvidos do povo eram chamados de moucos, mas, na verdade, o sentido que ele quis dar foi de que moucos eram os ouvidos do governo aos anseios do povo, já que, segundo o Houaiss, “mouco” é aquele que não ouve ou ouve muito pouco. A equipe do site da Presidência errou ao transcrever a palavra da forma como foi pronunciada por Lula, ou seja, sem a letra “u”. Normalmente, esses equívocos de pronúncia do presidente são corrigidos na transcrição.

dessa sinfonia chamada Brasil. Já estão sentindo que o Brasil encontrou o seu caminho”, disse Lula.

Em 9 de maio, durante discurso em Catu, na Bahia, o presidente resolveu explicar porque havia dito que a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, era a mãe do PAC: “É porque o governo só governa se tiver alguém que decida, que é o presidente, mas se tiver alguém que acompanhe diariamente. É como uma mãe. Se uma mãe quiser que o filho passe de ano, ela tem que acompanhar o estudo do filho na escola. Se ela falar para o filho: ‘Vai fazer a lição de casa, vai fazer a tarefa’. E o moleque desaparece, tranca a porta e vai ler gibi, vai ver desenho, vai para o computador. Ele termina o ano, não passa e a mãe fala: ‘Eu não sabia’. Portanto, a mãe tem que ir atrás, tem que cobrar, tem que saber se ele fez. É o que a Dilma faz no nosso governo. Ela cobra de cada ministro. Ela quer saber se foi investido o dinheiro. Ela quer saber se as coisas estão acontecendo corretamente”, disse Lula.

No dia 14 de maio, o presidente fez mais uma comparação relacionada à vida familiar. O assunto ainda era a polêmica troca de comando no Ministério do Meio Ambiente: “Todos vocês sabem perfeitamente bem. A notícia da saída da Marina¹⁷², para mim, é a mesma coisa da notícia que eu e Marisa recebemos, um dia de manhã, tomando café, e o meu filho comunicou para a gente: ‘Olha, eu vou sair de casa’. E foi morar com a namorada. O que você vai fazer? Você fala: ‘Vai’”.

Em 29 de maio, durante discurso para empresários em São Salvador, El Salvador, Lula falou sobre a crise no mercado imobiliário dos Estados Unidos: “... parece que o rombo na economia americana é muito grande, e isso envolveu bancos europeus que parecia que não participavam de jogatina. Porque isso, na verdade, é uma jogatina. Tentaram ganhar dinheiro num cassino. Na verdade, se tivessem trabalhado com seriedade, nós não teríamos chegado a essa situação”, afirmou o presidente.

No discurso que fez durante a reunião da FAO sobre Segurança Alimentar, Mudanças Climáticas e Bioenergia, em Roma, na Itália, o presidente usou mais uma metáfora para defender o Brasil das acusações de que a produção de etanol de cana-de-açúcar prejudica as plantações de alimentos no País. “É curioso: são poucos os que

¹⁷² Marina Silva, substituída por Carlos Minc.

mencionam o impacto negativo do aumento dos preços do petróleo sobre os custos de produção e transporte dos alimentos. Esse comportamento não é neutro nem desinteressado. Vejo, com indignação, que muitos dedos apontados contra a energia limpa dos biocombustíveis estão sujos de óleo e de carvão”.

Lula bateria na mesma tecla no dia 3 de julho, em discurso em Brasília, durante lançamento do Plano Safra Mais Alimentos: “A única coisa que o Brasil não aceita – eu, particularmente, não aceito, e vou repetir o que disse na FAO – é que os dedos sujos de óleo e de carvão apontem para os biocombustíveis limpos do Brasil, tentando culpar o nosso País”.

Mais à frente, afirmou: “Eu penso que precisamos uniformizar os nossos discursos para a gente ... ‘Estão desmatando a Amazônia’ é outro discurso que a gente não pode aceitar porque se tivermos um problema nosso, é¹⁷³ nosso. Nós vamos brigar, mas é importante lembrar que este País, que dizem que desmata, tem 69% da sua floresta original preservada. Os que hoje estão preocupados com o desmatamento estão carecas, tem 0,3% apenas”, acusou o presidente.

Em 5 de junho, no Palácio do Planalto, a questão ainda era o meio ambiente. Lula reclamava da interferência da comunidade internacional nos assuntos da Amazônia: “É impressionante a quantidade de gente. De vez em quando eu fico pensando que a Amazônia é como aqueles vidros de água benta que tem na igreja: todo mundo acha que pode meter o dedo. Basta ser católico e entrar na igreja, que quer colocar o dedo para se benzer. A Amazônia, além de ser católica é evangélica, então tem mais gente querendo colocar o dedo ali, e é muita gente dando palpite”, disse o presidente.

Em seguida, complementou: “O Brasil vai fazer um grande seminário nos dias 20 e 21 de novembro sobre a questão dos biocombustíveis, em São Paulo, e nós queremos discutir a questão climática, queremos discutir o zoneamento agroecológico. Nós queremos partilhar com todo mundo essas discussões, até porque eu não sei se o governo é o dono da verdade. Quanto mais a gente ouvir, quanto mais a gente conversar, mais a gente poderá fazer as coisas certas. Mas é importante que quando

¹⁷³ Na transcrição, o “é” dito pelo presidente foi substituído por “será”.

as pessoas entrem na casa da gente, peçam licença para abrir a nossa geladeira, e não vão abrindo e pegando as coisas que tem lá para beber porque elas têm dono”.

Ainda sobre as acusações contra o etanol brasileiro, por diversas vezes Lula fez analogias entre o estômago de uma pessoa e o tanque de combustível de um veículo.

Em 3 de junho, em Roma, na Itália, afirmou: “Não sou favorável a que se produza etanol a partir de alimentos, como no caso do milho¹⁷⁴ e outros. Não acredito que alguém vá querer encher o tanque do seu carro com combustível, se para isso tiver de ficar de estômago vazio. Por outro lado, é evidente que o etanol do milho só consegue competir com o etanol da cana quando é anabolizado por subsídios e protegido por barreiras tarifárias”, acusou o presidente.

Lula voltou ao assunto no programa semanal de rádio “Café com o Presidente”, em 9 de junho: “... eu tenho dito para todos os presidentes com quem eu converso: o ser humano até pode cometer erros, mas nenhum ser humano, nenhum governo, nenhum ser vivo do planeta Terra vai deixar de plantar alimento para encher o seu estômago, para poder encher um tanque de um carro. Seria até insano um comportamento desse”, afirmou Lula.

Em entrevista à revista Exame no dia 4 de julho, no Palácio do Planalto, o presidente repetiu o discurso: “Se alguém me provar que a produção de biocombustíveis vai fazer a Humanidade passar fome, eu não trocarei encher o meu estômago para encher o tanque de um carro. Isso é uma coisa tão elementar, que eu fico até constrangido quando ouço um dirigente importante do mundo – daqueles que eu só via na televisão, que eu achava que era o supra-sumo da inteligência – falar algumas coisas que não têm sustentação científica, climática, não têm nada. Fala porque alguém falou”, reclamou Lula.

A metáfora ainda seria repetida mais uma vez, em 26 de julho, em Lisboa, Portugal: “Se alguém me provar que os biocombustíveis estão causando problemas nos alimentos, eu não serei irracional em deixar de colocar combustível no meu ‘tanque’, meu estômago, para encher o tanque de um carro”.

No dia 26 de junho, em entrevista no Palácio do Planalto, Lula usou novamente uma figura de linguagem para destacar a evolução dos chamados países emergentes

¹⁷⁴ O presidente faz uma alusão aos Estados Unidos, que produzem etanol a partir do milho.

no cenário econômico mundial. “Já não é mais o presidente americano ou a União Européia que tomam as decisões. Eles têm que saber que tem países importantes no mundo que estão crescendo, que tem uma China, que tem um Brasil, que tem uma Índia, que tem um México, que tem um país africano se consolidando democraticamente, descobrindo cada vez mais petróleo, ou seja, tem mais artistas no palco, não tem só coadjuvantes”.

No discurso durante lançamento do novo Gol, em 29 de junho, na fábrica da Volkswagen, em São Bernardo do Campo, Lula afirmou: “Ainda no ano de 2003, eu recebia em Brasília toda a direção do Sindicato da Indústria Automobilística, muitos dirigentes das empresas, e todos eles diziam: ‘Presidente, a coisa está ruim, nós vamos ter que mandar gente embora, nós vamos deixar de produzir, não sei das quantas¹⁷⁵’. Era uma choradeira, parecia criança na hora de mamar. Eu dizia para eles: vocês têm que ter paciência porque as coisas vão acontecer neste País. E hoje eu volto aqui para dizer – e vocês sabem disso – que a indústria automobilística está batendo recordes todo mês, de produção e de vendas”, disse o presidente.

Em 2 de julho, discursando em Curitiba, no Paraná, Lula falou da importância dos imigrantes que chegaram ao Brasil. “Em 1850 chegou o primeiro contingente de alemães aqui, e nós devemos muito a eles. Em 1870 chegaram os italianos, e nós devemos muito a eles. Depois chegaram espanhóis, japoneses, poloneses, ucranianos e outros que vieram para cá contribuir. Toda essa gente ajudou este País a ser o que é. No começo havia uma certa coisa: ‘não podem se misturar, japonês não pode se casar com brasileiro, ucraniano não pode se casar com brasileiro, e não sei das quantas’. Hoje virou uma salada de frutas e é por isso que nós somos assim, porque nós não tivemos medo da mistura, e essa miscigenação criou esse povo extraordinário”.

Em 9 de julho, em Toya, no Japão, Lula usou de novo um exemplo familiar para ilustrar uma afirmação. O presidente dizia que gostaria que os imigrantes brasileiros tivessem, no exterior, o mesmo tratamento dado aos estrangeiros no Brasil: “Às vezes a gente acha tudo isso muito difícil, mas se a gente pegar a experiência de vida de cada um de nós, vamos perceber que à medida em que um parente nosso vai ascendendo

¹⁷⁵ Lula utiliza reiteradamente o “não sei das quantas” em seu discurso. Somente nos trechos destacados nesse trabalho, é a oitava vez que a expressão aparece.

na vida social e vai crescendo, ele vai deixando de convidar os outros para a sua casa. É verdade, ele vai colocando cada vez mais um portão de ferro para dificultar a entrada, é assim. E os países ricos fazem exatamente isso. O que eu estou dizendo aqui vale para a família de vocês, vale para a minha, e vale muito mais para os Estados”.

Em Hanói, no Vietnã, em 10 de julho, Lula destacou a importância da realização de feiras de negócios para a difusão de produtos brasileiros em todo o mundo. “Quando é que você faz negócio, efetivamente? Quando você se apresenta ao público, diz o que tem e o que quer, começa um processo de negociação. Vocês sabem o que eu pensava em 2003. Eu dizia: ‘Eu quero um ministro das Relações Exteriores que faça o papel de um mascate, que bata palmas na casa dos outros, que ofereça o produto. Se a pessoa não quiser comprar, que teime e tente vender o produto’”, disse o presidente.

As metáforas ou simples comparações também são utilizadas com recorrência por Lula quando fala de assuntos econômicos. Há ainda diversos trechos nos pronunciamentos e entrevistas do presidente em que ele, nitidamente, procura explicar de forma didática as questões ligadas à economia, muitas vezes de difícil compreensão para a população em geral. Nesses casos, Lula costuma dar exemplos ligados ao cotidiano, o que facilita o entendimento.

Vale destacar a forma que o presidente encontrou para explicar o que significava o recebimento pelo Brasil do grau de investimento pela agência de classificação de risco Standard & Poor’s. O enredo foi repetido diversas vezes ao longo dos três meses analisados nesse trabalho, com pequenas mudanças no cenário e nos personagens:

No dia 5 de maio, em Teresina, no Piauí, Lula disse: “Imaginemos dois trabalhadores: um, que é uma figura. Os dois ganham mil reais, mas um é um homem comportado, cuida da família, paga o seu aluguel, não tem vícios, não perde dinheiro em jogo, todo mês senta com a mulher, discute o que tem que pagar, discute se pode guardar alguma coisa, e vai junto com a mulher fazer compra. Esse é o *investment grade*. O outro recebe o dinheiro e torra tudo em uma mesa de jogo, ou bebe demais, ou gasta demais, ou tem uma mulher, que ele ganha mil e ela gasta dois mil. Este está quebrado”, brincou o presidente.

No dia seguinte, em Igarapé da Cachoeirinha, Amazonas, repetiu: “Duas pessoas, uma que trabalha e outra que trabalha. As duas ganham o mesmo salário.

Uma cuida bem da família, paga as contas e ainda faz uma micro-poupança para eles. A outra gasta tudo no jogo, não trata bem a família. O *investment grade* é aquele que paga as coisas bem. E o Brasil, na verdade, virou *investment grade* porque o Brasil toma conta do seu nariz, decide a sua política econômica, decide aquilo que nós queremos fazer”.

Em 9 de maio, em Catu, na Bahia, a mesma história: “O Brasil é como se tivessem dois homens trabalhando com as suas famílias, e um fosse responsável, levasse o dinheiro para casa, pagasse as suas dívidas, comprasse a roupa necessária, a comida necessária e ainda guardasse um pouquinho de dinheiro; e o outro recebia o pagamento, ia para uma mesa de snooker¹⁷⁶ e perdia o pagamento em uma mesa de snooker. A mulher gastava mais do que o marido ganhava. Esse nunca vai ter *investment grade*. Agora, aquele que cuida bem da família – é o que o Brasil está fazendo”.

Em 20 de maio, o presidente inovou e decidiu dar nome aos bois, para a tristeza de um senador paulista: “Esse grau de investimento, eu, às vezes, fico preocupado que vocês não entendam. Vamos pegar eu e o Aloizio Mercadante como exemplo, aqui. Eu sou um cara trabalhador, ele também é trabalhador. Eu ganho dez por mês, ele ganha dez por mês. Só que eu sou um cidadão casado, vou completar, sexta-feira, 34 anos de casado. Eu sou um cara que pego o meu salário, levo para casa, sento com a minha esposa, discuto com ela o que tem que pagar, discuto com ela o que tem para fazer com a molecada, não compro nada que eu não possa comprar, e se sobrar um dinheirinho, eu vou fazer uma poupança. Então, esse é o Lula. O Aloizio Mercadante recebe o mesmo salário que eu, gosta de parar no boteco para jogar um snooker, não vai para casa direto com o salário, aí gasta, tem um monte de amigos, aí, encontra com o Cicotti, com o Saulo, com o Luizinho, e ele fala: ‘Pode beber por minha conta, que eu vou pagar’. Bem, quem é que é o grau de investimento, entre eu e o Aloizio? Se alguém quisesse vender alguma coisa, ia vender para quem? Para mim ou para o Aloizio?”

¹⁷⁶ Lula pronuncia “snúqui”, bem ao jeito popular.

Então, isso é grau de investimento. Isso é o que o Brasil conquistou: credibilidade. As pessoas percebem que o País ficou sério”, disse Lula¹⁷⁷.

Outro discurso que se repetiu bastante no período analisado foi a maneira como Lula procurou explicar à população a lei da oferta e da procura. Preocupado com as pressões inflacionárias advindas, em parte, do setor alimentício, o presidente, em diversos momentos, orientou o consumidor e destacou a importância de o País produzir cada vez mais alimentos.

Em 20 de maio, em Santo André, na Grande São Paulo, Lula afirmou: “Nós temos que aumentar a produção de arroz, a produção do trigo, a produção de feijão, a produção de soja. Porque quando a gente estiver produzindo mais do que as pessoas querem comprar, o preço cai. Quando a gente estiver produzindo menos do que a quantidade de pessoas que querem comprar, a tendência é o preço subir. Para entender isso direito, imagine o seguinte: se vão dez pessoas de manhã, no primeiro supermercado que encontram, comprar uma lata de óleo de soja; se tem dez para comprar e só tem uma lata, pode ficar certo que o dono do mercado vai aumentar o preço da lata. Agora, se ele tiver dez latas e se tiver um comprando, pode ficar certo que ele vai baixar o preço da lata para mais gente comprar”, explicou.

No mesmo dia, em São Paulo, Lula deu uma explicação para o aumento dos preços dos alimentos que foi repetida em diversos outros eventos. E novamente fez uma analogia com o cotidiano doméstico: “Vocês estão vendo na televisão: ‘A inflação está voltando. Está uma pressão inflacionária no mundo inteiro’. Por quê? Por causa de alimento. Não é porque o Brasil deixou de produzir alimento. Este ano nós vamos bater, outra vez, Serra, recorde na produção de grãos. Vamos para 142 milhões de grãos, de toneladas produzidas. Mas o que está acontecendo? Ora, chinês está comendo mais, indiano está comendo mais, brasileiro está comendo mais, no Nordeste estão comendo mais, na África estão comendo mais, na América Latina estão comendo mais. O que acontece? Mais boca comendo, vai ser preciso colocar, como a mãe da gente dizia, mais água no feijão”, disse Lula. E acrescentou, repetindo o argumento utilizado em Santo André: “Nós vamos ter que plantar mais comida, vamos ter que plantar mais

¹⁷⁷ Meio constrangido, Lula tentou se redimir: “... quero dizer ao meu companheiro, pedir desculpas ao Aloizio pela brincadeira. Não, eu sou o Aloizio e ele é eu, tá? Ele é o grau de investimento e eu sou o não-investimento”, disse o presidente.

arroz, vamos ter que plantar mais trigo, mais feijão, mais coisas para o povo comer. Esse é um desafio bom, que a gente não tem que reclamar. E eu quero que cada vez mais o povo coma melhor”, afirmou o presidente.

Em 30 de maio, em Belém do Pará, repetiu o discurso, mudando apenas do setor agrícola para a produção em geral: “Toda vez que o povo brasileiro começa a comprar e as empresas não conseguem produzir a quantidade de coisas que nós queremos comprar, a inflação volta, ou aumentam as importações. Então, o nosso papel é manter um certo equilíbrio entre aquilo que o povo pode comprar e aquilo que a gente pode produzir, até que as empresas façam mais investimentos, aumentem mais a produção para aumentar mais ainda o nosso poder de compra”.

No dia 13 de junho, durante entrevista no Palácio do Planalto, Lula retomou a questão, com direito a puxão de orelha em comerciantes “gananciosos”. Dessa vez, o presidente recorreu à imagem da feira para simplificar o raciocínio: “O engraçado, que somente os economistas entendem, é o seguinte: você não tem demanda, não vende o seu produto, então vai barateando cada vez mais. É como uma xepa na feira: você chega às 9 horas da manhã na feira, estão aquelas verduras todas novinhas, bonitas, e o preço lá em cima. Aí você vai para casa, entra no bar para tomar uma cerveja¹⁷⁸, quando são 11 horas você passa na feira e aquilo está tudo pela metade. Por quê? Porque diminuiu o número de compradores. Ora, os empresários deveriam ter um procedimento diferente, ou seja, na medida em que aumenta a demanda, eu não preciso aumentar o preço. Eu vou ganhar mais pelo volume de vendas e não pelo aumento das unidades. Essa é que deveria ser – um cidadão entra em um supermercado para comprar um produto. Se tem lá 50 produtos na prateleira e só tem um comprador, o preço vai cair. Agora, se tem 50 produtos e cem compradores, o preço vai aumentar, o que eu acho contraditório. Acho um comportamento ganancioso, porque é exatamente no momento que você pode vender mais, que pode até baratear um pouquinho, para ganhar em escala”, afirmou Lula, subvertendo a lei da oferta e da procura.

No mesmo dia, Lula usou mais uma metáfora para ilustrar a forma como o governo lida com o controle da inflação: “Você sabe que o governo não tem muitos

¹⁷⁸ O exemplo de passatempo dado por Lula não poderia ter sido mais popular.

mecanismos para controlar a inflação. O Banco Central só tem uma bala de prata, que é o aumento da taxa Selic¹⁷⁹, para reduzir a demanda”.

Em 3 de julho, discursando em Brasília, o presidente voltou à feira e ao supermercado: “Aqui dentro não falta quem resolva aumentar o preço. Eu lembro sempre para os economistas, porque eu lembro da xepa da feira. Você vai às 8h30 da manhã em uma feira no domingo, a laranja está cara, a cenoura está cara, a alface está cara. Aí, você não compra, volta às 10h30 e o preço já está pela metade. Por quê? Porque tem menos consumidores procurando aquele produto. Então, é um processo de educação da sociedade também”, afirmou.

E prosseguiu: “O povo pobre está comendo mais. E se o povo pobre está comendo mais, nós vamos ter que aumentar a produção. Se não aumentarmos a produção e tiver dez pessoas para comprar um quilo de feijão no supermercado, e só tiver um quilo de feijão, obviamente que o dono do supermercado vai aumentar o preço daquele feijão que tem uma procura maior do que a oferta. Mas se tiver dez saquinhos de feijão e apenas um comprador, certamente ele vai baixar o preço para que apareçam mais compradores”, explicou Lula.

A “aula” continuou no dia seguinte, durante entrevista no Palácio do Planalto. Do supermercado, Lula seguiu para a livraria: “A sociedade termina tendo um poder extraordinário para controlar a inflação. Ela só tem que estar informada. Se você for comprar um caderno numa livraria, e achar que ele está caro, a boa política indica que você não deve comprar. Vá para casa. Quando passarem dez compradores lá, olharem o caderno e não comprarem, o dono da livraria vai se tocar: ‘Espera aí, não estão comprando por quê? Todo mundo põe a mão e não leva? É porque está caro’. Aí vai lá e diminui o preço. O povo tem um poder muito grande, e eu acho que o povo vai exercitando ele aos poucos”.

Esse trecho deixa bastante claro que o presidente se coloca na função de professor ou orientador da população. Ao afirmar que falta informação, Lula justifica a forma como costuma se expressar quando trata de assuntos econômicos, sempre

¹⁷⁹ O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reúne-se a cada 45 dias para definir o valor da taxa básica de juros, conhecida como Selic, que é a sigla do Sistema Especial de Liquidação e Custódia.

utilizando comparações e metáforas para fazer com que as pessoas compreendam melhor o que está sendo dito.

Entre as 41 pessoas ouvidas na cidade de São Paulo, 26 afirmaram que o uso de metáforas e comparações pelo presidente Lula facilita o entendimento dos assuntos ligados à economia. Quatro disseram que não ajuda em nada e onze não responderam, algumas delas por não terem compreendido a questão.

A gerente comercial Susi, moradora da Vila Mariana, afirma: “Ajuda sim, para a classe que tem mais dificuldade de entendimento. Ele usa exemplos mais próximos da realidade deles”. A assistente administrativa Edilene, de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, acrescenta: “Eu acho muito inteligente da parte dele isso aí. O Fernando Henrique, para explicar economia usava termos intelectuais, coisas que a população não entende, e eu acho que por isso dificultava muito. Não que ele não saiba, mas usa o termo intelectual. O Lula, por pegar exemplos do dia-a-dia, facilita muito mais, não tenha dúvida”.

“Eu acho que é muito bom isso aí, porque a pessoa vai saber o que está acontecendo, entendeu? Eu acho que ele está abrindo a cabeça do povo”, diz o motorista Diógenes, também de São Bernardo do Campo. “Sem dúvida. Para o povo mais simples, que não teve acesso à educação, essa é uma forma de entendimento”, afirma o professor Luis, que mora em Ribeirão Preto, interior de São Paulo.

Segundo Joelmir Beting, a metáfora é a base da comunicação direta com a população leiga. “Eu também sempre fiz uso dela na informação econômica”, afirma o jornalista. “Sessenta por cento da população não tem escolaridade e discernimento suficientes para entender coisa com coisa, então a metáfora é que faz a coisa com coisa funcionar. Sem a metáfora, você às vezes teria de falar durante dois minutos. A metáfora pode resolver em 30 segundos ou menos”, explica Joelmir. O comentarista econômico adverte, no entanto, que não se deve ficar falando uma metáfora atrás da outra. “Mas ele tem sabido colocar bem as metáforas; às vezes de maneira jocosa, às vezes até nonsense¹⁸⁰, mas ele não abre mão disso”.

Alguns dos entrevistados, apesar de admitirem que o uso de metáforas ou comparações facilita a comunicação, fizeram ressalvas a essa prática do presidente

¹⁸⁰ Segundo o Houaiss, “frase ou linguagem desprovida de significação ou coerência”.

Lula. O médico Ricardo, que mora na Vila Clementino, diz o seguinte: “Eu acho importante se comunicar de um jeito que a população entenda, mas acho que depende do foro. Quando o foro é a população brasileira, eu concordo que ele use metáforas, mas existem alguns foros que ele acaba abusando um pouco das metáforas. Em alguns foros internacionais, por exemplo, que eu acho que ele poderia ter um discurso um pouco mais intelectualizado”.

O empresário Mário, de Moema, sugere que a prática pode facilitar a manipulação das notícias: “Facilita, mas é um meio também de falar direto com o povo e de uma maneira simples, mas de uma maneira que ele pode sempre estar vendendo facilidades, vendendo coisas boas do governo dele. Dá a impressão que nem sempre é verdade. Eu acho que o exemplo maior é esse que a gente passou agora: era uma marola¹⁸¹ e não é uma marola nenhuma, e ele continua achando que a gente não vai passar dificuldade nenhuma no Brasil, e vamos passar dificuldades, sim, com certeza”, afirma.

O desempregado Sérgio, morador de Moema, também concorda que as metáforas auxiliam a compreensão, mas pondera: “Ultimamente, o povo, a dona de casa, já não têm os mesmos problemas que tinham no passado. O Lula infelizmente não se atualizou. Ele está agora fazendo um discurso para Nairóbi¹⁸², para a miséria, para não sei o que, que não é mais a realidade daqui. Porque aqui ninguém é mais miserável. Aqui já está todo mundo pobre mesmo”, reclama. “Eu acho que facilita porque muita gente não teve a possibilidade de estudo para entender a situação fora dessas metáforas, mas que ele tem umas metáforas que não têm cabimento, isso ele tem”, afirma o professor de história aposentado Roberto, morador da Vila Clementino.

O uso de metáforas e comparações para demonstrar cuidado com os gastos, no governo e dentro de casa, também foi uma constante nos pronunciamentos do presidente Lula durante os três meses analisados:

No dia 9 de maio, em Ilhéus, na Bahia, depois de falar da satisfação que sentiu ao pagar a dívida que o Brasil tinha com o FMI, o presidente acrescentou: “Eu aprendi

¹⁸¹ O entrevistado refere-se a um pronunciamento feito por Lula, em 4 de outubro, em São Bernardo do Campo, minimizando os efeitos da crise americana no Brasil. O presidente afirmou: “Lá, ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esquiar”.

¹⁸² Capital do Quênia, país africano que está entre os mais pobres do mundo.

com uma mãe analfabeta, aprendi com a minha mulher, que a gente não precisa fazer dívida que a gente não pode pagar. A gente não tem que comprar se a gente não tem possibilidade, a gente não tem que se endividar se a gente não vai poder pagar amanhã. É melhor a gente ser pobre honrado, do que ser roto¹⁸³, dever para todo mundo e não pagar”.

Em 30 de maio, em Belém do Pará, voltando ao assunto inflação, Lula afirmou: “... se a gente não tivesse trabalhado duro para consertar¹⁸⁴ a economia brasileira, para controlar a inflação. Vocês sabem o quanto nós sofremos em 2003. Em 2003, muitos companheiros petistas até pensaram em sair do PT. Nós tivemos que fazer um ajuste duro e eu não fiz nada mais do que eu faço na minha casa, nada mais do que eu faço nos meus 30 anos de casamento com a dona Marisa. Eu só gasto aquilo que eu posso gastar, só dou um presente para o meu filho quando eu tenho dinheiro para comprar. Não adianta pedir porque se eu não tiver, não dou e não vou mentir”.

Em 12 de junho, durante entrevista no Palácio do Planalto, Lula comentou da seguinte maneira um reajuste para os aposentados que tinha sido aprovado no Senado: “Eu gostaria que toda vez que as pessoas aprovassem uma despesa, aprovassem uma receita, porque é assim na minha casa, certamente é assim na sua casa, e é assim na casa de cada brasileiro. Toda vez que a gente quer comprar alguma coisa, primeiro vai saber se tem dinheiro, depois vai saber se o salário da gente comporta a quantidade de prestações que a gente vai fazer, e depois a gente compra”, disse Lula.

Na entrevista concedida à revista Exame, em 4 de julho, no Palácio do Planalto, Lula afirmou: “Lá em casa, eu e Marisa nos sentávamos e dizíamos o seguinte: ‘Vamos comprar apenas o essencial, e vamos separar o que a gente tem que pagar no ano que vem. O que você tem que pagar? Tanto de IPVA, tanto de IPTU, tanto de Imposto de Renda. Separa, para a gente não ficar, depois, pedindo dinheiro emprestado nos meses de fevereiro e março’. É isso que nós estamos trazendo para o governo”.

O manobrista Valmir, que mora em Santo Amaro, na zona sul da capital paulista, elogia a forma como o presidente fala dos assuntos econômicos. “Facilita, porque ele está dando um conselho para o povo brasileiro: você deve comprar aquilo que é

¹⁸³ O uso do termo não parece adequado. Roto, segundo o Houaiss, significa “aquele que veste roupa esfarrapada, maltrapilho”.

¹⁸⁴ Mais um exemplo de crítica aos antecessores.

necessário, que você necessita”. O carroceiro Paulo, morador da Saúde, concorda: “Eu acho que às vezes ajuda um pouco, sim, porque ele falando isso aí seria bom para nós mesmos, para ser mais econômico, né? ... economizar é muito bom, entendeu? Tem gente que ganha 50, quer ganhar 80, e não sabe procurar o mais barato, mais em conta. O pobre sempre tem que procurar o mais em conta”, diz.

A dona de casa Diocéia, que mora no Tucuruvi, na zona norte, discorda da opinião da maioria: “Eu acho que não ajuda, porque ele não sabe nem quanto que custa uma caixa de fósforos. Se for perguntar para ele da realidade, eu acho que isso aí é um pouco de demagogia da parte dele”. O cabeleireiro Vagner, de Santana, faz coro: “O que tem a ver ele falar do mercado? De ir no supermercado? Isso aí todo brasileiro tem que fazer, e todo mundo sabe quanto custa e quanto sai do bolso de cada um”.

Em vários momentos, o presidente também explicou, em seus discursos, o funcionamento básico da economia – o que ele chamou de “círculo vicioso”, mas que seria melhor definido como um círculo “virtuoso”. Um dos episódios foi em 20 de maio, durante visita de Lula à favela de Heliópolis, em São Paulo. O trecho a seguir traz ainda diversos outros aspectos recorrentes do discurso do presidente, como as brincadeiras, os termos populares, a crítica à imprensa, a defesa dos pobres e a elevação da auto-estima do brasileiro: “Eu digo sempre: o pobre, quando se encontra com a gente. O Donizete¹⁸⁵, cada vez que vai lá. Agora ele está com uma camisa meio tucana, mas quando ele vai lá. Porque eu perdi três eleições para me eleger presidente e ele não me chama de presidente. Ele me chama de Lula, desaforado. Então, ele vai lá e fala: ‘Eu quero 8 milhões, eu quero 9 milhões, 10 milhões; precisa fazer isso, fazer aquilo’. Agora, quando vai um grandão¹⁸⁶ lá, já pede logo um bilhão, e a imprensa trata assim: pediu um bilhão, é para investimento; pediu 8 milhões, é gasto. Como se aquilo que a gente colocasse para fazer as coisas para o pobre fosse gasto, e o resto fosse investimento. Quando, na verdade, o maior investimento que a gente faz é cuidar, exatamente para que o pobre deixe de ser tão pobre. Porque ele vai virar um cidadão de classe média, vai virar consumidor, vai na loja comprar, a loja vai precisar comprar da fábrica, a fábrica vai precisar produzir, ela vai gerar mais empregos, vai vender mais

¹⁸⁵ Donizete Fernando de Oliveira, coordenador da União Nacional de Moradia Popular.

¹⁸⁶ Mais um bom exemplo do uso de linguagem popular.

para a loja, o povo vai comprar mais. É esse círculo vicioso que nós estamos criando, neste País, com a participação de todos aqui, mas, sobretudo, com a participação do povo brasileiro, que é um povo que tem esperança, que sabe medir os seus passos e que percebe quando as coisas estão acontecendo a seu favor”.

No “Café com o Presidente” do dia 23 de junho, Lula repetiu a dose: “O que nós queremos é os homens e as mulheres trabalhando com carteira assinada, contribuindo com a Previdência, porque assim a Previdência também arrecada mais, a gente vai poder pagar melhor os aposentados brasileiros, vai poder pagar melhor os que estão trabalhando e é isso que o Brasil precisa. Porque quando o povo tem dinheiro na mão, o povo vira consumidor; virando consumidor o comércio cresce; o comércio crescendo a indústria tem que produzir mais; a indústria produzindo, nós poderemos comprar mais”, disse o presidente.

Em 29 de junho, em São Bernardo do Campo, o círculo de Lula, finalmente virou “virtuoso”. O presidente discursava durante lançamento do novo Gol, na fábrica da Volkswagen: “... quanto mais as indústrias crescerem, quanto mais fornecedores tiverem, quanto mais concessionárias tiverem, mais empregos vão gerar; gerando mais empregos, vão gerar mais salário; gerando mais salário, vão gerar mais consumidores; mais consumidores, mais empregos; e assim nós passamos a viver num círculo virtuoso em que ganha o Brasil, ganham as empresas e ganham os trabalhadores”.

O economista Antonio Corrêa de Lacerda vê como positiva a prática do presidente Lula de tentar fazer com que a população entenda melhor esses assuntos por meio de uma linguagem mais simples. “Ele nem sempre acerta nas metáforas, às vezes são equivocadas, mas no fundamental ele acerta, pois ele se faz entender pelo povo”, afirma o professor da PUC de São Paulo. “A hora que ele chega lá e faz uma analogia com o esporte ou fala alguma coisa que a pessoa se identifica, aquela mensagem é captada”, diz Lacerda.

Vejamos ainda outros exemplos do uso de metáforas pelo presidente Lula para falar de questões econômicas:

Em 2 de julho, o presidente usou a imagem de um barco para explicar o processo de negociação que permitiu o lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2008/2009, em Curitiba, no Paraná. O acordo envolveu parlamentares das Comissões

de Agricultura no Congresso, empresários e trabalhadores rurais: “Eu penso que houve uma compreensão simplista, mas, eu diria, muito forte de todos nós. Nós compreendemos que estamos todos dentro de um barco. Que tem gente que está na proa, tem gente que está na popa, tem gente que está na cabine, tem gente que está em cima do mastro, tem gente que está no convés, tem gente que está na casa de máquinas e tem gente que está limpando o porão. Todos nós sabemos: a gente pode estar onde estiver, se o barco afundar, todos serão iguais embaixo d’água. Não haverá distinção de tamanho de propriedade, não haverá distinção do produto que está sendo plantado, não haverá distinção da renda ou da origem social de cada um, todos nós seremos defuntos”, afirmou Lula.

No dia 4 de julho, durante entrevista no Palácio do Planalto, Lula usou um exemplo próprio para explicar porque o governo tinha de ter cuidado diante do crescimento da economia do País. Segundo o presidente, “o governo tem que ter dois movimentos: um movimento para incentivar o crescimento, mas ao mesmo tempo a cautela de não permitir que o consumo seja infinitamente maior do que a demanda, porque senão estoura, não dá certo”. Não entendeu? Então o presidente explica: “Quando eu fiz greve de fome, 21 dias de greve de fome, o meu desejo era comer um frango com polenta lá de São Bernardo, quando terminasse a greve de fome. Aí, acabou a greve de fome, o Tuma¹⁸⁷ foi à porta da cadeia e eu falei: ‘Tuma, manda buscar um frango com polenta’¹⁸⁸. Veio um médico e falou: ‘Não, você não pode comer’. Me deu um copinho de plástico, com suco de mamão: ‘Você tem que tomar isso, hoje; amanhã tomar mais um pouco. Somente depois é que você vai voltar a comer’. Nós ficamos muito tempo sem crescer”, disse Lula.

Quatro de julho foi mesmo o dia das metáforas. O presidente usou mais uma ao destacar a necessidade de paciência para que as ações do governo contra a especulação com o preço dos alimentos surtisserem efeito: “Nós já tomamos as medidas que tínhamos que tomar. Obviamente que você dá um remédio – às vezes eu me levanto com dor de cabeça, peço um comprimido para o médico, e eu fico nervoso porque depois de 5 minutos não parou a dor de cabeça. Ele me fala: ‘Presidente, tem

¹⁸⁷ Senador Romeu Tuma (PTB-SP), ex-diretor da Polícia Federal.

¹⁸⁸ Curiosa a forma como Lula diz ter se dirigido ao então delegado de polícia, hoje senador.

que esperar, tem um tempo de efeito para o remédio'. Então, as medidas que nós já tomamos vão surtir o efeito que nós queremos", afirmou.

Em declaração à imprensa no dia 10 de julho em Hanói, no Vietnã, Lula fez uma comparação para mostrar os objetivos do governo no comércio internacional: "Quando alguém sai de manhã, em São Paulo ou no Rio de Janeiro, e vai a uma feira de automóveis comprar, qual é o denominador comum, o ponto importante do negócio? É quando aquele cara consegue comprar um carro, chega para a mulher e diz o seguinte: 'Olha, fiz o melhor negócio do mundo. Comprei um carro extraordinário por um preço extraordinário'. E o vendedor chega em casa e fala para a mulher: 'Vendi o carro por um preço extraordinário. Encontrei um comprador que pagou exatamente aquilo que eu queria'. Ou seja, eles encontraram um ponto comum. Nós queremos encontrar esse ponto na balança comercial: não queremos só vender nem queremos só comprar. Porque é essa divisão de venda e compra que consegue garantir o crescimento sustentável dos países", disse Lula.

Em 25 de julho, em Lisboa, Portugal, o presidente recorreu mais uma vez ao comércio, tão popular, de veículos para se fazer entender. Em entrevista coletiva, ele respondia sobre as negociações da rodada Doha no âmbito da Organização Mundial do Comércio: "Vocês estão percebendo, pela minha fisionomia, que eu continuo otimista com relação à Rodada de Doha. Eu tenho clareza da dificuldade de uma negociação. A gente fica falando dos outros e dá uma dimensão maior do que tem. Imaginem vocês, quando vão a um lugar comprar um automóvel usado, o quanto perdem de tempo fazendo a negociação para poder comprar esse carro. Agora, transforme essa dificuldade que tem uma pessoa para comprar um simples carro numa negociação que envolve centenas de países, com interesses difusos, com milhares de pessoas interessadas naquilo, o quanto não é difícil", ponderou o presidente.

3.13 – Lula fala errado

Quem acompanha Luiz Inácio Lula da Silva desde os tempos de liderança sindical, na década de 80, percebe claramente que o presidente da República melhorou muito em relação ao respeito às normas gramaticais. Ainda assim, Lula continua cometendo erros, principalmente de concordância. O uso de uma linguagem popular e coloquial, sobretudo quando fala de improviso para grandes platéias, faz com que Lula cometa pequenos deslizes, que normalmente passam despercebidos pelo público em geral. Vejamos alguns exemplos:

Em 5 de maio, em Teresina, Lula cometeu um de seus erros mais comuns, que é o de ignorar o plural das palavras: “É este País, meus companheiros e companheiras, que falta dois anos e oito mês...”. A equipe que publica a transcrição dos discursos na página da Presidência na internet normalmente corrige os equívocos, mas nem sempre. Nesse caso, por exemplo, “mês” foi substituído corretamente por “meses”, mas não houve a substituição de “falta” por “faltam”. Além disso, em vez de “É este País”, como afirmou o presidente, a transcrição trouxe “E este País”.

Em Salvador, no dia 9 de maio, mais erros de concordância: “E hoje as pessoas mais pobres estão tendo o direito a comprar coisas que antes era proibido, que antes era proibido para ele”, disse Lula. A transcrição foi feita assim: “E hoje as pessoas mais pobres estão tendo o direito de comprar coisas que antes eram proibidas para elas”.

No dia 20 de maio, em São Paulo, o presidente cometeu outro erro comum na língua portuguesa. Ao recordar um episódio, Lula disse: “Eu fico me lembrando; isso já fazem 40 anos de idade”. O termo “de idade”, não apropriado para o sentido que Lula quis dar à afirmação, foi retirado da transcrição, assim como a flexão incorreta do verbo fazer.

A análise dos discursos do presidente mostra que boa parte dos erros ocorre quando Lula fala para populações mais carentes. Ainda no dia 20 de maio, discursando em Heliópolis, a maior favela da capital paulista, o presidente escorregou na língua portuguesa mais uma vez. Depois de lembrar que, no passado, só tinha dinheiro para comprar iogurte para o filho mais novo, afirmou: “Colocava na geladeira, e os coitados

mais grande não podiam pegar”. Na transcrição, o termo “mais grande” foi substituído por “maiores”.

Em 27 de maio, no Palácio do Planalto, Lula trocou a palavra “analogia” por “apologia¹⁸⁹”. Foi durante a cerimônia de posse do novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc. “Se eu quisesse fazer uma apologia do futebol, faz de conta que você está entrando no lugar do Pelé”, disse o presidente ao novo ministro. A transcrição foi feita da seguinte forma: “Se eu quisesse fazer uma analogia ao futebol, ...”.

O deslize foi parar, no mesmo dia, no blog de Reinaldo Azevedo, da revista Veja. O comentário do jornalista foi o seguinte: “Tá ... Ele não é lá muito estudado, como se sabe. Mas acho que o engano pode render algumas considerações sobre nossos desenganos. Fica para depois.”

Seguiram-se alguns comentários dos internautas, todos com críticas ao presidente. Iguinho disse: “Ele não estudou muito nem estudou pouco porque ele nunca estudou. Oportunidades não faltaram desde 1975”. Rocket afirmou: “É o papagaio querendo usar o que escutou e achou bonito. Mas nem sabe o que significa”.

Vale destacar que a revista Veja, de viés claramente neoliberal, sempre adotou uma postura crítica em relação a Lula. É possível afirmar, portanto, que a maioria dos internautas que participam do blog seja contrária ao presidente. Não há como negar, também, que a forma preconceituosa como o jornalista Reinaldo Azevedo referiu-se a Lula também exerceu influência nos comentários que vieram a seguir.

No dia 30 de maio, em Belém, do Pará, Lula repetiu o erro na flexão do verbo fazer: “... comecei a fazer política em 1969, portanto já fazem quase 40 anos que estou na vida política”, disse. O equívoco, mais uma vez, foi corrigido na transcrição.

Além de corrigirem os erros eventuais, os responsáveis pela comunicação da Presidência da República também fazem pequenas alterações nas transcrições, adequando o discurso falado, mais coloquial e despreocupado, à linguagem culta. São suprimidos os chamados cacos ou cacoetes de linguagem¹⁹⁰ e as repetições de palavras, muitas vezes feitas pelo presidente para dar maior ênfase à frase.

¹⁸⁹ Segundo o dicionário Houaiss, “discurso ou texto em que se defende, justifica ou elogia”.

¹⁹⁰ O presidente usa frequentemente a palavra “sabe” em meio às frases.

Veremos abaixo dois exemplos de trechos de discursos de Lula, com as transcrições publicadas na página da Presidência na internet e, entre parênteses, as indicações do que foi efetivamente dito pelo presidente. O que está sublinhado consta da transcrição, mas não foi dito:

O primeiro foi em 30 de abril, em Maceió:

“Alguns dizem que é ótimo; outros dizem que não pode ser tão ótimo (pode ser não tão ótimo), porque pode entrar muito dólar e o dólar já está (tá, sabe,) desvalorizado diante do real e isso pode ser muito ruim. Eu confesso a vocês que, quando saí de Garanhuns, em 1952, eu jamais imaginei que poderia chegar um dia em que os brasileiros iriam ter preocupação da entrada de dólar no Brasil. (Jamais) Porque tudo que eu vi e ouvi, durante grande parte da minha vida, era a nossa obsessão para que entrasse dólar no Brasil. O que é importante é que não é o real que está se (desva...) valorizando diante do dólar, o que é importante é que o dólar está se desvalorizando diante de todas as moedas do mundo (Lula repete ‘de todas as moedas do mundo’). Até porque, eu acho que o Brasil já deveria ser grau de investimento há muito tempo (atrás). Eu até brincava, outro dia, qual é a agência que está medindo o risco americano? Porque com a crise do *suprime* (a transcrição está errada – o correto é *subprime*¹⁹¹) que, na verdade, não passa de uma dívida (sabe) imobiliária, (ou seja) ninguém mediu o risco americano, o FMI não foi lá dar um único palpite na economia americana. E o que nós recebemos agora é apenas o aval de que nós passamos a ser donos (dono) do nosso nariz em determinarmos as (a) políticas que acharmos convenientes (conveniente) para o Brasil. É uma conquista do povo brasileiro que, durante tantos e tantos anos esperou por este momento e, quis Deus, que fosse exatamente no momento em que um presidente de sorte assume a Presidência da República que isso viesse a acontecer.”

O discurso transcrito abaixo foi feito em 3 de julho, em Brasília:

“O Brasil não vai aceitar essa conversa (Lula repete ‘essa conversa’) atravessada de que os biocombustíveis (é o biocombustível), o agro (agronego...) não sei das quantas são (que é) a causa da inflação nos (de) alimentos (Lula repete ‘não

¹⁹¹ Termo em inglês utilizado para definir tomadores de financiamentos imobiliários que tinham perfil abaixo do esperado, ou seja, restrições cadastrais. Os chamados mutuários “ninja” (no income, no job, no assets – sem renda, sem emprego, sem bens) foram apontados como o estopim da crise no setor habitacional dos Estados Unidos.

vamos aceitar’). Vamos (Vamo) colocar (sabe) ‘pão, pão, queijo, queijo’ para a gente saber onde (é que) está o erro e vamos (vamo) corrigi-lo (corrigir esse erro). Enquanto a gente não tem um acordo político... Eu estou (tô) indo ao (no) Japão, na reunião do (com o) G-8, só por conta disso (Lula falou primeiro ‘só por conta disso’ e depois ‘na reunião com o G-8’). Eu tive (fui ter) uma reunião com a primeira-ministra da Alemanha. A fundação Adenauer chamou companheiros do Brasil (Lula repete ‘chamou companheiros’) para saber o que falar, e falaram (para falar): ‘O trabalho com a (de) cana é um trabalho insalubre e penoso’.”

4 – Conclusão

Antes de abordar o principal questionamento desse trabalho, que é tentar responder se o discurso econômico do presidente Lula é recebido como verdadeiro pela população brasileira, cabe destacar as considerações feitas pelo cientista político Roberto Romano acerca da verdade. Segundo o professor titular do Departamento de Filosofia da Universidade de Campinas, “a prudência recomenda que não se condene um indivíduo qualquer ou uma pessoa que tenha um cargo público dizendo que ela não diz toda a verdade, porque ninguém é dono da verdade”. Romano afirma que “um vezo muito comum na nossa sociedade é dizer: a realidade é assim, a verdade é assim”. O professor, então, pergunta: “Qual o convívio que você tem com a verdade? Você dorme com a verdade todo dia, para dizer: eu tenho a verdade?”.

Romano acrescenta que quem diz que seu discurso é verdadeiro e o dos outros é falso, normalmente, alega estar falando em nome de Deus. “É o fanático religioso, que tem muito parentesco com o fanático ideológico”, afirma. O professor cita um exemplo desse tipo de fala: “A verdade foi dita, está no meu partido, está na barriga dos meus líderes e eu estou contando a verdade para vocês. Quem não aceita é infiel, é contra Deus etc”.

De acordo com o cientista político, o Brasil tem uma longa tradição de dogmatismo, em que grupos se arvoram em donos da verdade. “Nos anos 60 era a União Democrática Nacional¹⁹². A UDN era a única que tinha a verdade moral; o resto era tudo um mar de lama”, lembra. Romano diz que a história continua, com grupos se sucedendo. “O PT é ético, os outros são farinha do mesmo saco, até que descobriram que dentro do PT tinha o Delúbio¹⁹³ e outras coisas”, conclui o professor.

Com o objetivo de mostrar a dificuldade de se obter a verdade absoluta, Roberto Romano faz referência à obra *Mimesis*, do crítico literário Erich Auerbach. Segundo o

¹⁹² Criada em 7 de abril de 1945, a UDN caracterizou-se pela forte oposição ao governo de Getúlio Vargas. Apesar de ter surgido como uma frente, organizou-se como um partido político nacional e participou de todas as eleições até 1965. A UDN apoiou a candidatura de Jânio Quadros à presidência, em 1960, e deu suporte político também ao golpe militar de 1964. Extinta, como os outros partidos, pelo Ato Institucional nº 2, de 27 de outubro de 1965, teve a maioria de seus parlamentares e políticos transferida para a Aliança Renovadora Nacional (Arena).

¹⁹³ Delúbio Soares, ex-tesoureiro do PT, denunciado pelo Ministério Público por corrupção ativa no chamado escândalo do mensalão, em que parlamentares foram acusados de receber dinheiro do Partido dos Trabalhadores, em 2005, em troca de apoio político.

professor, o autor recorre à velha imagem de um grande palco, em que cenas das mais diversas ocorrem ao mesmo tempo. “O propagandista, ou seja, aquele que está encarregado de persuadir as pessoas, joga o holofote em cima de uma cena, mas deixa todas as outras à sombra”, afirma. “Portanto, aquela luz, e o que resulta daquela luz na fala do propagandista, é uma verdade, mas não toda a verdade”. De acordo com o cientista político, para se obter toda a verdade seria necessário tempo para percorrer todas as cenas, o que é impossível no mundo atual, cada vez mais dinâmico. “Quanto mais progride, a sociedade se acelera e você não tem tempo para passar em todas as cenas, então ocorrem todas as injustiças e acusações falsas”, diz Roberto Romano.

Nas ruas de São Paulo, apenas oito dos 41 entrevistados disseram não à pergunta: “Você acredita nas coisas que o presidente diz?” Dezesete pessoas responderam afirmativamente, 14 disseram acreditar “em parte” e duas não opinaram. A maioria dos que afirmaram que acreditam no presidente Lula simplesmente respondeu “sim” à questão, sem fazer outros comentários. Entre os que acrescentaram algo à resposta está o vigilante da Universidade Federal de São Paulo Tarcísio, que disse o seguinte: “É lógico que eu acredito, senão eu não era petista, senão eu não votava no PT”. O taxista Evandro também disse confiar em Lula, mas fez uma ressalva: “Acredito, só que tem os problemas do pessoal do partido dele. Isso ele tem que extinguir. Tem errado em todo partido, mas ele é sincero”, concluiu.

Entre os que demonstraram que confiam no presidente, mas não acreditam em tudo o que ele fala está a assistente administrativa Edilene. O argumento usado por ela é interessante: “Tem hora que eu acho que não é verdade. O Lula tem tanto o dom da palavra que, assim como ele consegue chegar no povo com a linguagem popular, ele também usa esse artifício para manipular um pouco. A gente tem que ficar bem esperta”. O cabeleireiro Vagner, morador de Santana, segue a mesma linha: “Nem tudo a gente pode acreditar. Nem tudo são mil maravilhas. Não adianta a gente querer maquiar as coisas, que não é o que a realidade está mostrando”, afirma. A conversa com Vagner ocorreu no dia 4 de dezembro de 2008, quando a crise econômica mundial já começava a dar sinais claros no Brasil. A reação inicial do presidente em relação às turbulências iniciadas nos Estados Unidos foi citada também pela gerente comercial Susi, da Vila Mariana. Ela afirma que “algumas coisas” que o presidente fala, “mesmo lá

na simplicidade dele, fazem muito sentido”. Porém acrescenta: “Mas algumas coisas, como a tranqüilidade que ele procura passar para os brasileiros de que essa crise econômica não vai nos afetar tanto, aí nesse ponto eu já não acredito tanto, até porque grandes nações estão sentindo essa mudança”, diz Susi.

O médico Ricardo, chefe de pesquisa em reprodução humana da Unifesp, diz que a crença no que o presidente Lula diz depende do assunto que ele está tratando. “Quando ele fala da política econômica eu acredito, pois a gente confia na equipe que tem por trás, mas quando ele fala, por exemplo, sobre as crises de corrupção, eu não acredito”.

O empresário Mário, morador de Moema, foi um dos oito entrevistados que disseram não acreditar no que Lula diz. “Nem um pouco. Eu acho que ele fala realmente o que as pessoas querem escutar, mas não a verdade. Ele praticamente engana as pessoas por um tempo e depois a verdade aparece”, afirma. A manicure Zenaide e o fotógrafo Paulo também responderam que não acreditam em Lula, mas sinalizaram que a desconfiança não se restringe à figura do presidente da República, mas a toda a classe política. “Acredito em Papai Noel, coelhinho da Páscoa. Difícil acreditar em político. É complicado, ainda mais no Brasil”, diz Paulo. “Nenhum deles. Promessa? De presidente? Não mudou nada. Os hospitais estão aí; escola, educação, saúde, ninguém tem. Nenhum deles faz nada”, completa Zenaide.

A estratégia do presidente Lula de utilizar metáforas ou comparações quando fala de assuntos econômicos colabora para que o discurso dele seja recebido como verdadeiro, já que a linguagem usada facilita a compreensão¹⁹⁴. Ou seja, quanto mais as pessoas entenderem o que o presidente estiver dizendo, menor serão as possibilidades de desconfiança.

Outro aspecto que contribui para o aumento da confiança em Lula é o fato de o presidente ser visto pela maioria da população como um político diferente dos outros. O presente trabalho trouxe diversos elementos que reforçam essa idéia de que Lula não é um político comum, a começar pela linguagem utilizada¹⁹⁵. Os depoimentos colhidos nas ruas de São Paulo demonstram que a fala popular de Lula é um fator importante de

¹⁹⁴ Como destacado anteriormente, 26 das 41 pessoas entrevistadas nas ruas de São Paulo disseram que o uso, pelo presidente, de metáforas e comparações facilita o entendimento dos assuntos ligados à economia.

¹⁹⁵ Vinte e um dos 41 entrevistados destacaram a forma “popular” como o presidente se expressa.

empatia com a população em geral. A declaração da médica baiana Ceuci, entrevistada enquanto visitava o Pátio do Colégio, é exemplar: “Lula fala direto ao coração das pessoas mais pobres”, afirmou.

Ainda em relação ao discurso do presidente, há vários outros aspectos que o aproximam do cidadão comum, como a prática de carregar no sotaque e nos termos nordestinos quando fala para populações do Norte/Nordeste, as referências a Deus e até os pequenos deslizes com a língua portuguesa.

O uso de palavrões é outro fator que o aproxima da massa, ainda que não seja bem visto por boa parte da população e pelos próprios assessores da Presidência. Há dois episódios citados nesse trabalho que exemplificam bem essa questão. Quando soltou um palavrão¹⁹⁶ no dia 9 de maio, em Salvador, Lula foi aplaudido pelos presentes. O presidente foi, no entanto, bastante criticado por ter usado o termo “sifu” em 4 de dezembro, no Rio de Janeiro. Não há dúvidas de que a equipe de comunicação do governo julgou que Lula passou dos limites naquele dia, já que a transcrição da corruptela só foi efetuada na página da Presidência na internet depois que a imprensa publicou a omissão. O próprio Ricardo Kotscho, que foi secretário de Comunicação nos dois primeiros anos do governo Lula, admitiu que esse tipo de episódio é prejudicial ao presidente.

Além do tipo de linguagem, o presente trabalho destacou também outros aspectos da fala do presidente que podem ser configurados como geradores de empatia com a população em geral. Não há dúvidas de que esses fatores contribuem para que Lula mantenha uma relação singular de confiança com o povo. É interessante notar que em todas as pesquisas de avaliação do governo, o índice de confiança no presidente Lula é sempre maior do que a avaliação positiva da administração federal¹⁹⁷. Ressalta-se também que a avaliação positiva do presidente Lula, de acordo com o Datafolha, é significativamente maior que a dos três presidentes que o antecederam¹⁹⁸.

¹⁹⁶ O presidente disse: “Putá mé...”. Interrompeu a expressão no meio.

¹⁹⁷ Dados das pesquisas CNI/Ibope: Set/2008: avaliação do governo (ótimo/bom) – 69%; confia no presidente Lula – 73% / Dez/2008: avaliação do governo (ótimo/bom) – 73%; confia no presidente Lula – 80% / Mar/2009: avaliação do governo (ótimo/bom) – 64%; confia no presidente Lula – 74%.

¹⁹⁸ Melhor avaliação de cada presidente em porcentagem de “ótimo/bom”: Fernando Collor de Mello, em junho de 1990: 36%; Itamar Franco, em dezembro de 1994: 41%; Fernando Henrique Cardoso, em dezembro de 1996: 47%; Luiz Inácio Lula da Silva, em novembro de 2008: 70%.

Entre as características do discurso do presidente, talvez a que tenha maior poder de aproximação com o povo seja a prática que Lula tem de se colocar como um homem comum, que “está” presidente da República. “Quando terminar o meu mandato, eu quero voltar a andar com os meus amigos na porta das fábricas, ... quero visitar os catadores de papel, porque eu estou presidente, mas não me esqueci de onde vim e não me esqueci para onde devo e quero voltar”, disse Lula, em 24 de junho de 2008, no Palácio do Planalto.

O uso pelo presidente do pronome pessoal “nós” quando se refere ao povo é, com certeza, mais um fator de identificação com a população em geral. “Nós fomos, durante cinco séculos, tratados como cidadãos de segunda categoria. O máximo que nos permitiam, era ir ao palanque bater palmas, lá de baixo”, afirmou em Belém do Pará, em 30 de maio.

O costume de se igualar aos demais brasileiros gera, em determinados momentos, até um certo distanciamento de Lula do cargo que ocupa. Há situações em que ele fala como se não fosse o responsável, em última instância, pelas decisões tomadas pelo Poder Executivo. Dessa forma, transfere a responsabilidade para os assessores diretos e transmite a imagem de que está ao lado do povo. Um exemplo claro foi dado em 1º de julho, na Argentina, quando falava sobre os impactos da crise econômica mundial. “Eu tenho dito aos meus ministros: não me peçam para diminuir a qualidade de vida que o meu povo está conquistando”, afirmou Lula.

A prática, que pode ser considerada demagógica, também é utilizada para extrair dividendos políticos de medidas econômicas que favoreçam a população. Quando, em entrevista no dia 12 de junho, no Palácio do Planalto, disse que “podem ficar certos de que eu vou fazer o Guido Mantega arrumar um dinheirinho para dar o reajuste para o Bolsa Família”, Lula foi de encontro ao discurso de austeridade fiscal repetido diversas vezes ao longo do período analisado. O presente trabalho traz diversos episódios em que o presidente afirma que, no governo, assim como na casa dele, nunca gasta o que não tem. Ora, sendo assim, a decisão de conceder ou não o aumento para o Bolsa Família deveria ser eminentemente técnica, ou seja, levando em consideração apenas a existência ou não de verba para tal fim. Dessa forma, o “fazer o Guido Mantega arrumar um dinheirinho” soa, claramente, como uma jogada de marketing.

Esse descolamento também funciona, às vezes, como blindagem do presidente em relação às notícias ruins que atingem o Palácio do Planalto. O exemplo mais claro é o do escândalo do mensalão, que estourou em 2005 e se estendeu por 2006, derrubando integrantes da cúpula do governo, do Partido dos Trabalhadores e da base aliada no Congresso¹⁹⁹, mas que respingou pouco em Lula. O principal efeito negativo para o presidente foi a queda nos índices de aprovação do governo federal²⁰⁰.

Outro grande fator de empatia com a população encontrado nas falas de Lula é o discurso de que ele governa prioritariamente para os mais pobres. “Governar é a gente saber de que lado a gente está e para quem que a gente quer fazer as coisas”, disse, no dia 6 de maio, em Manaus. Não há dúvidas de que esse tipo de afirmação tem um peso enorme na aceitação de Lula pelas camadas mais pobres da população, principalmente porque programas como o Bolsa Família mostram que a fala não é apenas uma figura de retórica. Lula sabe muito bem os benefícios que essa prática pode gerar, portanto não perde a chance de capitalizar dividendos políticos junto às camadas mais baixas. Otimista em relação aos ganhos que o Brasil viesse a ter no futuro com as recentes descobertas de petróleo na camada do pré-sal, o presidente afirmou, em 23 de julho, em Brasília: “Eu tenho dito uma coisa para os ministros: vocês pensem o que vocês quiserem, projetem o que vocês quiserem, mas com uma parte do petróleo que nós encontramos, nós vamos cuidar dos pobres deste País”. O passado pobre e sofrido de Lula, lembrado constantemente nos pronunciamentos do presidente, é um fator importante de legitimação desse discurso em defesa dos mais necessitados.

¹⁹⁹ As acusações da existência de um esquema de pagamentos mensais a deputados para que aprovassem matérias favoráveis ao governo derrubaram o então ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, apontado na denúncia do procurador-geral da República, Antonio Fernando de Souza, como “chefe do organograma delituoso”. Dirceu também foi um dos três parlamentares cassados por causa do mensalão. Os outros dois foram: Roberto Jefferson (PTB/RJ), que foi quem denunciou o esquema, e Pedro Correa (PP/PE). Outros quatro deputados renunciaram para evitar o processo de cassação: José Borba (PMDB/PR), Valdemar Costa Neto (PL/SP), Carlos Rodrigues (PL/RJ) e Paulo Rocha (PT/PA). As acusações também derrubaram Luiz Gushiken da Secretaria de Comunicação e Gestão Estratégica, Delúbio Soares da tesouraria do PT e Silvío Pereira da Secretaria Geral do Partido dos Trabalhadores. O deputado petista José Genoíno, apontado no inquérito do Ministério Público como “interlocutor visível da organização criminosa” também teve de deixar a presidência do Partido dos Trabalhadores. A denúncia do Ministério Público foi aceita pelo Supremo Tribunal Federal em agosto de 2007, mas o processo se arrasta em meio a medidas protetórias dos advogados de defesa. Os 40 envolvidos foram denunciados por crimes como formação de quadrilha, peculato, lavagem de dinheiro, gestão fraudulenta, corrupção e evasão de divisas.

²⁰⁰ Em julho de 2005, segundo o Datafolha, 35% consideravam o governo ótimo ou bom; 40% regular e 23% ruim ou péssimo. Ainda assim, de acordo com o levantamento, apenas 31% acreditavam que Lula tinha muita responsabilidade nos casos de corrupção. Quarenta e nove por cento afirmaram que o presidente tinha pouca responsabilidade e 16%, nenhuma.

Se recorrermos aos conceitos desenvolvidos pelo filósofo britânico J. L. Austin de atos ilocucionários²⁰¹ e perlocucionários²⁰², podemos identificar algumas conseqüências interessantes advindas da fala do presidente. As entrevistas realizadas nas ruas de São Paulo mostram que, ao citar a infância pobre e o passado de metalúrgico, Lula comove, principalmente a população de renda mais baixa. Entre as 41 pessoas ouvidas, 28 disseram que acham importante esse resgate e sete qualificaram a prática como demagógica. As críticas vieram, em sua maioria, dos entrevistados com maior nível de escolaridade, que a vêem como um componente do marketing político de Lula.

O efeito produzido pelo costume do presidente de contar histórias engraçadas e fazer brincadeiras durante os discursos também é notório. Os áudios disponibilizados na página da Presidência na internet mostram que em diversos momentos a platéia interage de forma positiva com Lula. A forma descontraída como ele costuma abrir os pronunciamentos, principalmente quando está falando diretamente ao povo, permite captar a benevolência do público, como descreveu anteriormente o cientista político Roberto Romano.

O jornalista Joelson Beting alerta, no entanto, para um detalhe importante dessa relação de Lula com a população. Apesar de bem avaliado nas pesquisas, Lula não costuma se expor a grandes multidões. “Quantas vezes ele foi a um jogo de futebol que ele tanto gosta?”, pergunta. “A única vez que ele tentou ir foi na abertura dos Jogos Panamericanos e deu no que deu – ele foi vaiado²⁰³”, lembra o comentarista. “A desculpa dada foi de que o público dos Jogos Panamericanos era de classe média²⁰⁴, diferentemente do povão do futebol, como se a classe média também não estivesse no futebol”, completou Joelson. De qualquer forma, o argumento dos petistas não se justifica, já que Lula também não comparece aos estádios nem para ver a seleção brasileira nem para assistir aos jogos do Corinthians, mesmo depois da histórica contratação do craque Ronaldo, em dezembro de 2008.

²⁰¹ Como relatado anteriormente, ocorrem sempre que falamos ou escrevemos para outra pessoa.

²⁰² São aqueles que produzimos porque dizemos algo, ou seja, são as conseqüências provocadas pela nossa comunicação.

²⁰³ O fato ocorreu em 13 de julho de 2007, no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Quando teve o nome anunciado, o presidente foi vaiado por parte da platéia.

²⁰⁴ O deputado federal Doutor Rosinha (PT/PR) divulgou uma nota de repúdio alegando que “vaia de elite reacionária não vale”. Segundo o parlamentar, o preço dos ingressos da abertura do Panamericano fez com que a população mais pobre fosse excluída da platéia: “Quem pode se dispor a pagar 100, 150 ou até 250 reais para ver uma cerimônia que será transmitida pela TV?”, perguntou.

O outro questionamento feito no início do trabalho em relação aos atos ilocucionários e perlocucionários do presidente referiu-se às repercussões do hábito de Lula de criticar os governos anteriores. A hipótese de que, com isso, o presidente conquistaria a simpatia do povo, não se confirma, pelo menos levando-se em conta o universo das 41 pessoas ouvidas na cidade de São Paulo no mês de dezembro de 2008. Apenas 12 entrevistados disseram que Lula está certo ao criticar os antecessores. Entre os que condenaram essa prática, a maioria alegou que o presidente tem de fazer a parte dele e esquecer o passado. “O mais importante é aquilo que ele está fazendo e não o que os outros deixaram de fazer”, resumiu o marceneiro Luis, que mora em Tabapuã, no interior de São Paulo.

O costume de falar o que o povo quer ouvir, abordado no item 3.2 desse trabalho, também exerce influência positiva na relação de confiança que o presidente tem com a sociedade. Se procurarmos analisar quais os pontos da fala de Lula que coincidem com o desejo popular, encontraremos diversos exemplos. O principal deles talvez seja o otimismo exacerbado, aliado às constantes tentativas de elevação da auto-estima da população. Apesar de ter sido alvo de críticas por ter subestimado as conseqüências no Brasil da crise financeira mundial iniciada nos Estados Unidos em meados de 2008, o presidente ganha pontos com a população ao transmitir uma confiança inabalável no Brasil. Ao enaltecer as qualidades do povo brasileiro e exaltar a participação de todos nos progressos alcançados, Lula também atinge em cheio o orgulho do cidadão.

O uso de termos regionais, principalmente nas viagens, e as brincadeiras durante os pronunciamentos também podem ser qualificados como elementos integrantes desse conjunto de falas que o povo deseja ouvir. Outra característica que agrada a população é a utilização de metáforas ou comparações simples ligadas à família e ao cotidiano. Ao dar exemplos do dia-a-dia do cidadão comum, Lula faz com que o público se identifique com o que está sendo dito, facilitando a compreensão e gerando maior interesse pelo discurso.

O hábito de falar o que o povo quer ouvir faz parte, no entanto, da cartilha de quase todos os políticos, pois denota, na verdade, a necessidade de agradar o maior número possível de pessoas. Lula demonstra isso não só por meio de palavras. O

costume de colocar na cabeça qualquer boné que lhe apareça pela frente é um bom exemplo dessa conduta, vista por muitos como demagógica. Habilidoso politicamente, o presidente encontrou uma boa saída para a questão, ao afirmar que não faz distinção aos bonés para “quebrar” preconceitos.

Por fim, se levarmos em consideração que apenas oito dos 41 entrevistados disseram não acreditar no que o presidente diz, podemos concluir que, pelo menos nesse pequeno grupo, o discurso de Lula é visto, pela maioria, como verdadeiro ou parcialmente verdadeiro. Apesar de se tratar de um universo pouco representativo, vale destacar que o resultado aproxima-se bastante dos dados recentemente divulgados por institutos de pesquisa como Ibope²⁰⁵ e CNT/Sensus²⁰⁶, que fazem levantamentos periódicos da popularidade e da confiança no presidente.

É importante ressaltar, porém, um episódio que vai de encontro a essa conclusão, citado, inclusive, em dezembro de 2008, por um dos entrevistados nas ruas de São Paulo, o empresário Mário, morador de Moema. “... ele pode sempre estar vendendo facilidades, vendendo coisas boas do governo dele. Dá a impressão que nem sempre é verdade. Eu acho que o exemplo maior é esse que a gente passou agora: era uma marola e não é uma marola nenhuma, e ele continua achando que a gente não vai passar dificuldade nenhuma no Brasil, e vamos passar dificuldades, sim, com certeza”, afirmou.

Mário tinha razão. No início de abril de 2009, vários indicadores mostravam que a crise global tinha atingido em cheio a economia brasileira. O principal deles talvez tenha sido a queda de 3,6% do PIB no quarto trimestre de 2008 em relação aos três meses anteriores. Foi o maior recuo do Produto Interno Bruto brasileiro desde que o IBGE iniciou a série histórica, em 1996. Em 10 de março de 2009, o ministro da Fazenda, Guido Mantega, admitiu que o País não conseguiria alcançar a meta de crescimento de 4% traçada pelo governo, mas afirmou que era possível crescer mais do que o 1,5% previsto pelo mercado até então. O relatório Focus divulgado pelo Banco Central em 6 de abril traçou, porém, um cenário bem mais pessimista. O boletim, que

²⁰⁵ Em dezembro de 2008, época em que fiz as entrevistas nas ruas de São Paulo, a confiança em Lula, segundo o Ibope, bateu o recorde de 80%. Apenas 18% dos pesquisados disseram não confiar no presidente.

²⁰⁶ De acordo com levantamento realizado em dezembro de 2008, a avaliação pessoal positiva de Lula atingiu recorde histórico de 80,3%.

reúne as expectativas de cerca de cem instituições financeiras, apontou para uma contração de 0,19% do PIB em 2009, algo que não acontece desde 1992.

Outro indicador que reflete as conseqüências da crise mundial no Brasil é o desemprego nas seis maiores regiões metropolitanas do País, medido pelo IBGE. O índice passou de 7,6% em novembro de 2008 (a menor taxa para o mês desde o início da série, em 2002) para 8,5% em fevereiro de 2009.

Essa mudança de cenário e a conseqüente percepção da população de que a crise não era simplesmente uma “marolinha que não dá nem para esqui” fez com que os índices de aprovação do governo e de confiança no presidente Lula caíssem no primeiro trimestre de 2009²⁰⁷. De acordo com o Datafolha, a avaliação “ótimo/bom” baixou de 70% para 65% entre novembro de 2008 e março de 2009. A classificação do governo Lula como “regular” subiu de 23% para 27% e como “ruim/péssimo”, de 7% para 8%. O instituto Datafolha também apurou uma piora na avaliação do desempenho de Lula na área econômica no mesmo período. O índice de “ótimo/bom” caiu de 61% para 53%; “regular” saltou de 29% para 35%; “ruim/péssimo” passou de 8% para 10% e a porcentagem dos que não opinaram manteve-se em 2%.

O episódio da “marolinha” é exemplar para podermos avaliar em que medida o governo pode criar realidades econômicas por meio de discursos. Ao subestimar o tamanho da crise, Lula estava, simplesmente, exercitando uma das características mais recorrentes de sua fala, que é o otimismo exacerbado. Conhecedor da teoria das chamadas “profecias auto-realizáveis”, o presidente sabia muito bem que, se viesse logo de início com um discurso negativista, isso teria um reflexo direto na economia do País. Diante de expectativas ruins, o empresário deixa de investir, o consumidor não compra, o comerciante não vende e o desemprego aumenta.

O grande perigo desse tipo de atitude é que, ao minimizar o tamanho da crise, o governo poderia deixar de tomar medidas para combatê-la, o que, felizmente, não ocorreu. Ou seja, enquanto o presidente Lula cumpria seu papel de não colocar mais lenha na fogueira, a equipe econômica agiu com redução da carga tributária em setores

²⁰⁷ Os números do Ibope foram apontados anteriormente na nota de rodapé de número 196.

estratégicos como da construção civil e automobilístico²⁰⁸, baixou os juros²⁰⁹ (ainda altíssimos) e cortou R\$ 21,6 bilhões do Orçamento de 2009.

O presente estudo trás ainda outros indicadores de como o discurso do presidente pode, efetivamente, alterar as condições econômicas do País. O exemplo mais direto, já citado no início do trabalho, foi dado fora do recorte temporal determinado, mas merece o destaque. Ao afirmar, em cadeia de rádio e TV, que, diante da crise o consumidor não pode ter “medo de consumir com responsabilidade”, Lula dá uma contribuição importante para que a economia se mantenha aquecida.

Ao orientar o consumidor a não comprar algo que esteja acima do preço, como fez em 4 de julho, no Palácio do Planalto, o presidente também colabora para a manutenção dos índices de inflação. Na ocasião, Lula disse que se o dono de um estabelecimento notar, por exemplo, que várias pessoas olham um produto e não levam, ele vai perceber que o item está caro e vai baixar o valor. “Se você for comprar um caderno numa livraria e achar que ele está caro, a boa política indica que você não deve comprar”, disse o presidente.

Acredito também que a prática do presidente de elevar a auto-estima do brasileiro, que ganha legitimidade pelo exemplo pessoal de superação do próprio Lula, exerce uma influência, ainda que indireta, na economia brasileira. Frases como “ninguém, na face da terra, respeita quem não se respeita; ninguém gosta de quem não gosta de si próprio” ou “desde o tempo do movimento sindical, eu sempre acreditei que o homem é capaz de fazer tudo aquilo que se dispõe a fazer. Eu acho que a capacidade do ser humano é ilimitada” e “só depende da nossa confiança em nós mesmos” têm, a meu ver, um poder considerável de motivação pessoal, o que, num contexto mais amplo, pode, sim, afetar nossa atividade econômica como um todo.

Nesse aspecto estou plenamente de acordo com o presidente. Sei, por experiência própria, como a autoconfiança é imprescindível para enfrentar obstáculos

²⁰⁸ O ano de 2009 teve o melhor março da história em venda de veículos automotores, com a comercialização de 271.494 unidades, número 17% superior ao registrado no mesmo período de 2008. O recorde ocorreu porque o governo reduziu o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos veículos e havia a expectativa de que a medida não fosse estendida para o segundo trimestre. No final, o benefício foi renovado por pelo menos mais três meses.

²⁰⁹ Entre janeiro e março de 2009, o Banco Central reduziu a Selic em 2,5 pontos percentuais, de 13,75% para 11,25% ao ano, a menor taxa da história.

aparentemente intransponíveis. Os seis anos em que estive no Exército Brasileiro²¹⁰ foram fundamentais para que eu percebesse que nossas capacidades vão muito além do que imaginamos. O incentivo para que avancemos, portanto, é sempre bem-vindo, seja por meio de palavras e exemplos, no caso do presidente, ou pela pressão das circunstâncias, em se tratando do trabalho de um oficial numa unidade operacional do Exército.

Outra questão colocada foi se o presidente, ao abusar das metáforas e comparações e explicar de forma didática os assuntos ligados à economia, está simplesmente traduzindo os acontecimentos para uma linguagem mais acessível à população ou criando uma realidade distinta. Os exemplos destacados no presente trabalho indicam que, na maioria dos casos, Lula cumpre seu papel de facilitar a compreensão dos fatos pelo povo, sem que haja qualquer desvio de conteúdo. Há, no entanto, alguns episódios em que o presidente avança o sinal e diz coisas que não podem ser comprovadas ou que, efetivamente, não condizem com a verdade.

Um exemplo claro, já citado duas vezes nesse estudo, foi a orientação de Lula, no programa “Café com o Presidente” de 5 de maio, para que a população denunciasse os donos de postos que reajustassem o valor do combustível por conta do aumento da Cide. Como não vivemos em regime de tabelamento de preços, fica evidente que a fala foi um ato demagógico.

Ao afirmar, em 9 de maio, que a elevação ao grau de investimento pela agência Standard & Poor’s significava que o Brasil tinha sido reconhecido como “um país altamente desenvolvido”, Lula também extrapolou, pois, como dito anteriormente, a distinção não está relacionada diretamente com o nível de desenvolvimento, mas com a capacidade de o país honrar seus compromissos financeiros. Além do mais, não creio que alguém em sã consciência possa acreditar que o Brasil, com tantas mazelas sociais, seja considerado altamente desenvolvido.

No dia 5 de maio, Lula também utilizou uma imagem, a meu ver, inapropriada para ilustrar a afirmação de que o PAC, com R\$ 504 bilhões, era o maior investimento em infra-estrutura da história do País. O presidente disse ao povo de Teresina, no

²¹⁰ Deixei o Exército em 1994, como 1º Tenente. Na época, servia no 11º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, instalado no bairro do Ibirapuera, em São Paulo.

Piauí, que a quantia “daria para encher este terreno aqui de dinheiro, para a gente fazer ferrovias, fazer portos, fazer aeroportos, fazer estradas, fazer casas, fazer saneamento básico, fazer escolas, fazer hospital...”. Sem entrar no mérito do tamanho do terreno a que se referiu o presidente, a utilização da imagem de uma montanha de dinheiro que pudesse resolver todas as carências daquela população soou como uma promessa vazia. Não há dúvidas de que o efeito político desse tipo de discurso é positivo para a imagem de Lula, mas eu pergunto: quase um ano depois desse episódio, quantos projetos para construção de ferrovias, portos, aeroportos e estradas estão em andamento, hoje, no Estado do Piauí? Quantas escolas e quantos hospitais foram construídos?

A forma como o presidente se referiu às descobertas de petróleo na camada do pré-sal também ultrapassou, em alguns momentos, a linha tênue que separa o otimismo exacerbado de uma promessa sem garantias de cumprimento. Em 29 de maio, em El Salvador, Lula disse que havia grandes possibilidades de o Brasil tornar-se “um dos três países com maior reserva de petróleo do mundo”. Em 26 de junho, em Brasília, disse que se Deus o ajudasse, faria “uma revolução na educação, na saúde” com o dinheiro do petróleo. Passado, no entanto, quase um ano das declarações, a Petrobras ainda nem divulgou um plano detalhado de exploração da área do pré-sal, que se estende pela costa brasileira do norte de Santa Catarina ao sul do Espírito Santo²¹¹.

Há ainda episódios em que, ao criticar a oposição, o presidente faz afirmações baseadas em convicções políticas que não podem ser confirmadas. Em 10 de junho, em Campinas, Lula disse que os parlamentares oposicionistas votaram contra a prorrogação da CPMF “com vontade de que as coisas não dessem certo”. Em 2 de julho, em Curitiba, o presidente afirmou que “tem gente torcendo para que tenha inflação para poder ter um discursinho e falar mal do governo”. Não acredito que os votos contrários à CPMF tenham sido dados pelos motivos alegados por Lula. O que nos pareceu foi que o Congresso percebeu que não havia mais a necessidade de prorrogar um tributo que incidia em cascata sobre diversos setores da economia e que, apesar de levar o “provisório” na denominação, estava se tornando permanente.

²¹¹ A queda significativa do preço do petróleo desde meados de 2008, quando o barril chegou a US\$ 146,00, reduziu bastante as expectativas em torno da camada do pré-sal. O diretor financeiro da Petrobras, Almir Barbassa, disse, no entanto, em 11 de março de 2009, que o pré-sal é viável, mesmo com o barril de petróleo abaixo dos US\$ 40,00.

Acrescenta-se ainda o fato de que a carga tributária brasileira atingiu, em 2008, a mais do que significativa parcela de 36,56% do PIB, segundo o Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário. A referência à inflação segue a mesma linha das acusações de que os opositores torcem para que as coisas dêem errado. Trata-se de um discurso de Lula que não pode ser comprovado, mas que, repetido à exaustão, coloca o povo contra os opositores ao governo.

.....

A análise dos blogs, que de início nos pareceu que pudesse ser de grande valia para a obtenção de dados acerca dos chamados “discursos ingênuos” de Gramsci, mostrou-se insuficiente, já que os comentários inseridos pelos internautas normalmente seguem um padrão determinado ou pelo autor do blog ou pela linha editorial da publicação em que aquele espaço de debates está inserido. Quando me refiro a um padrão determinado pelo autor não significa concordância com o que é “postado”. O caso dos bonés na Stock Car, que foi parar no blog de Josias de Souza, é exemplar. O jornalista publicou o fato de forma tão negativa para o presidente que o resultado foi uma chuva de mensagens a favor²¹² de Lula. Outro exemplo foram as mensagens relacionadas a Lula encontradas no blog de Reinaldo Azevedo, da revista Veja, quase todas contrárias ao presidente.

Outro aspecto que merece ser analisado é como uma característica de Luiz Inácio Lula da Silva que fazia parte dos fatores de rejeição se transformou em mérito. Refiro-me à falta de escolaridade do atual presidente da República. Joelson Beting tratou da questão ao longo do trabalho ao afirmar que o despreparo de Lula foi, no início, um dos motivos que fizeram com que ele não emplacasse. Segundo o jornalista, “ninguém achava ele preparado para ser vereador”. Joelson disse ainda que Lula “tinha medo de ser tratado como despreparado”, por isso “o partido fazia blindagem do despreparo dele”.

²¹² O blog de Josias de Souza está inserido no site da Folha Online, da Folha de S. Paulo. Se o blog estivesse, por exemplo, no site do O Estado de S. Paulo, de perfil mais conservador, talvez a reação fosse diferente.

Creio que um dos motivos para essa mudança de percepção do povo em relação ao preparo de Lula seja o fato de o presidente, orientado por assessores²¹³, não utilizar a falta de escolaridade como um aspecto positivo de sua trajetória. Apesar de não ter concluído o ensino fundamental, o presidente é, hoje, um entusiasta da educação formal. Quando se refere ao passado, Lula costuma lamentar o fato de, segundo ele, não ter podido estudar. Em discurso em 12 de junho, no Palácio do Planalto, o presidente lembrou, por exemplo, do tempo em que, aos 12 anos, trabalhava como tintureiro. “Certamente que se eu tivesse condições de não trabalhar e estar na escola, seria infinitamente melhor”, disse Lula.

Além disso, a prática demonstrou que a habilidade política de Lula compensa a deficiência na formação escolar. O presidente soube cercar-se de assessores capacitados, principalmente nos setores mais estratégicos do governo, como da economia, saúde, educação e desenvolvimento social. Portanto, o que, de início, aparecia como desconfiança, transformou-se em fator de identificação do presidente com a população mais pobre, em boa parte, excluída da escola ou com as mesmas dificuldades de Lula em conciliar o ensino e o trabalho.

Por fim, cabe analisar, sob o ponto de vista dos conceitos da narrativa, como o discurso de Lula se institui como uma entidade, algo que existe na essência, tornando secundária a veracidade do que é dito. Para isso, lembramos o que afirmou Joelson Beting em relação ao presidente da República. “Nós temos, hoje, um Lulismo de padrão Getulismo, ou seja, é um mito acima do bem e do mal”.

Se levarmos em consideração os dois grandes modos narrativos apontados por Yves Reuter na obra “A Análise da Narrativa”, verificamos que o presidente Lula utiliza em boa parte de suas falas o meio mais apropriado para a aceitação de seus discursos como verdadeiros. Refiro-me ao modo de “mostrar”, também chamado *mimese*. Segundo o autor, “no modo do ‘mostrar’, as cenas ocupam um lugar importante. Trata-se de passagens textuais que se caracterizam por uma forte visualização, acompanhada principalmente de falas de personagens e de um excesso de detalhes. Temos a impressão de que aquilo se desenrola diante dos nossos olhos, em tempo

²¹³ Um episódio no documentário *Entreatos* ilustra bem essa prática. O então secretário de Imprensa Ricardo Kotscho diz a Lula para não ficar falando da falta de escolaridade. A preocupação do assessor, provavelmente, era de que o discurso soasse como apologia ao despreparo educacional.

real”. Yves Reuter prossegue. “No modo do ‘mostrar’, as falas estão muitas vezes presentes sem a mediação do narrador, como se fossem diretamente pronunciadas pelas personagens e reproduzidas, sem alteração, sob a forma de monólogo ou de diálogo, com uma predominância do discurso direto. O efeito do real é reforçado”, escreve²¹⁴.

Nos três meses de discursos do presidente analisados nesse trabalho é possível encontrar diversos episódios em que Lula incorpora personagens e reproduz diálogos, muitas vezes até imitando as vozes ou a forma de falar do interlocutor. Não há dúvidas de que essa forma de comunicação contribui para que o discurso do presidente seja recebido como algo real. Lula sabe disso, pois a interação com o público é bem maior quando ele conta histórias, principalmente quando o personagem é ele mesmo. Como já destacado anteriormente, isso é notório nos áudios disponibilizados na página da Presidência da República na internet. As palmas, os gritos e as risadas são um claro sinal de que Lula está agradando a platéia.

E por perceber esse efeito, Lula repete a fórmula à exaustão. Ao discorrer sobre a impossível neutralidade das palavras na obra “A Análise da Narrativa”, Yves Reuter retoma um conceito difundido por Bakhtin, de que “a linguagem é um veículo de ideologia, não existindo texto inocente”. Reuter diz o seguinte: “Antes de tudo, jamais algo é dito ou contado de maneira neutra. Toda palavra e todo enunciado correspondem a uma dupla escolha fundadora: escolha do que é dito, escolha da maneira de dizer. Nesse tocante, toda palavra, todo enunciado e toda narrativa portam valores e intenções que os opõem potencialmente a outras palavras, outros enunciados e outras narrativas. Portanto, o contar é sempre acompanhado de saberes, valores e efeitos”.

É bem provável que Lula nunca tenha lido Bakhtin ou Reuter, mas é certo que nosso presidente sabe escolher com maestria as palavras e a forma de dizê-las. “Ele fala direto ao coração dos mais pobres”, afirmou a médica Ceuci, que mora em Salvador. “Esse é o cara”, disse o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em

²¹⁴ O outro modo narrativo citado por Yves Reuter é o do “contar”, também chamado de *diegese*. “O narrador é aparente e não dissimula sua presença”, explica. Segundo o autor, trata-se, sem dúvida do modo “mais freqüente na nossa cultura, das epopeias às notícias de jornal, passando pelos romances”.

conversa informal durante encontro de dirigentes do G-20, em 2 de abril de 2009, em Londres. Obama foi além: “Eu adoro esse cara. É o político mais popular do mundo”.

5 - Bibliografia

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1987.

AUSTIN, J.L.. *Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin – Outros Conceitos-chave*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. Campinas, Pontes, 1987.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Editora Atlas, 1991.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.

LEECH, Geoffrey. *Principles of Pragmatics*. Nova York, Longman Linguistics Library, 1983.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em Comunicação*. São Paulo, Edições Loyola, 2005.

MOREL, Mário. *Lula – o Início*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.

REUTER, Yves. *A Análise da Narrativa – O Texto, a Ficção e a Narração*. Rio de Janeiro, Difel, 2007.

SEARLE, John R.. *Mente, linguagem e sociedade – filosofia no mundo real*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

Outras fontes:

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

Jornal “Folha de S. Paulo”

Jornal “O Estado de S.Paulo”

Site da Presidência da República